

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**DOUTORADO EM LITERATURA COMPARADA**

**DUAS ESCRITAS: O DISCURSO CIENTÍFICO E A NARRATIVA LITERÁRIA EM**  
***CASA-GRANDE & SENZALA***

TATIANA BATISTA ALVES

**NITERÓI**  
**2007**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**TATIANA BATISTA ALVES**

**DUAS ESCRITAS: O DISCURSO CIENTÍFICO E A NARRATIVA LITERÁRIA EM  
*CASA-GRANDE & SENZALA***

**Tese de Doutorado em Letras (área de Estudos  
Literários, subárea Literatura Comparada) apresentada  
à Coordenação dos Cursos de Pós-graduação em Letras  
da Universidade Federal Fluminense (UFF).**

Prof. Dr. Paulo Bezerra – Orientador

**NITERÓI  
2007**

**DUAS ESCRITAS: O DISCURSO CIENTÍFICO E A NARRATIVA LITERÁRIA  
EM CASA-GRANDE & SENZALA**

por  
**TATIANA BATISTA ALVES**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Letras (área de Estudos Literários, subárea Literatura Comparada), tendo sido julgada pela Banca Examinadora formada pelos professores:

---

Prof. Dr. Paulo Bezerra – Orientador, Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

Prof. Dr. Eduardo de Assis Duarte – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

---

Prof. Dr. Gustavo Bernardo Krause – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

---

Prof. Dr. Luis Felipe Ribeiro – Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Vera Folain de Figueiredo – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO)

Niterói, 1º semestre de 2007.

*Ao Ignacio, com muito amor.*

## AGRADECIMENTOS

- Ao professor Paulo Bezerra, pela constante dedicação, seriedade, atenção e gentileza na orientação desta pesquisa. Obrigada pelo maravilhoso curso sobre a teoria bakhtiniana, espaço responsável pelo primeiro *insight* da tese.
- Aos professores membros desta Banca Examinadora, pela gentileza em participar da realização de parte deste projeto.
- À Universidade Federal Fluminense (UFF), em especial ao Programa de Pós-graduação em Letras;
- À Fundação Gilberto Freyre na figura de seu dirigente, Sr.<sup>a</sup> Sônia Maria Freyre Pimentel, e à Ana Claudia Gouveia Araújo, coordenadora do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre, pela paciência e gentil presteza com que disponibilizou acesso a biblioteca e arquivos.
- Ao professor Manuel de Carvalho Almeida, Chefe do Departamento de Língua Portuguesa e Literaturas do Colégio Pedro II, à professora Silvana Bayma, Coordenadora Pedagógica do setor, e a todos os colegas da equipe, pela solidariedade.
- Ao meu marido Ignacio, pela força, pelo apoio e pela compreensão nos momentos de ausência.
- Aos meus pais e minha irmã, pelo eterno carinho.
- À amiga professora Silvia Rosa, pela cuidadosa e sincera revisão.
- À amiga professora Margareth, pelo auxílio e revisão do *abstract*.
- À amiga professora Simone, pelo auxílio e revisão do *résumé*.
- Ao amigo Benito, pelos momentos de embate crítico e discussão enriquecedora.
- Aos colegas do IFCH/UERJ, pela compreensão no início do meu curso de Doutorado.
- A todos os amigos e familiares que de uma forma ou de outra tornaram possível este projeto.

## RESUMO

A tese detecta que o texto *Casa-grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, é construído através de duas bases fundamentais — o discurso científico e a narrativa literária — que dialogam em harmonia e estabelecem um campo de sentidos singular nas Ciências Sociais do início do século XX. Essa constatação foi estimulada ao verificarmos que o texto freyreano — ensaio sociológico — produz algumas imagens que não pertencem à categoria do científico. Dessa forma, avaliamos tais passagens, examinando de que maneira a construção de sentidos é realizada e constatamos a presença de inúmeras marcas literárias. Algumas das principais idéias da obra — dentre elas o mito da democracia racial — são produzidas muito mais por meio de uma expressão literária, isto é, de uma construção verbal capaz de produzir sentidos que transcendem a própria linguagem, que através do campo dos conceitos em si.

Após o inventário dos principais sentidos construídos no texto, pudemos concluir que *Casa-grande & Senzala* fez uma das interpretações mais ricas, inovadoras, polêmicas e contraditórias do Brasil. Para afirmar e comprovar que a sociedade e a cultura brasileira são de natureza híbrida, o autor constrói também um texto híbrido, que dialoga com diversas formas de representação, estabelecendo, assim, uma comunhão perfeita entre o objeto de investigação e o texto que o representa.

Palavras-chave: Hibridismo, discurso científico, narrativa literária, interpretação do Brasil, imagens.

## ABSTRACT

The thesis detects that *Casa-grande & Senzala*, by Gilberto Freyre, is built through two fundamental bases — the scientific discourse and the literary narrative —, which communicate harmonically and establish a singular semantic field within Social Sciences in the beginning of the twentieth century.

This could be realized as we verified in the freyrean text — sociologic essay — the production of some images that are not part of the scientific category. This way, we evaluate these parts, examining in which way the semantic construction is built, and we are able to identify the presence of several literary marks. Some of the main ideas of the text, among which is the myth of racial democracy — surpass the concept field, once they are produced through a literary expression, that is, a verbal construction capable of producing meanings which transcend language itself. After the inventory of the main images built in the text, we can conclude that *Casa-grande & Senzala* provided one of the richest, newest, most polemic and contradictory interpretations of Brazil. In order to affirm and prove that the Brazilian society and culture are of a hybrid nature, the author also produces a hybrid text which communicates with several ways or representation, establishing, thus, a perfect communion between the investigation object and the text which represents it.

Key words: Hybridism, scientific discourse, literary narrative, interpretations of Brazil, images.

## RÉSUMÉ

La thèse détecte que le texte *Casa-grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, est construit à travers deux bases fondamentales — le discours scientifique et le récit littéraire — qui dialoguent en harmonie et établissent un champ de sens singulier dans les Sciences Sociales du début du XXe. siècle. Cette constatation a été stimulée quand on a vérifié dans le texte *freyreano* — essai sociologique — la production de quelques images qui n'appartiennent pas à la catégorie du scientifique. De cette façon, nous évaluons ces passages en examinant comment la construction de sens est réalisée, et nous constatons la présence d'innombrables marques littéraires. Certaines des principales idées de l'oeuvre — comme le mythe de la démocratie ethnique — dépassent le champ des concepts, car ils sont produits à travers une expression littéraire, c'est-à-dire, d'une construction verbal capable de produire des significations qui surpassent la langage elle-même. Après l'inventaire des principales images construites dans le texte, nous pouvons conclure que *Casa-grande & Senzala* a fait une des interprétations plus riches, plus innovatrices, plus controversées et plus contradictoires du Brésil. Pour affirmer et vérifier que la société et la culture brésilienne sont de nature hybride, l'auteur construit aussi un texte hybride qui dialogue avec de formes différentes de représentation en établissant, ainsi, une communion parfaite entre l'objet de recherche et le texte qui le représente.

Mots-clés : hybridisme, discours scientifique, récit littéraire, interprétation du Brésil, images.

*...em minha discreta opinião, senhor doutor, tudo quanto  
não for vida, é literatura, A história também, A história  
sobretudo, sem querer ofender.  
(José Saramago – História do Cerco de Lisboa)*

## SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	9
2 – O ENSAIO FREYREANO: DIALOGISMO DE FORMAS DISCURSIVAS ....	20
3 – A RECEPÇÃO DA OBRA .....	49
4 – A MATÉRIA E O DISCURSO HÍBRIDOS EM <i>CASA-GRANDE &amp; SENZALA</i>	84
5 – DUAS ESCRITAS: O DISCURSO CIENTÍFICO E A NARRATIVA LITERÁRIA .....	108
6 – AS IMAGENS DE <i>CASA-GRANDE &amp; SENZALA</i> .....	135
6.1 – O índio .....	135
6.2 – O português .....	144
6.3 – O negro .....	152
7 – CONCLUSÃO .....	163
8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	178
9 – ANEXO .....	191

## 1 – INTRODUÇÃO.

“... uma história se conta, não se explica.”  
(Jorge Amado)

Sob o título *A narrativa literária em Casa-grande & Senzala*, a pesquisa terá o propósito de detectar a aproximação da obra com a Literatura e de investigar o seu papel na formação da identidade nacional, através de uma análise detalhada da construção de seu discurso. A fundamental observação a ser feita é que a leitura dessa obra nos leva para um campo de sentidos muito mais amplo que o campo da ciência (dos conceitos), porque, somado a este, há uma atuação imaginativa capaz de arrastar o leitor ao nível da imaginação. É uma obra lírica que conta a história do nascimento do Brasil, fruto de um português lúbrico e de uma bela índia lambuzada de vermelho. Neste sentido, trata-se de uma criação mítica.

Antes de ser um enfoque sociológico sobre a formação da sociedade brasileira, a obra é uma representação cultural da mesma, na qual a subjetividade estabelecerá uma ponte entre a ciência e a ficção. Portanto, negar que há uma questão literária implica reduzir, significativamente, as possibilidades de sentidos da obra. Esta tese tem o propósito de fazer o contrário: entendendo que *Casa-grande & Senzala* ultrapassa o campo dos conceitos científicos, ampliar a sua compreensão.

Participando do conjunto de obras fundamentais para a interpretação e explicação do Brasil, *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*, aqui citado apenas de *Casa-grande & Senzala*, é uma obra que produz teoria da cultura através de um método científico e de uma forma literária. Devido à sua inovação na metodologia científica, que abre as portas para as Ciências Sociais no Brasil, a obra de Gilberto Freyre é riquíssima de fatos oficiais da História do Brasil colônia e, sobretudo, de fatos da história da intimidade da família brasileira — uma novidade para

a época. Em seu diário de mocidade, o autor Gilberto Freyre esclarece que, na verdade, a História e as Ciências Sociais devem ser encaradas como um conjunto de vivências:

“Daí poder dizer-se que, em essência, a História, a Antropologia e, paradoxalmente, a própria Sociologia, não são senão a reunião de inúmeras biografias. Pelo menos não deveria a História ser senão isto: a essência de inúmeras biografias.” (Freyre, 1975:22)

Misturados a esses episódios, une-se o estilo artístico da sua narrativa que, por vezes, abre espaço para a inserção de um imaginário literário. Esse trânsito livre pelos diversos discursos do saber faz com que o ensaio freyreano seja uma obra híbrida, que não possui um lugar definido em um tipo específico de gênero textual, uma obra que dialoga com o discurso científico do início do século XX, questiona o seu rigor e aponta suas debilidades e ineficiências.

Compreender *Casa-grande & Senzala* como uma obra que transita na fronteira entre a ciência e a literatura não é nenhuma idéia escandalosa. O próprio Gilberto Freyre interpretava a história social do Brasil colônia como se ela — a história — fosse carregada de um estilo romanesco, como se fosse a mais verdadeira ou, talvez, a única colonização acontecida de fato na América.

A história social da casa-grande é a história íntima de quase todo brasileiro: de sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; da sua vida de menino; do seu cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pelas credices da senzala. O estudo da história íntima de um povo tem alguma coisa de introspecção proustiana; os Goucourt já o chamavam “ce roman vrai”. (*C.G.S.* prefácio à 1ª edição, lxx)<sup>1</sup>

Seu olhar lírico sobre o período da colonização acaba metamorfoseando a história através da forma literária, se forem considerados os discursos historiográficos e científicos tradicionais da época. Não se trata de uma transformação do objeto sob o aspecto negativo,

---

<sup>1</sup> Todas as citações de *Casa-grande & Senzala* partem da edição FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime e economia patriarcal*. 36ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. Elas serão referidas por *C.G.S.*, para simplificar a leitura.

de depreciação; ao contrário, o seu método de abrangência multidisciplinar permite um novo olhar sobre a história social da colônia, uma reflexão mais natural e livre dos rigores científicos que, muitas vezes, limitam as possibilidades de interpretação. Trata-se de uma obra sobrecarregada de mitos que se abre para se relacionar e acolher as diversas formas de representação cultural brasileira e que procura narrar o “nascimento do Brasil” com o auxílio da veia artística e com a imaginação das grandes ficções, lançando-se no tempo numa admirável conversão de símbolos operada pela linguagem e pelo estilo. Diferenciando-se dos demais discursos, a vertente imaginada foi narrada de uma forma mais livre e solta, por uma linguagem que se renova por conta das diversidades de discursos e por conta dos estratos “romanescos” da língua literária.

Ao contrário do discurso tradicional, o autor não conclui e não traça uma “verdade científica”, isto é, não comunga com a idéia de uma tese efetivamente acabada:

Em *Casa-grande & Senzala*, [há] um grande poder de criação artística, sobrepondo-se a uma documentação rigorosamente científica. (...) Da obra-prima da sociologia brasileira, verdadeira epopéia e — como todas as epopéias — sem começo, sem fim e sem conclusões, a gente pode tirar conclusões em favor da época patriarcal, recordada com saudades íntimas, e outras conclusões, diferentes, em favor da reforma radical, da abolição das injustiças do regime latifundiário.”. (Carpeaux, Otto Maria. In. Coutinho, 1983:91)

Dentro dos recursos literários utilizados por Gilberto Freyre na produção de sentidos, destacamos o forte apelo para a visão, ainda que os demais sentidos sejam também recorrentes. A visibilidade das coisas será produzida através da preciosa elaboração da linguagem, do desenvolvimento de metáforas e de alegorias. É importante perceber que não se trata de uma simples visualização realista de um passado; ao contrário, a imaginação plástica se caracteriza, sobretudo, pela capacidade de tornar visível aquilo que está no plano do espiritual e do abstrato, como no exemplo abaixo.

Depois deles, mas sem a mesma rigidez, padres-mestres e capelães de engenho procuraram contrariar a influência dos escravos, opondo-lhe um português quase de estufa. Mas quase em vão.

Embora tenha fracassado o esforço dos jesuítas, contribuiu entretanto para a disparidade, a que já aludimos, entre a língua escrita e a falada do Brasil: a escrita recusando-se, com escrúpulos de donzelona, ao mais leve contato com a falada; com a do povo; com a de uso corrente. (C.G.S., 333)

Na passagem acima, verificamos que, de forma especial, Freyre conseguiu intensificar a informação de que a língua escrita no Brasil colonial procurou ser uma espécie de ferramenta reguladora contra as influências do falar dos escravos, o qual já se refletia fortemente na língua oral. É inevitável a imagem que se forma do português escrito como um objeto moldado, “quase de estufa”, perfeito, rígido, “com escrúpulos de donzelona”, incapaz de absorver “impurezas” da língua popular ou de ser quebrado e “amaciado” pelo falar dos negros, como se deu na língua falada. Aquilo que, a princípio, parece invisível, devido a sua abstração, transforma-se em imagens bem definidas através das palavras, construindo um sistema vivo e dramático, no qual as palavras parecem possuir cor, cheiro, forma e sabor.

Sobre a influência das palavras africanas em nosso vocabulário, o autor diz que são “as palavras que correspondem melhor que as portuguesas à nossa experiência, **ao nosso paladar, aos nossos sentidos** e emoções.” [grifo nosso] (C.G.S. 334). Parece, então, que o autor comunga com o falar dos escravos, já que as palavras, para ele, devem produzir **sensações** e plasticidade, condições necessárias para a linguagem literária. Assim, não só a sociologia deve estar na poesia, também a poesia deve estar na sociologia. O forte apelo às metáforas, às metonímias e à sinestesia intensifica as imagens visuais e comunica expressividade ou poeticidade à obra. Na alusão a essas características de sua obra, é importante lembrar a recomendação do autor, em *Como e porque sou escritor*, para que o tomemos antes como um escritor do que como um sociólogo, explicando a sua vontade subjetiva de produzir ciência social com visão literária. Ao ser escritor antes de sociólogo

(cientista), Gilberto Freyre despreza efetivamente os compromissos com o rigor metodológico e acadêmico e escreve a sua maneira, deixando a veia artística se manifestar livremente. É importante notar que se aliar com a Literatura não significa falta de comprometimento com a ciência, mas, sim, com os mecanismos que ordenam o discurso científico.

Para entender os pontos da obra que lhe conferem literariedade e a posicionam como um discurso híbrido e dialógico, a pesquisa fará um exame da estrutura narrativa, através de cinco tópicos.

O primeiro momento da tese procura estabelecer uma definição de “ensaio”, como gênero discursivo, examinar suas características estruturais e funcionais, para, então, perceber em que medida *Casa-grande & Senzala* se acomoda a esse tipo de gênero. Dessa forma, após o esclarecimento sobre o que é o ensaio, será feito um inventário das marcas que fazem a obra freyreana se aproximar e as que a fazem se afastar da estrutura ensaística. Nesse percurso, também procuraremos detectar marcas genuínas do ensaio freyreano.

Como suporte teórico, utilizamos as definições de ensaio de Adorno e de Lukács, que apresentam esse gênero como um dialogismo de formas discursivas, em que o discurso científico caminha concomitantemente com uma espécie de forma artística. Portanto, o ensaio acaba sendo também um objeto de criação. Esclarecendo melhor, todo texto é fruto de criação, todavia, o que propomos é que o ensaio, particularmente *Casa-grande & Senzala*, é um texto que observa e avalia um objeto externo (a família patriarcal brasileira), mas que acaba ultrapassando esse objetivo, na medida em que o texto torna-se um objeto, isto é, toma vida própria, que lhe é conferida a partir da sua forte relação com as formas genuinamente literárias. Portanto, já no primeiro capítulo da tese, abriremos a reflexão sobre o diálogo entre ciência e literatura na obra de Gilberto Freyre – a concepção do texto como produto de fronteiras.

O segundo momento da tese dá continuidade à reflexão anterior, na medida em que constata a estrutura aberta da obra, isto é, sua capacidade de apontar para inúmeras questões e não fechar em uma única conclusão. Portanto, é uma obra que possui ramificações de sentidos diversos, capazes de estimular interpretações, análises e críticas de todos os tipos e tendências. Para verificar tal hipótese, a tese faz uma breve apreciação histórica da recepção e da crítica de *Casa-grande & Senzala* em alguns momentos da nossa história, desde a sua publicação até os dias de hoje. Constataremos que, justamente porque dá margem a múltiplas interpretações, o ensaio será ora aclamado, ora depreciado pela crítica, de acordo com o momento político.

Além dessa plurissignificação contribuir para as diferentes leituras, o autor teve uma vida muito polêmica, o que fez muitos confundirem autor e obra. Aos 18 anos, Gilberto Freyre segue para os Estados Unidos para estudar nas Universidades de Baylor e de Columbia, onde inicia sua caminhada acadêmica. De lá, segue para a Europa, passando pela Universidade de Sorbonne e de Oxford. Volta ao Brasil em 1923, mas, em 1930, foge de Recife, acompanhando o governador Estácio Coimbra, deposto pela Revolução de 30. Segue primeiro para Lisboa, onde escreve *Casa-grande & Senzala*, e depois para a Califórnia, numa estadia que dura até o ano de 1932. Retorna ao Brasil, mas em 1935, ao se sentir perseguido pelo Governo Vargas, Gilberto Freyre se auto-exila por dois anos em Portugal e França. De volta ao Brasil, ocupa várias posições de prestígio. Torna-se presidente da UDN, de onde se opõe ao governo autoritário de Vargas. Em 1942, é preso e espancado junto com seu pai, por causa de um artigo, publicado no *Diário de Pernambuco*, em que acusava um padre beneditino alemão de ser racista e pró-nazista. Entretanto, apóia a ditadura de 1964, e, por isso, é criticado por vários intelectuais brasileiros. Morre em 1987. Notamos, portanto, que sua trajetória foi marcada por

inúmeras contradições e desventuras políticas, propiciando o clima polêmico que norteia sua fortuna crítica até hoje.

Um terceiro tópico da pesquisa é a constatação do caráter híbrido da obra, conceito que, aliás, será fundamental para a compreensão do ensaio.

Gilberto Freyre toma o hibridismo como elemento-chave para analisar seu objeto de pesquisa. Ele afirma que a sociedade brasileira é formada a partir de uma composição híbrida, em que prevalece o diálogo e o intercâmbio entre as três etnias (o índio, o negro e o europeu) e suas mais diversas manifestações culturais. Portanto, a idéia de povo mestiço passa pela noção de “híbrido”, de pluralidade, da confluência de diversidades. Para comprovar sua tese, o autor traz para o texto uma infinidade de representações brasileiras, oriundas do escravo africano, do índio e do português. O resultado disso é uma obra também de caráter híbrido, um texto formado a partir da justaposição de vários outros discursos (lendas, relatos da oralidade, documentos, receitas de comida, cantigas, imagens, biografias). *Casa-grande & Senzala* transforma-se, portanto, no objeto de criação, como se ele próprio fosse uma pintura que representasse a cultura e a sociedade brasileira.

A estrutura e a forma híbridas, meio rabelaisianas, que dialogam com vários discursos e fontes do saber, fazem com que a obra se aproxime de algumas características carnavalescas da tradição literária. Como suporte teórico para essa averiguação, utilizamos os estudos de Mikhail Bakhtin que apontam para as características básicas da cosmovisão carnavalesca relacionadas ao gênero sério-cômico.

O quarto momento desta pesquisa objetiva apontar a aproximação do ensaio freyreano com a Literatura, detectando as diversas marcas literárias presentes na obra. Para constatar a hipótese, analisamos várias passagens do texto cujo sentido ultrapassa o campo dos conceitos, isto é, quando o sentido é produzido pela criação verbal, com suas metáforas, metonímias, sinestesias e imagens, quando o sentido é o próprio texto.

Verificamos, assim, que *Casa-grande & Senzala* se comporta como uma espécie de “literatura em potência”, como matriz de visão cultural do Brasil que teve desdobramentos no campo literário.

Por fim, há um quinto tópico, em que analisamos e interpretamos as três grandes imagens criadas por Gilberto Freyre — o índio, o senhor e o escravo. Nesse capítulo, apontamos para as escolhas políticas e ideológicas do autor, sempre atreladas à discussão do diálogo entre discurso científico e narrativa literária. Essa relação é justificada na medida em que demonstramos como o seu ponto de vista, principalmente o mito da democracia racial, é conduzido e sugestionado muito mais pela força da criação literária do que pelo campo dos conceitos e idéias científicas.

*Casa-grande & Senzala* sempre me fascinou, não só por seu caráter enriquecedor no que tange à cultura brasileira e à formação de nossa sociedade, mas, sobretudo, pela própria narrativa. Esclarecendo melhor, minha relação com a obra freyreana se deu muito menos pela credibilidade do texto, baseado em fontes e documentos próprios de uma metodologia científica, e muito mais pelo grau de empatia entre o leitor e a obra. Como pesquisadora de literatura, logo me senti envolvida em examinar o que havia naquele texto capaz de estabelecer um ambiente e uma sensação de leitura mais próxima de um romance proustiano, por exemplo, que de um discurso científico. Foi dessas inquietações que nasceu a presente tese.

Pensar em *Casa-grande & Senzala* dentro dos estudos literários significa cogitar em quais aspectos o texto freyriano se aproxima da Literatura propriamente dita. Nessa perspectiva, há que se entender o conceito de ensaio (gênero textual em que é classificada a obra de Gilberto Freyre) e tentar definir em que lugar ele se ajusta: se dentro de uma narrativa literária, de um discurso científico ou em nenhum dos casos. Tal averiguação não é sem propósito para o pesquisador do objeto literário, pois implica a angustiante e

incessante tentativa de conceituar e definir o que é Literatura, o que é ficção e o que é realidade em um texto.

Como normalmente acontece com as pesquisas literárias e históricas, o método empregado na busca dos objetivos desta pesquisa foi exclusivamente o de análise do texto a ser investigado, seguido de coleta de críticas sobre *Casa-grande & Senzala*. Foram examinadas, também, algumas das diversas edições da obra, a fim de reunir, sobretudo, os prefácios e as críticas, inclusive de algumas edições estrangeiras, como a introdução de Fernand Braudel, na edição italiana, e o prefácio de Lucien Febvre, na tradução francesa, e, também, a edição venezuelana com o prefácio de Darcy Ribeiro. Por último, o contato com as demais obras produzidas por Freyre também foi fundamental para análise de *Casa-grande & Senzala*.

Foi de grande importância, também, a pesquisa que pude realizar na Fundação Gilberto Freyre (Recife – PE), onde coletei dados relevantes, a partir da consulta de materiais pessoais — correspondências para o autor; seus cadernos de rascunhos, sobretudo, os blocos de anotações para a produção de *Casa-grande & Senzala*; o 1º prefácio à obra, datilografado e com anotações de próprio punho; a sua biblioteca particular, além da sua antiga casa com objetos pessoais e da família em geral. Através do exame das cartas, tornou-se evidente a fácil penetração do autor nos diversos grupos intelectuais que variam cronológica e ideologicamente.

Ainda jovem, Freyre trocava correspondências com pessoas bem mais velhas que ele e que influenciaram sua formação intelectual, como Armstrong, seu antigo professor na Universidade de Baylor, e o estudioso brasileiro Oliveira Lima. Também trocou cartas ao longo de sua vida com estrangeiros, como os dois ensaístas norte-americanos que conheceu durante seus estudos nos Estados Unidos, Francis B. Simkins e H. L. Mencken, presentes bibliograficamente em *Casa-grande & Senzala*.

Gilberto Freyre também tinha grandes admiradores no grupo da nova historiografia francesa, os quais também participavam dessa troca de conhecimento epistolar. Georges Gurvitch, diretor dos *Cahier Internationaux de Sociologie*, enfatiza em algumas cartas a necessidade de fortalecimento dos laços culturais entre França e Brasil. Certamente, Freyre foi a grande ponte para esse intercâmbio intelectual, sobretudo após a edição francesa de *Casa-grande & Senzala*, em 1956. Através de correspondências também mantiveram contato com o autor membros da Escola da Anales, como Lucien Febvre e Fernand Braudel, e também Roger Bastide, que lecionou por anos no curso de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP), tendo formado Florestan Fernandes, seu maior discípulo no Brasil.

Portanto, por meio do inventário de suas correspondências, é possível perceber a permuta de conhecimento de Freyre com diversas pessoas do mundo, pois havia muita troca de informações e conteúdos, dentre os quais vários estão presentes em *Casa-grande & Senzala*.

Dentro de uma fortuna crítica tão ampla como a produção de pesquisas sobre a obra de Gilberto Freyre, e, particularmente, de *Casa-grande & Senzala*, foram selecionados alguns estudos que permitiram olhar para o tema específico, proposto nesta pesquisa. Para essa investigação, foi necessária uma reflexão transdisciplinar, a fim de observar paralelamente os processos social e imaginário da obra.

Esta pesquisa, que procura estabelecer as relações entre a ciência e a literatura no ensaio freyreano, fortalece a idéia de que o Brasil foi muito mais interpretado, analisado e refletido pela ficção do que pelo pensamento científico. A história nos mostra que a nossa sociedade sempre teve mais facilidade de pensar e explicar através da Literatura, porque ela sempre trabalhou com o homem brasileiro em si, nas suas peculiaridades e na sua intimidade. É importante notarmos que a história da vida privada, tão presente na obra de

Gilberto Freyre, é hoje uma das características gerais da Sociologia, mas sempre esteve presente na Literatura. Foi assim, por exemplo, com a poesia de Gregório de Matos, com romances de José de Alencar e de Machado de Assis, com o teatro de Arthur Azevedo. Também no início do século XX, o grupo de cientistas e intelectuais paulistas não conseguiu dar conta de explicar o nosso país plenamente através do pensamento marxista e de outras correntes de pensamento. Os maiores retratos dessa época estão na literatura de Graciliano Ramos, de Jorge Amado, de Rachel de Queiroz, de José Lins do Rego e nos ensaios de Gilberto Freyre, o qual foi abraçado pelo Brasil, justamente por ser uma mistura de sociólogo com escritor, que buscava na linguagem literária as bases necessárias para a construção do sentido do texto. Gilberto Freyre toma o homem comum no seu dia-a-dia para interpretar o que é ser brasileiro e se opõe aos estudos que procuravam analisar os grandes fatos em uma unidade maior que o homem em si: o Estado-nação. Dessa forma, tomando *Casa-grande & Senzala* sob esse viés, podemos afirmar que é um texto intimamente ligado com a tradição literária, na medida em que rompe com a geração positivista de Euclides da Cunha e resgata algo próprio da cultura brasileira: o conhecimento através da Literatura, revolucionando, assim, o discurso sociológico no Brasil.

## 2 – O ENSAIO FREYREANO: DIALOGISMO DE FORMAS DISCURSIVAS.

*Muita coisa importante não tem nome.  
(Riobaldo, Grande-Sertão: Veredas)*

A palavra ensaio, segundo *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda, significa “estudo sobre determinado assunto, porém menos aprofundado e/ou menor que um tratado formal e acabado”. A expressão vem do francês *essai* e *essayer*, que significa “experimentar, tentar”, mas antes mesmo houve no latim tardio o vocábulo *exagium*, que significa “pôr a peso, provar, estudar, experimentar”. Podemos afirmar que foi no século XVIII, com Montaigne, em seu famoso *Ensaio*, que esse gênero literário se institucionalizou, inaugurando a tradição ensaística a partir de uma escrita maleável, inacabada, assistemática e que costumava ter o próprio autor como ponto de partida para suas reflexões sobre a vida cotidiana. Entretanto, será que já não havia formas ensaísticas antes mesmo de Montaigne? Se o ensaio se apresenta, normalmente, como uma interpretação, uma visão sobre alguma coisa, é possível dizer que tais expressões sempre existiram, desde a Antigüidade Clássica.

O ensaio pode querer explicar uma pintura, um poema, uma idéia de mundo e muitas outras coisas. Na verdade, pode tratar de qualquer fato/objeto que existe ou já existiu. Trata-se de um tipo de texto que nos fornece uma idéia sobre algo, uma imagem de mundo, de um filme famoso ou de uma tragédia grega, por exemplo. Muitas vezes, lê-se um ensaio sobre determinada obra sem sequer ter lido a obra de que se fala.

Pensemos em *Romeu e Julieta*, de Shakespeare: uma obra ficcional do século XVI. Certamente, nossa visão de mundo hoje é bem diferente da sociedade inglesa daquela época, mas, mesmo assim, a peça ainda é muito lida e encenada em todos os cantos do

mundo. Essa é uma característica das obras de arte, em geral, sobretudo das grandes obras. A arte é uma forma de ver o homem e o mundo que ultrapassa os limites do real e transcende a própria linguagem. Por isso, não conseguimos medir com objetividade a sua forma e, do mesmo modo, sua leitura e efeito artístico podem ser atingidos em qualquer época e sociedade. A obra de arte é, pois, superior ao tempo linear.

O teórico russo Mikhail Bakhtin afirma que

“uma obra remonta com suas raízes a um passado distante e que as grandes obras da literatura são preparadas por séculos; na época de sua criação colhem-se apenas os frutos maduros do longo e complexo amadurecimento.” (Bakhtin, 2003:362)

Na verdade, a grande obra literária só permanece atual ao longo do tempo quando carrega o seu passado e dá continuidade a ele, de forma que o presente estabeleça a conexão entre passado e futuro, fato muito importante para o entendimento do ensaio de Gilberto Freyre, *Casa-grande & Senzala*, e que Bakhtin chamou de “grande tempo”: “As obras dissolvem as fronteiras de sua época, vivem nos séculos, isto é, no grande tempo.” (Bakhtin, 2003:362). É fato que, quando se quer investigar, por exemplo, a estrutura do átomo, certamente não se procura um livro científico de 1970, porque não terá mais serventia. Desse modo, serão lidas as últimas publicações sobre o assunto, porque esses são textos que pertencem apenas ao seu presente. Mas o ensaio não procede da mesma forma que o discurso científico. Mesmo com a visão de mundo diferente, não deixamos de ler ensaios de tempos passados. Por que isso ocorre?

Lukács, num estudo sobre o ensaio, aponta a razão desse fenômeno para sua natureza e sua forma. Ele afirma que o ensaio, apesar de se diferenciar das demais artes, é também uma forma de arte, pois apresenta forma e expressão artísticas:

“(…) it [art] faces life with the same gesture as the work of art, but only the gesture, the sovereignty of this attitude is the same, otherwise there is no correspondence between them.” (Lukács, 1974:18)

O ensaio é uma avaliação sobre um objeto, porém sua essência não é a conclusão, mas todo o processo de avaliação antes de seu término. Isso porque é uma visão de mundo, um ponto de vista e, assim, constrói uma nova obra, um novo mundo — o próprio ensaio. É um gênero que dá vida às coisas e possui mais autonomia se compararmos, por exemplo, ao mecanismo de construção de um texto puramente científico, em que não há espaços para a livre inspiração, embora caminhe por si próprio.

O ensaio pretende ser verdadeiro, quer trazer uma interpretação plausível sobre as coisas, entretanto sua subjetividade o afasta da esfera da ciência e o lança no terreno da arte literária. Criando valores e julgamentos a partir de si mesmo, o ensaio possui sua consistência na força de sua avaliação. Inúmeras vezes, é um texto que possui vida própria, porque supera aquilo que está analisando. Segundo Lukács, o objeto concreto acaba sendo usado apenas como ponto de partida para sua criação. Este é um ponto capital para pensarmos a obra de Gilberto Freyre.

O ensaio moderno não trata mais apenas de livros ou poetas, mas também do homem do seu mundo, permitindo que o ensaísta observe e conecte vários elementos num único texto. Isso, além de torná-lo mais vivo e independente, impede uma forma estática, única e fechada de produção de conhecimento, na medida em que seu olhar transcende a esfera da ciência. Há momentos em que seus “vôos” são contidos pelos fatos e pelo rigor metodológico, e outros em que quase se perde o valor científico por causa de suas construções que superam os mecanismos da pesquisa científica tradicional. Portanto, para o ensaísta, o ponto de vista e a interpretação são tão importantes quanto os fatos.

Nesse sentido, esse gênero se aproxima da Literatura. Assim como a arte, o ensaio oferece uma visão de mundo, por isso, ele nunca poderá ser igual a outro ensaio, mesmo que partam do mesmo modelo, pois cada um cria uma imagem diferente. Se pensarmos na geração de ensaístas brasileiros dos anos 1930, tal tese será facilmente constatada.

Preocupados em pensar e interpretar o Brasil e seu povo, cada um deles nos forneceu uma análise de acordo com o seu ponto-de-vista e com a sua experiência. Tamanha pluralidade de análises sobre um mesmo objeto fez com que se formassem grupos que vinham para defender ou criticar tais interpretações. Se, em alguns momentos, a aceitação de uma “escola” e a conseqüente negação da outra trouxe a desaceleração do processo reflexivo sobre a sociedade brasileira, olhar para essas correntes, hoje, nos enriquece, na medida em que constatamos que o passado histórico é, na verdade, uma medida do presente. Sob esse prisma, a memória e a história são produtos de um olhar do presente e de uma experiência; são, portanto, visões de mundo.

Aproximamos, dessa forma, os experimentos ensaístico e literário. Entretanto, aproximá-los não significa igualá-los. A principal diferença entre o ensaio e a literatura é que esta nos oferece uma ilusão de vida de algo ou alguém e aquele dá forma a uma vida a partir de sua visão. Isso significa que, diferente da literatura, o ensaio contém em sua natureza o esforço para ser crível, a procura da verdade.

Partindo da hipótese do ensaio como um discurso entre fronteiras, não há contradição na observação de Lukács, quando entende que esse gênero possui expressão artística, mas não é igual às demais artes. Esse gênero discursivo não cria hipóteses nem conclui, apenas dá vida, forma e sentido às coisas. O ensaio transita na esfera da ciência porque nos oferece análise dos fatos e nos afeta pelo conteúdo, mas se lança no espaço da arte quando nos afeta pela sua forma e nos oferece alma, essência, espiritualidade.

Na Antigüidade Clássica, ciência e arte estavam integradas num único gênero, depois os discursos foram se dividindo entre os diversos campos do saber. Dessa forma, pode-se considerar que o ensaio possui uma forma “primitiva”, porque possui uma estrutura híbrida, plural e aberta, isto é, não se ajusta a um campo de saber específico. Ele é anárquico e se recusa a ter uma forma estática. Lukács ainda lembra que o ensaio procura

sempre o caminho da autonomia e que sua irmã, a literatura, já percorreu esse caminho tempos atrás, desenvolvendo-se a partir de uma primitiva e indiferenciada unidade com a ciência, a moral e a arte.

Dessa forma, é plausível concordar com a idéia de que o ensaio é uma “literatura em potência” (Fowler, 2002:5-6.) ou uma forma vizinha, já que possui uma estreita relação com a literatura, por ter um *status* de não ser um texto técnico e por ter expressividade poética. O próprio Gilberto Freyre, ao analisar seus ensaios, julga-os como “extraliterários”, porque possui substância científica, mas também expressividade, quesito que o autor considera fundamental para a arte literária.

(...) não devemos ser considerados literários: quando muito ensaístas, mas ensaístas extraliterários. Explica-se assim que haja, para tais ortodoxos, essa condição anormal: ensaístas, sim, mas extraliterários. Ou – para os beletristas mais pudibundos – subliterários. (Freyre, 1978:10-11)

O teórico Adorno (2003) também pensou sobre a natureza do ensaio. Em seu exame, não consegue separar forma e conteúdo no gênero ensaístico. Todavia, não concorda com Lukács sobre a tese de ser o ensaio uma expressão artística, embora reconheça o forte diálogo que há com ela. De qualquer forma, ambos estão em sintonia por perceberem que o ensaio não trata da novidade, mas de algo já formado.

Em vez de alcançar algo cientificamente ou criar artisticamente alguma coisa, seus esforços ainda espelham a disponibilidade de quem, como uma criança, não tem vergonha de se entusiasmar com o que os outros já fizeram. (...) Ele [começa] (...) com aquilo sobre o que deseja falar; diz o que a respeito lhe ocorre e termina onde **sente** ter chegado ao fim, não onde nada mais resta a dizer: ocupa, desse modo, um lugar entre os despropósitos. Seus conceitos não são construídos a partir de um princípio primeiro, nem convergem para um fim último. Suas interpretações não são filologicamente rígidas e ponderadas, são por princípios superinterpretações, segundo o veredicto já automatizado daquele intelecto vigilante que se põe a serviço da estupidez como cão-de-guarda contra o espírito. [**grifo nosso**] (Adorno, 2003:16-17)

A liberdade que o ensaio evoca provocou fortes preconceitos no âmbito científico, na primeira metade do século XX. Os ensaístas, estigmatizados por interpretar em vez de registrar e classificar, tiveram sua espontaneidade subjetiva censurada em nome da objetividade. Por isso, foram tidos como desorientadores da inteligência, pessoas que confundiam e produziam devaneios, no lugar de conduzir à explicação. Na Alemanha, por exemplo, o ensaio provocou resistências por abraçar essa liberdade de espírito, que não correspondia aos horizontes da ciência.

Tomando como ponto de partida o fundamento de Adorno, o ensaio como “manifestações do espírito”, pode-se perceber que o raciocínio ensaístico obriga uma maior intensidade e flexibilidade de pensamento que o raciocínio científico e que, apesar de obedecer a uma lógica, o mecanismo é diferente da lógica discursiva científica tradicional. O ensaio questiona, contradiz-se, soma elementos, reflete a todo instante sobre seu próprio discurso, “coordena elementos, em vez de subordiná-los.” (Adorno, 2003:44). Os elementos são justapostos, formando uma unidade plural, com várias possibilidades de sentidos e desdobramentos, isto é, não é necessário uma disposição de elementos e conceitos ordenados a partir de uma relação hierárquica e de dependência. Na verdade, o ensaio olha seu objeto de forma diferente da forma tradicional, porque procura transitar por todas as possibilidades de reflexão sobre o objeto, sem determinar conceitos. “O ensaio tem a ver, todavia, com os pontos cegos de seus objetos. Ele quer desvendar com os conceitos aquilo que não cabem em conceitos (...)”. (Idem) O ensaísta fratura a perspectiva e, assim, abandona o tradicional ponto de vista único.

Se Lukács diz que o ensaio é irmão da literatura, Adorno o aproxima da retórica, porque ambos buscam um prazer no pensamento e uma liberdade que foge à perspectiva científica. A satisfação causada por ambos em leitores e ouvintes se dá pela forma, o modo de exposição é ilimitado, não há uma estrutura estática de exposição da coisa. É inevitável,

portanto, a constatação de um gesto artístico no ensaio ou, pelo menos, de uma semelhança com a arte no que diz respeito à forma.

Em contrapartida, apesar de sua forma e de sua expressão artística, poderia ser desastroso afirmar que o ensaio é uma obra de arte, ou ainda, que é literatura. Isso seria distorcer seu objetivo principal. O ensaísta quer ser verdadeiro, reflete sobre algo que já existe, apesar de obedecer a uma lógica diferente da lógica do discurso tradicional, na medida em que é sempre relativizante, não conclui, desconsiderando qualquer tentativa de elaboração de uma verdade pronta e fechada. A proposta é que o ensaio estabelece um forte diálogo com a expressão artística, principalmente com a Literatura, sem se confundirem.

Se no discurso científico o caráter unívoco é essencial para promover um pensamento contínuo, no ensaio há o gesto oposto, ou seja, descontínuo, aberto, multiforme e inacabado. Como a arte, o ensaio deixa sempre algo para ser dito, não deduz, e possui múltiplas interpretações. “Escreve ensaisticamente quem compõe experimentando, quem vira e revira seu objeto, quem questiona e apalpa, quem o prova e o submete à reflexão, quem o ataca.” (Max Bense, apud Adorno, 2003:35).

O ensaio é, portanto, essencialmente linguagem, seu pensamento torna-se volátil à medida que transcende a si próprio, tornando-se, assim, uma experiência intelectual. O ensaísta não se prende a conceitos porque entende que o pensamento é transitório e que o teor de sua verdade é algo histórico por si mesmo. Isso não quer dizer que o ensaio seja atemporal, ele também está vinculado ao seu tempo. A diferença está, ao contrário do discurso dos conceitos, em saber que é produto do seu tempo e que o conceito estático é algo ineficiente ao desenvolvimento do pensamento. O ensaio é produto das experiências do indivíduo e, por isso, variável e transitório no tempo.

Após uma breve reflexão sobre a natureza do ensaio, pode-se agora olhar para a obra freyreana. Gilberto Freyre sofreu fortes influências dos ensaístas norte-americanos de sua época, não só através de leituras de seus ensaios mas também pelo convívio pessoal que teve com eles, durante os estudos nos Estados Unidos. Em seu livro memorialístico, *Tempo morto e outros tempos*, o autor cita Bacon, Montaigne, Defoe, Thackeray, entre outros, e afirma o aspecto positivo da forma ensaística perante os demais discursos científicos da época, justificando um certo toque imaginativo, nesse gênero, que libertaria os estudos sobre o homem, a sociedade e seu tempo dos aprisionamentos e dos rigores cientificistas da época e os aproximaria do estilo literário.

Interessante o curso que venho seguindo, de Literatura, sobre o ensaísmo inglês. Pois sendo de Literatura é também de Filosofia: a filosofia que está tão presente nos ensaístas ingleses quanto nos místicos espanhóis e nos moralistas franceses quanto nos filósofos alemães.(...) sem o ensaio (inglês, francês, espanhol – curioso que os russos e italianos não sejam tão fortes no ensaio) estaríamos muito pobres com relação a problemas básicos do Homem e da Sociedade que a ciência dos Comte, dos Spencer e dos Tylor não parece capaz de esclarecer só por caminhos e por métodos científicos. O mesmo se pode talvez dizer da parte da literatura inglesa, espanhola, francesa, alemã e russa de ficção (romance e conto) que é literatura psicológica e, como tal, revelação da natureza humana. E, ainda, da poesia psicológica e filosófica como, na língua inglesa, a que vem de Chaucer a Browning, passando pelo imenso Shakespeare. (Freyre, 1975:26-27)

É relevante atentarmos para o fato de que Freyre iniciou seus estudos sobre o ensaísmo, em Waco, 1918, num curso de Literatura. Portanto, envolve-se numa linha de reflexão em que o distanciamento de uma objetividade obscura, que procura estabelecer uma verdade única e a aproximação de um caráter plástico e emotivo, ou, como dizia o próprio Freyre, “místico”, faz com que o ensaio circule entre as fronteiras do discurso científico e da narrativa literária. Dessa forma, na concepção do ensaísta, os fatos narrados tornam-se mais grandiosos e envolventes.

Tenho pena dos “cientificistas” ou dos “modernistas” para quem isso de literatura mística é arcaísmo, indigno de um “moderno” de “formação científica”. São uns coitados, esses, que não se apercebem do fato de que o que eles consideram “moderno” com tanta ênfase é um instante que depressa amadurece em antigo e apodrece em arcaico. O que é certo também da chamada “verdade científica”. Enquanto os místicos nos põem em contato com o mundo que nos faz esquecer tanto valores modernos como os científicos, não por serem valores de todos sem interesse ou sem verdade, mas pela sua insignificância ao lado dos valores que só as intuições dos mais-do-que-poetas alcançam. (Freyre, 1975:23)

A passagem acima apresenta uma crítica aos modernistas, por agirem numa perspectiva linear, em que o importantes é o tempo rápido dos eventos, os substantivos sem seus os adjetivos, o repúdio ao passado, a uma realidade que muda devagar, o “grande tempo”, ou, como dizia o próprio Freyre, o “tempo tríbico”. Esse pensamento reflete o processo literário de uma época: a passagem da primeira para a segunda geração modernista, cujos projetos baseavam-se numa arte que dialoga com seu tempo histórico, com a cultura e com a subjetividade de seu povo. Freyre, como representante da geração dos anos 1930, reconhece que obra só apodrece no arcaico quando está morta, isto é, quanto possuiu vida apenas no seu presente, não sendo capaz de adquirir novos sentidos no decorrer do tempo.

No caso de *Casa-Grande & Senzala*, a experiência individual do autor, ou como Adorno prefere dizer, as manifestações do espírito (Freyre, 1975), é somada ao discurso científico para interpretar a formação da sociedade brasileira. Portanto, o autor interpreta a formação da sociedade brasileira através do pensamento científico, mas sem deixar de dialogar com a sua vivência, com a sua história de vida, construindo, assim, um texto de fronteiras.

Chegou-me a obra dirigida por Rivers: reunião das pesquisas realizadas em Torres. Obra monumental e já muito rara. Ciência inglesa da melhor na parte psicológica. Mas deficiente, como deficiente me parece toda psicologia que não se acompanhe de mais história para revelação social; ou toda história que não se acompanhe de mais psicologia, mais antropologia, mais folclore, sobretudo quando se trata da análise e das interpretações de sociedades mistas: “civilizadas” e ao mesmo tempo “primitivas”, com essas duas camadas

misturando-se em vários pontos. O caso da sociedade brasileira. O que imagino é desenvolver na minha “**História da vida de menino no Brasil**” — título provisório de um trabalho quase secreto, cujo plano só revelei até hoje no Brasil a Manuel Bandeira, José Lins do Rego, José Maria de Albuquerque e Teodoro Sampaio e, no estrangeiro, a Oliveira Lima e João Lúcio de Azevedo — **nova técnica ou nova combinação de métodos** — o antropológico baseado no psicológico, o histórico-social alongado no sociológico — para a captação e a revelação de um social total. Ou do humano: o mais intimamente humano. Se conseguir isto terei realizado façanha semelhante à de Santos Dumont. Serei outro **brasileiro inventor de nova técnica de domínio do homem sobre problema que continua fechado aos métodos de ciência**: o da análise e sobretudo da revelação do social, por métodos que alcançam o assunto em sua totalidade indivisível de vida e de tempo. Vida que vem sendo dividida, retalhada e mutilada, por metodologistas como que assassinos. Anatômicos. **[grifo nosso]** (Freyre, 1975:221-222)

Do projeto de uma história da vida de menino no Brasil origina-se *Casa-grande & Senzala*, uma obra que revoluciona o pensamento científico brasileiro e que se comunica com as novas tendências internacionais, como a Escola da Annales, na França. A sua nova técnica é feita a partir da combinação de métodos, são observadas várias realidades que estão no nível da “longa duração” (terminologia utilizada pelo historiador Fernand Braudel) — a geografia, a história cultural, a mentalidade, a economia, a antropologia, as artes, as vivências individuais. Freyre nota que o modo pelo qual a sociedade brasileira se formou obriga que as análises sobre ela possuam uma subjetividade necessária, para estar em sintonia com o objeto de apreciação. Portanto, deve ser uma história com mais psicologia, mais antropologia, mais folclore, uma história que dialogue com vários campos do saber, para atingir a “revelação de um social total”.

Ao fazer uma análise sobre a renovação da ciência histórica no século XX, o historiador Jacques Le Goff nos alerta para a maior e fundamental transformação: a nova compreensão do tempo histórico: a idéia de que passado, presente e futuro fazem parte de uma grande unidade e não podem ser vistos separadamente. Essa é a idéia da “longa duração”, de Fernand Braudel, ou do “tempo trípico”, de Gilberto Freyre, ou ainda do “grande tempo”, de Mikhail Bakhtin. A partir dessa nova concepção, atrelada ao diálogo

com diversas ciências e formas de representação, surgiu a visão de uma história “quase imóvel” (Le Goff, 2003:15). Gilberto Freyre também toma essa noção na produção de sua obra quando procura detectar o nosso passado no nosso presente e quando faz oposição à noção de tempo baseado num presente curto, descartável, voltado apenas para o futuro e para o progresso — a sua principal crítica aos modernistas paulistas que produziam uma arte e um pensamento a partir da visão futurista.

Em *Casa-grande & Senzala*, o autor finalmente colocará em prática sua nova metodologia, sendo um dos primeiros precursores de uma história da intimidade, do cotidiano e da vida privada. O tema que seria também título de obra — História da vida de menino no Brasil — está dissolvido e analisado em detalhes. O autor resgata o pensamento na sua totalidade de sentidos e de tempo, usando uma forma de pensar perdida na Antigüidade Clássica e caminhando na contramão do pensamento moderno que dividiu, retalhou e multilou o pensamento em áreas de saber bem definidas. Nesse sentido, *Casa-grande & Senzala* é o ensaio de maior representação na formação e no espírito brasileiros e o que possui maior força imaginativa. Num dos seus prefácios para *Casa-Grande & Senzala*, Gilberto Freyre afirma que esse tipo de metodologia, chamada pelo ensaísta de “tendência integradora”, é indispensável quando tratamos de sociedades de cultura híbrida, ou seja, formadas a partir do encontro de culturas civilizadas com primitivas.

Nos estudos sociais em que o analista tenha que considerar o encontro de civilização como a européia com culturas primitivas, como algumas das africanas ou das ameríndias em áreas tropicais, pode esse mesmo analista, que se desdobre em **intérprete**, seguir uma síntese ou combinação de métodos semelhante ao que vem empregando Mestre Pablo Picasso em artes plásticas, em sua relação com a Antropologia científica, isto é, a fusão dos métodos analíticos e orgânicos de interpretação do Homem, para dessa fusão resultar uma imagem quanto possível completa do humano. (...) Assim se caminharia para uma metodologia unitária, na Antropologia ou nos estudos sociais de base antropológica, que transbordasse em interpretações artísticas; e filosóficas do Homem. [**grifo nosso**] (*C.G.S.*, xi)

Além do modo maleável, plástico e misto da formação de nossa sociedade, Freyre também alerta para própria origem do nosso colonizador, ratificando sua escolha metodológica, isto é, colocando em sintonia objeto de estudo e metodologia científica:

A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África. (...) A Europa reinando mas sem governar; governando antes a África. (C.G.S., 5)

O que se sente em todo esse desadorno de antagonismos são as duas culturas, a européia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica e a fatalista encontrando-se no português, fazendo dele, de sua vida, de sua moral, de sua economia, de sua arte um regime de influências que se alternam, se equilibram ou se hostilizam. Tomando em conta tais antagonismos de cultura, a flexibilidade, a indecisão, o equilíbrio ou a desarmonia deles resultantes, é que se compreende o especialíssimo caráter que tomou conta a colonização do Brasil, a formação *sui generis* da sociedade brasileira, igualmente equilibrada nos seus começos e ainda hoje sobre antagonismos. (C.G.S. 8)

(...) Pensamos exatamente o contrário: que o português sendo mais cosmopolita que o espanhol, é entretanto dos dois talvez o menos gótico e o mais semita, o menos europeu e o mais africano: em todo o caso o menos definitivamente uma coisa ou outra. O mais vago e impreciso, como expressão de caráter continental europeu. O mais extra-europeu. O mais atlântico. (C.G.S., 55-6, nota 13 ao capítulo 1)

Se a sociedade brasileira é um caso de “sociedade mista”, “civilizada” e, ao mesmo tempo, “primitiva”, a obra que a interpreta também será uma miscelânea de vários tipos de representação — do popular ao erudito — de forma que ela própria passa a ser uma manifestação da cultura brasileira.

Ademais, se a formação de uma sociedade formada a partir do encontro de culturas — a civilizada com a primitiva — exige um estudo que usa métodos analíticos com orgânicos, a opção é fortalecida quando se verifica que a formação do português — cultura civilizada — também é impregnada de elementos indefinidores. O colonizador não vem de uma raça pura, foi formado a partir do encontro de várias culturas, e com forte influência da africana a partir das invasões mouras, hibridismo que se intensifica no Brasil. Freyre observa que nossa sociedade é formada a partir de uma pluralidade de elementos,

tornando-se imprecisa e maleável. Essa pluralidade é resultado do encontro entre culturas, baseada numa estrutura dialógica, na qual a cultura do dominado se coloca diante da cultura do dominador (europeu). Para Freyre, a compreensão e o intercâmbio entre elas se deram devido ao aspecto conciliador do colonizador, mas numa direção vertical. O mais forte fazendo concessões à cultura dominada.

A partir desse ponto, podemos retomar a análise de Adorno, quando afirma que o ensaio é feito por uma coordenação de elementos. Para construir uma interpretação do Brasil, o ensaio freyreano procura resgatar as mais diversas formas de manifestações das culturas do negro, do índio e do português, ordenando-as, colocando-as justapostas, aproximando-as, sem fazer uma síntese. Portanto, o ensaio não caminha a partir de uma fusão, mas a partir de múltiplos elementos presentes que dialogam entre si, formando um discurso aberto, que nunca termina e dotado de desdobramentos infinitos. A obra nos mostra a impossibilidade de uma objetividade purista, isto é, de não podemos tratar de tal objeto a partir de conceitos fechados. Freyre irá, portanto, optar por um estudo empírico, baseado também na experiência e na percepção, colhendo dados da vida cotidiana, especificamente da vida íntima da família colonial brasileira.

Como a sociedade brasileira é formada a partir de uma forte carga imaginativa e mística, o ensaio será o gênero ideal para acolher o científico e o inventivo, a imprecisão e a objetividade, que são inerentes à nossa sociedade. Toda forma de representação será dado fundamental para sua análise. O ensaísta seleciona desde lendas de origens medievais até reconhecidas fontes científicas, como na passagem abaixo, por exemplo, em que Gilberto Freyre recorre a uma lenda medieval — da moura encantada — para explicar a preferência sexual pelas mulheres de pele morena (a índia e depois a mulata), fugindo assim de uma comprovação exclusivamente cientificista.

O longo contato com os sarracenos deixara idealizada entre os portugueses a figura da moura-encantada, tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos, envolta em misticismo sexual — sempre de encarnado, sempre penteando os cabelos ou banhando-se nos rios ou nas fontes mal-assombradas — que os colonizadores vieram encontrar parecido, quase igual, entre as índias nuas e de cabelos soltos do Brasil. Que estas tinham também os olhos e cabelos pretos, o corpo pardo pintado de vermelho, e, tanto quanto as nereidas mouriscas, eram doidas por um pente para pentear o cabelo. Além do que, eram gordas como as mouras. (...) Pode-se, entretanto, afirmar que a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico. (...) Com relação ao Brasil, que diga o ditado: “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”, ditado em que se sente ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata. (C.G.S. 9-10)

Mas também recorre às palavras de ilustres estudiosos sobre o assunto, ora para ratificar seu ponto de vista, ora para enfraquecer a posição dos autores.

O professor Oliveira Viana, desprezando com extrema parcialidade depoimentos como os de Elkington e Gregory, aos quais nem sequer alude, reuniu contra a pretendida capacidade de adaptação dos nórdicos aos climas tropicais o testemunho de alguns dos melhores especialistas modernos em assunto de Climatologia e Antropogeografia (...) (C.G.S., 11)

Freyre também se posiciona contra as verdades científicas, deixando subentendido que o pensamento flexível do ensaio é a melhor maneira de se evitar o obscurantismo.

O assunto se acha ainda cheio de sombras. Dele o que se sabe de certo é quase nada: apenas o bastante para nos advertir contra os **preconceitos de sistema e os exageros de teoria**. A verdadeira relação do pigmento com o meio físico permanece um dos problemas mais obscuros em Antropologia. **[grifo nosso]** (C.G.S., 291).

A postura filosófica do “só sei que nada sei”, ao questionar as idéias estáticas da ciência, permitiu que a obra possuísse “naturalmente” algumas contradições. Esclarecendo melhor, se não há uma conclusão fechada, mas várias leituras, várias frentes e possibilidades, inevitavelmente, encontraremos idéias que podem ou não se chocar, ou seja, ora elas podem ser efetivamente dialéticas, uma negando a outra, ora podem ser apenas diferentes, afirmando-se de forma justapostas. Neste caso, ganhamos pela

plurissignificação de seu estudo, já no outro caso trata-se mesmo de deslizes promovidos pela falta de amadurecimento de algumas idéias científicas, como por exemplo, o seu viés evolucionista de tomar a “raça” como cultura e de crer na existência de povos mais ou menos adiantados. Temos aí uma contradição com a sua pretensão de superar os modelos biológicos e raciais em vigor, como se pode detectar nos exemplos abaixo.

Foi o estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor — separados dos traços de raça e os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. **Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio. [grifo nosso]** (C.G.S., prefácio à 1ª ed. , xlix)

Com a intrusão européia desorganiza-se entre os indígenas da América a vida social e econômica; desfaz-se o equilíbrio nas relações do homem com o meio físico.

Principia a degradação da **raça** atrasada ao contato da adiantada; mas essa degradação segue ritmos diversos, por um lado conforme a diferença regional de cultura humana ou de riqueza do solo entre os nativos (...). **[grifo nosso]** (C.G.S., 89)

O resultado foi evidenciar-se o índio no labor agrícola o trabalhador banzeiro e moleirão que teve de ser substituído pelo negro. Este, vindo de um estágio de **cultura** superior ao do americano, corresponderia melhor às necessidades brasileiras de intenso e contínuo esforço físico. **[grifo nosso]** (C.G.S., 158).

(...) o índio ficou logo no segundo plano. Achatado na sua inferioridade cultural. Inútil e incapaz, dentro do sistema de colonização que ia criar a economia brasileira. (C.G.S., 262).

É evidente que as noções de “raça” e “cultura” estavam em fase de amadurecimento, já que o autor abraçava as novas teorias antropológicas sobre o assunto, mas não as tinha solidificadas amplamente em suas reflexões. Freyre ora trabalha com a idéia de raça atrasada ou superior, ora com a noção de cultura inferior ou superior. Ou, ainda, não adota unicamente uma das duas posições (a antiga e a nova), mas tenta desenvolver durante sua narrativa a sua própria teoria. Roberto Ventura bem observa que o autor

adotou portanto um culturalismo bastante curioso, pois tomava os fatores étnicos e culturais como sendo mediados pela atuação do meio, no que se afastava de outros historiadores culturalistas, como Sérgio Buarque de Holanda (...). (Ventura, 2000:27)

É importante ter em mente que essa foi uma discussão ainda em construção não só no Brasil mas em todo mundo, haja vista as idéias racistas que seriam responsáveis, no final da década, pela II Guerra Mundial. Portanto, estamos tratando de uma obra que trabalha com um assunto vivo, em movimento, de longa duração e que dialoga com vários discursos ao seu redor.

Percebe-se que seu ensaio não surge a partir das formulações de suas hipóteses, mas durante a formulação das mesmas, como se o pesquisador testasse as hipóteses durante a narrativa. De tal modo, o leitor não tem apenas o relatório final que mostra a metodologia, o mecanismo correto e resultados para demonstrar que determinada hipótese é verdadeira. Em *Casa-grande & Senzala*, o leitor é capaz de acompanhar os passos da investigação desenvolvida. As contradições da obra, muitas vezes, sugerem a fragilidade de algumas hipóteses, que não conseguiram ser comprovadas com sustentabilidade.

Já podemos perceber concretizada em *Casa-grande & Senzala* a intenção de Gilberto Freyre de escrever um ensaio inovador que suspenderia o conceito tradicional do método dogmático e fechado dos positivistas. Nessa obra é possível entender que não só as informações de investigação científica são providas de sentido, mas também a própria forma, que, somada ao conteúdo, compõe um novo sentido, a própria intenção da obra, vista através da sua totalidade.

Desse modo, sem nenhum constrangimento, seu olhar sobre o fato toma o lugar do próprio fato. Ao selecionar e combinar os fatos apresentados, inevitavelmente pactua com a subjetividade e fracassa numa possível tentativa de transcrever a história. Torna-se um escritor. Afirmamos “uma possível tentativa” porque, ao contrário dos historiadores, Gilberto Freyre não tem a intenção de ser objetivo em nome de uma “verdade real”, seus

“deslizes” em direção à subjetividade não são atitudes inconscientes inerentes ao sujeito; ao contrário, sua aproximação com a tradição literária é intencional, pois faz parte de seu mecanismo de construção de um texto. Em outras palavras, diante de *Casa-grande & Senzala*, pode-se observar uma obra que, além de relatar fatos dentro de uma perspectiva temporal, preocupa-se em transmitir o sentido do fato, modo peculiar do ensaio.

O próprio título *Casa-grande & Senzala* nos sugere uma construção e uma concretização de idéias. Portanto, não há atitudes inconscientes, Gilberto Freyre realmente apresenta-se como escritor quando seleciona fragmentos da vida íntima da família colonial brasileira, da vida de engenho, para desenvolver a história que, particularmente, também era dele. A forte relação com a experiência individual está mediada por uma experiência maior do homem histórico: é a relação do “eu” com toda a história. Por isso, Freyre é escritor-sociólogo e de expressão literária, porque reconhece também a importância da estrutura do texto para o sentido da obra. Assim, a linguagem acaba sendo uma possibilidade de sentido e não um limitador daquilo que se deseja dizer.

Alguns escritores absorvem a linguagem, atraindo-a para a maneira como se sentem no momento, com uma sutileza que faz o resultado real parecer alguma inspiração inexplicável. (...) Através do espírito, ele nos alcança, caprichosamente talvez, não a todos, por meio de uma simpatia que se alastra pelo texto e por um tipo de contato imediato. O espírito dá a cor, o tom, a mente, a forma. (Falcão, 2003:87)

A afirmação de Falcão induz a refletir sobre a maneira como Freyre se sentia no momento da produção de *Casa-grande & Senzala*: era um homem exilado em Portugal, um brasileiro que nos olhava de fora para dentro, com saudades do país e nostalgia dos “velhos tempos” em que seus familiares estavam no ponto mais alto da hierarquia social e econômica.

Outro ponto analisado por Adorno sobre o ensaio e, como já foi comentado, notadamente percebido em *Casa-grande & Senzala*, é o caráter descontínuo e relativizante

do texto, em que, quanto mais o leitor deseja uma conclusão, mais se percebe que o final do ensaio será atingido sem uma “resposta verdadeira” para o fato observado. Trata-se de uma obra aberta, na medida em que nega o dogmatismo e permite uma vasta amplitude de significação.

Ricardo Benzaquén de Araújo (2005), em estudo sobre a obra de Gilberto Freyre na década de 1930, apresentado no início da década de 1990 como tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional /UFRJ, averiguou parte da produção de freyreana a partir da oralidade de sua prosa, tomando como perspectiva o caráter incompleto, impreciso e repetitivo da obra, umas das características mais mencionadas pela crítica no decorrer deste século XX. Essas características foram consideradas por Ricardo Benzaquén indicadores de um tipo de narrativa, o ensaio, no qual o incompleto é a própria essência da obra. Do mesmo modo, será esse perfil que provocará no ensaio freyreano um tom extremamente envolvente, muito próximo a uma conversa.

Dessa forma, a amplitude da obra não resulta de incapacidade do autor devido a sua “pouca cientificidade” (que retira Freyre do reino da ciência e o lança no da literatura), mas sim da habilidade de desconsiderar a noção de verdade como algo pronto e fechado. *Casa-grande & Senzala* não deixa de ser ciência para apresentar-se como literatura, mas transita nos dois ambientes ao mesmo tempo.

Não devo estender este prefácio, que tanto se vai afastando do seu propósito de simplesmente dar uma idéia geral do plano e do método do **ensaio** que se segue, das condições em que foi escrito. **Ensaio de Sociologia genética e de História social**, pretendo fixar e às vezes interpretar alguns dos aspectos mais significativos da formação da família brasileira. (C.G.S., prefácio à 1ª ed., lxxii) [grifo nosso].

Ao classificar *Casa-grande & Senzala* como “ensaio”, o autor sugere que sua obra seja lida como uma tentativa de explicar a formação da sociedade e da cultura brasileiras,

todavia, sem fundar um conceito pronto e formal. A liberdade pessoal de escolher seu objeto de reflexão se une às suas experiências de vida e a dados científicos. Diferenciando-se da historiografia brasileira da época, que se preocupava com a evolução cronológica dos fenômenos, e também dos tratados científicos que procuravam esgotar de forma impessoal o tema examinado, a obra de Gilberto Freyre descortina algumas verdades relativas, assumindo um caráter breve e um discurso à-vontade. Aos pouco o ensaio vai se sugerindo para o leitor como uma proposta de testar alguns conceitos preestabelecidos e inflexíveis.

Em certa medida, o ensaio possui um tom familiar e dialógico também com o leitor, sobrepondo-se, muitas vezes, ao autoritarismo livresco. O ensaísta define-se como um bom escritor, e seu texto apresenta beleza formal. Numa passagem de seu livro *Como e por que sou e não sou sociólogo*, Freyre afirma se considerar um escritor de formação científica, porém de características literárias “que lhe dêem direito senão ao título, a uma condição que só se atinge através da arte de escrever”, e que lhe permite, assim, “interpretar” os aspectos considerados mais importantes para a formação da sociedade brasileira (Freyre, 1968:115). A técnica utilizada é, portanto, comover, enternecer para persuadir o leitor.

Logo na abertura de *Casa-grande & Senzala*, no prefácio à 1ª edição, observamos a forma estranha e subjetiva, o arranque da obra a partir dele mesmo, o próprio autor. Diferente dos discursos científicos habituais, não há o distanciamento do sujeito na narrativa:

Em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio. Levou-me primeiro à Bahia; depois a Portugal, com escala pela África. O tipo de viagem ideal para os estudos e as preocupações que este ensaio reflete. (C.G.S., prefácio à 1ª ed., xiv)

Percebemos, também, o espaço como um elemento fundamental na sua produção. Gilberto Freyre se afasta do Brasil, objeto de estudo, e escreve no espaço da ex-metrópole. Vânia Falcão observa que as palavras “aventura” e “viagem ideal” são provocadoras e atraentes, porque convidam o leitor a seguir o autor pelo texto.

A aventura pressupõe o futuro, pressupõe conhecer o novo, o diferente. É importante ressaltar que as características de aventura que se acabou de enumerar transferem-se ao sujeito, nesse caso o escritor, que realiza a aventura, revelando-o como empreendedor, ousado e intrépido. (Falcão, 2003:184)

Como uma “Canção do Exílio”, Gilberto Freyre mergulha nostalgicamente no espaço brasileiro e no seu passado escravocrata – as aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá num tempo atrás. Sua saudade é de um tempo perdido no passado, que ele representará de uma forma romântica e “doce” — palavra utilizada dezenas de vezes em *Casa-grande & Senzala*.

A tradição moderna da ciência, pautada no preceito positivista, ajusta-se por uma lógica e uma metodologia da comprovação, retirando qualquer possibilidade de imaginação e de subjetividade, fazendo, assim, uma forte oposição à arte, isenta de compromisso com a verificação. Portanto, é natural que o ensaio tenha sofrido preconceitos até, pelo menos, os primeiros anos do século XX. Na passagem para o novo século, a ciência inaugura uma nova forma de olhar para o seu objeto e para o mundo. Admite-se que a ciência é inventiva e criadora. O fenômeno já não é dado, ele deve ser criado, instaurando-se assim afinidade entre a ciência e a arte. Lukács, por exemplo, escreveu seu estudo sobre a natureza do ensaio justamente na transição entre a tradição positivista e o novo olhar contemporâneo, em 1910. Acostumado a conviver com os parâmetros radicais que separavam a ciência da ficção, é natural que ele tome o ensaio como gênero textual artístico. Naquele momento, Lukács aceita o caráter imagístico como expressão artística. Mais tarde, Adorno discorda de Lukács por entender que não há uma equalização entre arte e ciência, mas sim afinidades e aproximações. Nessa época, já era possível perceber com clareza que a postura objetiva do saber científico do século XIX já era absolutamente inadequada.

Podemos concluir, então, que as primeiras décadas do século XX serão momentos de redefinição da relação entre o sujeito e o objeto. Nesse sentido, *Casa-grande & Senzala*, em 1933, surge para inaugurar no Brasil o novo espírito científico redefinidor das categorias do pensamento científico e social, na medida em que cria novas formas de representação social. O novo ensaio rompe com a estrutura conservadora das chamadas ciências humanas e propõe uma ciência da abertura, em que o autor constrói seu objeto transcendendo a evidência do real, admitindo-se como um discurso inacabado e instável. Não se trata de uma falta de método, ao contrário, Gilberto Freyre apresenta uma nova metodologia para as ciências sociais e para a história, que requer um racionalismo criador e polêmico. A incerteza, a ambigüidade e a contradição são quesitos para uma razão em que a lógica pura não se sustenta, porque não formam um processo contínuo de reinvenção e retificação dos conceitos. Em se tratando do nosso objeto de estudo, não só a obra, mas o próprio autor foi uma figura muito contraditória, para a nossa felicidade, pois, lembrando uma idéia de Marx, as coisas só avançam na contradição. Nesse novo arcabouço, a epistemologia une-se à poética, apresentando-nos uma nova figuração do mundo. No lugar da ciência que apenas descobre as leis constituintes de um fenômeno ou que traduz os fatos em si, o gênero ensaístico se afirma como projeto de criação e de percepção de novas realidades.

Contudo, Gilberto Freyre procura legitimar também seu conhecimento, cercado-se de vozes respeitadas no domínio científico internacional. Trata-se de uma nítida relação com o outro autorizado, a quem Freyre recorre para reforçar sua própria reflexão. O discurso do outro seria o que Marilena Chauí chama de “discurso competente”, aquele que possui um reconhecimento de verdade científica por todos da área e, por isso, torna-se inquestionável. Assim, nota-se que o autor também deseja se apresentar como pertencendo

ao contexto científico de vanguarda da época. As contradições presentes na obra refletem antes uma nova teoria que estava por se consolidar que incompetência por parte do autor.

No que diz respeito à metodologia das ciências humanas, o texto se insere inevitavelmente num contexto dialógico, e o objeto é o próprio sujeito, ao contrário das ciências exatas, em que encontramos uma forma monológica de conhecimento diante de um objeto mudo e estável. Em *Casa-grande & Senzala*, as informações científicas e os relatos históricos convivem com as interpretações do autor sobre um objeto que não é mudo e nem estável, ao contrário, é um objeto sem forma estática, que interage com o contexto do passado, do presente e do futuro. O sujeito não pode ser examinado a título de coisa, mas de algo falante que conduz para fora dos limites do texto. Para compreender a obra freyreana, é necessário um cotejo constante com outros textos e contextos, pois só assim é possível percebê-la com vida. As ciências humanas são “as ciências do espírito”<sup>2</sup>, elas interpretam sentidos e, por isso, não podem ser da mesma ordem científica que rege as ciências exatas. Mesmo assim, não são destituídas da capacidade de conservar seu valor cognitivo.

Numa tentativa de enriquecer sua reflexão, Gilberto Freyre parece confrontar seu pensamento com outros textos para formar uma nova idéia. A alternância das vozes falantes em *Casa-grande & senzala* faz parte do mecanismo da obra. Além disso, o discurso é dinâmico, para cada dúvida há uma resposta que gera uma nova pergunta, estabelecendo um sistema dialógico e impreciso. Dessa forma, apresenta-se uma forte relação entre forma e conteúdo para que seja atingido o sentido da obra. Se os estudos tradicionais costumavam ter a forma já preestabelecida — e, portanto, estagnada — e o conteúdo como algo que precedia a obra, o ensaio freyreano caminha em outro sentido, no

---

<sup>2</sup> Termo utilizado por Bakhtin quando se refere às Ciências Humanas.

qual a forma tem tanta importância quanto o conteúdo, um não precede o outro, e o conteúdo não é apenas desenvolvido, mas é também produto da imaginação.

Não podemos negar o dialogismo da obra freyreana sob a égide de ser uma tese marcada fortemente pela ideologia do dominador. A presença da ideologia é evidente, entretanto, o autor constrói um texto que permite o leitor concordar, discordar, refletir, dialogar com a obra. Sua natureza polêmica promove as infinitas críticas e debates e, nesse sentido, não seria exagero afirmar que é um dos livros brasileiros que mais dialogou com o seu passado e com o seu presente, e vem dialogando com as gerações posteriores.

O teórico Bakhtin afirma que a interpretação de uma obra está inevitavelmente associada a uma avaliação: “Elas são simultâneas e constituem um ato único integral.” Nesse caso, a percepção da obra irá variar conforme a época, seu contexto extratextual, a partir da visão de mundo já formada no leitor. Quando trabalhamos com o sujeito e não com a coisa muda, quer nas ciências humanas quer na arte, a obra adquire eternidade. O diálogo com o momento histórico em que é lido promove a renovação do objeto, transformando-o num novo texto. Assim, *Casa-grande & Senzala* sobreviverá enquanto formos capazes de travar um diálogo com o infinito e com o nosso passado.

As ciências exatas são uma forma monológica do saber: o intelecto contempla uma coisa e emite enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a coisa muda. Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico. (Bakhtin, 2003:400)

Na verdade, a vitalidade da obra está em seu caráter inacabado e no poder de se relacionar com os outros e com o contexto. Ao olhar com a perspectiva do grande tempo, Gilberto Freyre cria uma visão desestabilizada, que se modifica e aponta para novos diálogos, novos sentidos, influenciando poderosamente o destino das Ciências Sociais, do

discurso historiográfico, e, também, dos estudos de literatura e de cultura brasileiras. Seu espírito democrático deixava-o profundamente ligado a todas as fontes — específicas ou populares — caminhando de forma muito similar às novas mentalidades da escrita da história que surgiam, na mesma época, na França, com a Escola da Analles, como já vimos, e nos Estados Unidos, com a *Nova História*. Até mesmo Lucien Febvre, grande representante da nova historiografia européia, prefaciou em bom tom a edição francesa — *Maitres et Esclaves*. Também Fernand Braudel escreveu a introdução da edição italiana — *Padroni e Schiavi* — em 1965.

Há, então, dois lados bem opostos, mas que se complementam, integram-se, confundem-se e se justificam em *Casa-grande & Senzala*: um lado altamente científico, em que se percebe a pesquisa rigorosa feita pelo autor antes de iniciar sua narrativa (vide o excesso de citações, notas, referências bibliográficas divididas em fontes e material subsidiário), e um outro lado subjetivo e aberto, em que a reflexão se inicia, desenvolve-se durante a leitura, e não se conclui. O ensaio freyreano não é uma síntese de investigação, já com a conclusão elaborada sobre o objeto de pesquisa, mas é a própria transcrição de suas reflexões, na qual percebemos o processo de amadurecimento do pensamento do autor, do qual brotam as famosas contradições presentes em *Casa-grande & Senzala*.

Desse modo, entende-se que Gilberto Freyre não quer formular uma explicação “verdadeira” para a formação da sociedade brasileira, mas quer pensar sobre esse processo de formação. Esse pensar freyreano acontece durante o processo da escrita, como se o autor “pensasse alto”, ou melhor, “pensasse escrevendo”. Acompanhando o pensamento de Gilberto Freyre, o leitor também acompanha as trilhas percorridas no processo de criação — as da razão e as da imaginação. Dentro desse grande diálogo amplamente penetrado pela idealização, Gilberto Freyre consegue justificar seu olhar otimista da sociedade patriarcal, pois sua narrativa introduz uma problemática que não se esgota. O contato com

o inacabado e com o impreciso nos dá a idéia de que o seu presente ainda não está concluído, isto é, ainda não conseguimos esgotar as possibilidades de explicar a Cultura Brasileira.

Quando estabelecemos um elo entre discurso e conteúdo, deparamo-nos com uma questão literária. Não se quer dizer que se trata de ficção literária, mas que *Casa-grande & Senzala* é uma escrita, pelo menos, poética. Nessa perspectiva, constata-se a amplitude da obra, que nem a teoria do discurso científico, a teoria da história ou a teoria da literatura conseguiram explicar. Essa impossibilidade se revela na medida em que podemos buscar índices de gêneros dos mais variados, desde o discurso historiográfico tradicional até as marcas da oralidade, e que expressão literária, poeticidade e investigação científica caminham na obra, criando uma harmonia capaz de, até mesmo, promover um movimento de indefinição do próprio objeto/obra. Termos como ciência e literatura, discurso e narrativa se confundem na obra no sentido de enriquecer e ampliar as suas possibilidades de leitura, de interpretação, de análise.

Cabe lembrar que esse hibridismo não implica a anulação da ciência, mas sim do encerramento de uma visão, no campo investigativo e metodológico, que a história positivista possuía. Gilberto Freyre fez, em 1933, o mesmo que os historiadores franceses da *Annales* começavam a fazer e, também, um trabalho muito próximo de seu contemporâneo, o teórico Mikhail Bakhtin, em seus estudos sobre a cultura. Assim, um novo postulado comum os irmanava: a seleção, a interpretação dos fatos, uma história narrativa. Ao interpretar o passado, a história narrativa organiza, reconstitui e completa as respostas.

Examinando os aspectos mais importantes da obra de Gilberto Freyre, podemos perceber que sua originalidade é determinada pela cultura nacional, cujas várias faces estão presentes em todas as imagens da narrativa e na sua própria estrutura. Tentar entender

*Casa-grande & Senzala* no quadro da cultura e do discurso oficiais é fazer uma leitura, no mínimo, ineficaz. Da mesma forma, tentar compreendê-la pelo viés da falta de rigor científico ou pela simples invenção — no sentido ficcional — também não levará a grandes avanços, porque não contempla as particularidades da obra. É preciso tomar o texto freyreano na corrente da história cultural, que se opõe à cultura acadêmica das classes dominantes para, assim, tentar compreender o ponto de vista pessoal do autor, que abrange todas as entranhas da sociedade brasileira. Em resumo, a obra freyreana, antes de ser representação, é a própria vida, um jogo de imagens que se transformam em realidade no pensamento social brasileiro.

Ao fazer um trabalho científico, fornecendo-nos informações e, ao mesmo tempo, comportando-se artisticamente, em *Casa-grande & Senzala*, Gilberto Freyre desafia “os ideais da *clara et distincta perceptio* e da certeza livre de dúvida.” (Adorno, 2003.:31).

Segundo Adorno,

Ele [o ensaio] deveria ser interpretado, em seu conjunto, como um protesto contra as quatro regras estabelecidas pelo *Discours de la méthode* de Descartes, no início da moderna ciência ocidental e de sua teoria. A segunda dessas regras, a divisão do objeto em “tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolver suas dificuldades”, esboça a análise de elementos, sob cujo signo a teoria tradicional equipara os esquemas conceituais de organização à estrutura do Ser. (Adorno, op. cit., 31)

Logo se percebe que não só *Casa-grande & Senzala* mas o próprio gênero ensaístico resiste ao tipo da análise cartesiana. No caso do ensaio freyriano, tem-se uma obra em que mais se enfatiza a integração entre ciência e arte. Nessa integração, a seriedade científica do autor, adquirida em seus estudos na Europa e nos Estados Unidos, mistura-se com a alma dionisíaca inerente à sua origem tropical.

O gênero ensaístico foi eleito como forma de expressão científica das ciências humanas, porque não se pode ser exclusivamente objetivo quando se trata do homem, de

sua sociedade e de sua cultura. Reiteramos que esta pesquisa não quer afirmar que o ensaio, particularmente *Casa-grande & Senzala*, é ficção literária, como o drama e a narrativa literária, mas que carrega uma poeticidade própria da arte da linguagem que a faz circular no campo da Literatura. Atentando para o mecanismo da criação literária, verificamos que a vivência da ficcionalidade não é condição para o texto literário, tendo em vista, por exemplo, as particularidades do próprio gênero lírico. O plano de imaginação do poema, promovido por uma experiência estética da linguagem, circula sobre o espaço freyreano conferindo literariedade à obra, sem retirá-la do campo da ciência.

Procurando ordenar a reflexão desenvolvida nesse capítulo a respeito do ensaio freyreano como um gênero que é, na verdade, um grande diálogo entre formas discursivas, podemos ressaltar que *Casa-grande & Senzala* se opõe à categoria do monológico e se apresenta como dialógico.

O monologismo existe no espaço do autoritarismo e do acabamento. “O autoritarismo se associa à indiscutibilidade das verdades veiculadas por um tipo de discurso, ao dogmatismo; o acabamento, ao apagamento dos universos individuais(...)” (Bezerra, 2005:191). É o caso do discurso científico tradicional dos anos 1930, no Brasil, em que o objeto de estudo era tomado como uma coisa muda, morta, inerte e fechada, que, por isso, não aceita questionamentos nem respostas de outro, pois “Pretende ser a última palavra.” (Bezerra, 2005:192). Dessa forma, o cientista monológico não consegue ver o objeto de estudo como sujeito, mas como uma coisa acabada, terminada e imóvel. Para Bakhtin, o monologismo coisifica o sujeito (Bezerra, 2005:192) e torna impossível a soma e o intercâmbio de conhecimentos e de idéias dentro de um todo maior.

O dialogismo em *Casa-grande & Senzala* se apresenta na forma como o objeto se coloca, sob vários ângulos e desmembrado ao máximo. O autor quer resgatar todos os elementos que contribuem para a formação do Brasil. Nesse sentido, não há escolha de

quesitos, ao contrário: todas as formas de representação são postas na obra lado a lado, como se o autor quisesse dar conta de tudo que foi contribuição para a formação da nossa sociedade. A relação dialógica é estabelecida na medida em que há entre os textos uma interação de sentidos. Esses diálogos vão desde um clássico estudo de Capistrano de Abreu até entrevistas com as baianas quituteiras de Salvador, na maioria filhas ou netas de escravos, a fim de saber sobre as origens das receitas, os significados de suas vestimentas. O autor buscava trocar informações com amigos sobre a cultura e o dia-a-dia das pessoas comuns. Como exemplo, destacamos a passagem abaixo, trecho de uma carta de Cícero Dias (1933) a Gilberto Freyre, com dados para *Casa-grande & Senzala*.

Gilberto, como vai você?

Recebeu um artigo sobre religião do africano no Rio?(...)

Você conhece um artigo inédito de Alfredo de Carvalho sobre “Vida sexual no Brasil, magia sexual. Subsídios para a antropologia oral do Brasil”? Eu vi isto num artigo de Eduardo Tavares no I volume (...) Ele cita como trabalho existente em Pernambuco.(...)

Joaquim Falcão esteve aqui e me deu notícias, mas me disse que o pessoal de Noruega<sup>3</sup> não quer que você publique o testamento todo porque aparece o C. Mor como filho de padre, e ele disse que antes você não publicasse todo este testamento porque assim você continuaria comendo os queijos e os doces de Noruega.<sup>4</sup>

A passagem da carta sugere que Freyre não tocou nos “grandes feitos” da sociedade, mas na intimidade, por vezes comprometedora, das famílias importantes do período colonial e que ainda possuíam tradição no Nordeste, embora já tivessem declinado economicamente a partir da Revolução Industrial. Vejamos, ainda, a seguinte passagem na carta de José Lins do Rego (1933):

Meu querido Gilberto,

Já não tenho escrito porque estava colhendo informações sobre o Tabuleiro dos Negros<sup>5</sup>. Procurei gente de Penedo para ter certeza de tudo. E as

---

<sup>3</sup> Trata-se do Engenho de Noruega, em Pernambuco, retratado por Cícero Dias para ilustração de *Casa-grande & Senzala*.

<sup>4</sup> Cícero Dias, carta (1933), Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>5</sup> Trata-se de um quilombola, situado em Penedo (AL).

informações que tive foram as seguintes: que de fato existe uma “população” de negro por lá, mas que os negros estão misturados. O lugar é muito perto da cidade, talvez um quilômetro. Soube também que existe um lugar chamado [ilegível], perto de Sertãozinho, no município de Sant’Anna do [ilegível], onde existem muitos negros em vida privada. Esta informação me foi dada por um negrinho de lá.(...) Logo no dia em que vocês saíram, recebi seu livro<sup>6</sup>. E com ele me curei das saudades suas e do caboclo. Não sei falar de seu livro porque até hoje não li coisa melhor ou parecida. Esta é que é a verdade. Lastimo que no Brasil não exista ambiente para ele. Havia uma história sobre índios que me contavam em criança que talvez lhe servisse para o segundo capítulo: era a de antigamente que o céu era baixo, perto da terra, tão perto que a gente via a Nossa Senhora. Mas, um dia, um índio quis furar o céu com a lança, e o céu foi subindo. E o índio botava uma escada, e cada vez mais o céu subindo. Até ficar na distância de hoje.

(...)

Procure aí em Recife o F. Adalberto Marroguin, que tem conhecimento direto sobre o Tabuleiro dos Negros, pois foi quem fez o recenseamento federal em 1922, ali.<sup>7</sup>

Diante de todo o exposto, é imprescindível observar o dialogismo da obra freyreana na sua metodologia de estudo, isto é, o dialogismo é a chave fundamental para a sua pesquisa, na medida em que o autor toma o seu objeto sob o olhar de vários saberes. O objeto é tomado como algo vivo, que ainda não acabou, é o próprio homem, que deve ser examinado pela psicologia, pela história social, pela antropologia, pela economia. Portanto, não é possível analisar uma obra do tipo de *Casa-grande & Senzala* se não for através do dialogismo. Para esse novo método de pesquisa, inaugurado no Brasil por Gilberto Freyre, é necessária uma nova postura científica. Primeiro, devem-se encarar os fatos como algo em formação, sujeito a mudanças e, portanto, dotados de inconclusibilidade. Em seu estudo, Gilberto Freyre entende que não se pode dar conta da vida social em formação nos limites do pensamento monológico, já que se trata de um objeto múltiplo, contraditório e que jamais pode ser desprovido de seu contexto histórico, social e ideológico. Portanto, é uma posição inovadora, que requer um enfoque dialógico e um autor “livre”, interagindo com diversas formas de representação.

---

<sup>6</sup> Provavelmente, tratava-se ainda de rascunho ou do original datilografado. A carta é de janeiro de 1933, e *Casa-grande & Senzala* só foi publicado em dezembro de 1933.

<sup>7</sup> José Lins do Rego, carta, 1933, Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

### 3 – A RECEPÇÃO DA OBRA.

*“Tal como as relações entre memória e história, também as relações entre passado e presente não devem levar à confusão e ao ceticismo. Sabemos agora que o passado depende parcialmente do presente.”*  
(Jacques Le Goff)

Com todo seu poder de sedução, *Casa-grande & Senzala* contribuiu para cristalizar uma ideologia no Brasil — o mito da democracia racial — ao procurar traçar um perfil do “homem brasileiro”. O fato de sermos um povo mestiço nos dá a sensação de igualdade racial, e, nesse sentido, nenhuma obra, até hoje, constatou a nossa característica híbrida de forma mais plena que *Casa-grande & Senzala*. Sua tese comprova que, no Brasil, não existe uma cultura genuinamente portuguesa, ou africana, ou indígena. A cultura brasileira é formada por uma mistura dos três povos, um sobressaindo mais que os outros dependendo do caso.

Marilena Chauí, numa reflexão sobre os mitos fundadores do país, procurou esboçar, em primeiro lugar, o entendimento da palavra “mito”, que segue abaixo e que, da mesma forma, conduz esta pesquisa.

Ao falarmos em mito, nós o tomamos não apenas no sentido etimológico de narração pública de feitos lendários da comunidade (isto é, no sentido grego da palavra *mythos*), mas também no sentido antropológico, no qual essa narrativa é a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade. (Chauí, 2001:9).

Utilizamos, ainda, a expressão “mito fundador”, contida também no estudo de Marilena Chauí, ao tratarmos da narrativa freyreana, por entendermos que o autor estabelece um vínculo contínuo com a nossa origem, o qual norteará para sempre nosso futuro e nosso presente. Esclarecendo melhor, é como se algo do passado imaginário

estivesse sempre vivo, ultrapassando o limite do tempo, para explicar e justificar o nosso momento. “Assim, as ideologias (...) alimentam-se das representações produzidas pela fundação, atualizando-as para adequá-las à nova quadra histórica. É exatamente por isso que, sob novas roupagens, o mito pode repetir-se indefinidamente” (Chauí, 2001:10). Nesse caso, o imaginário presente em *Casa-grande & Senzala* está diretamente relacionado com a formação do pensamento político e social brasileiro de várias gerações, ora numa postura exaltadora, ora depreciadora.

Dentro de toda a sociedade há um imaginário fortemente construído durante o percurso da história, na qual estarão nosso passado nacional, nossos símbolos, heróis, histórias, lendas, mitos, episódios de factualidade duvidosa, mas em que, não obstante, acreditamos. Nesse caso, não importa sua veracidade, importam as estratégias utilizadas para que sejam entendidos como realidade. Por exemplo, a Princesa Isabel foi adorada como a grande redentora dos negros por ter “promovido” a abolição dos escravos, apesar da historiografia contemporânea relatar o fato de outra forma. Do mesmo modo, Getúlio Vargas e Kubitschek são consagrados pela sociedade brasileira como os nossos heróis republicanos.

Retornando ao ensaio de Gilberto Freyre, objeto desta pesquisa, é possível afirmar que é uma obra formada a partir de vários discursos. É com *Casa-grande & Senzala* que a imagem do brasileiro que temos hoje (alegre, sensual, malandro, cordial, e mestiço) é incorporada ao nosso imaginário social para se transformar numa ideologia. Indubitavelmente, o caráter literário adotado por Freyre cria uma teia capaz de aproximar o leitor da obra de uma forma mais sedutora que os discursos tradicionais, tornando-se responsável pela solidificação de uma ideologia em nosso imaginário social e político. Em contrapartida, será a estrutura do discurso de *Casa-grande & Senzala* o espaço de percepção dos aspectos tidos como problemáticos pela crítica, portanto, “problemas” que

são, na verdade, produtos do próprio enunciado, da própria trama e do próprio estilo. Grande parte das interpretações foram produzidas a partir das imagens sugeridas na obra, aliada ao momento de sua recepção e aos dados biográficos do autor, já que grande parte de sua crítica não foi capaz de ultrapassar “a atualidade, o passado imediato e o futuro previsível” para ir além (Bakhtin, 2003:409-410). Toda interpretação está vinculada ao contexto de quem interpreta a obra, entretanto, devemos ser capazes de dialogar com “o grande tempo”, com aquilo que é infinito e eterno, mesmo que a obra esteja num contexto distante. O equívoco de muitas críticas a *Casa-grande & Senzala*, pelo menos até os anos 1990, é não fazer a renovação de sentido através do “grande tempo”, isto é, analisam a obra a partir de um tempo único – o presente de quem lê – isolado de seu passado e de seu futuro.

O fato de Gilberto Freyre ter um grande amor pelo Brasil não é algo irrelevante e que sirva apenas para preencher espaços em brancos com pensamentos redundantes. Foi esse sentimento que conduziu sua narrativa por um método que lhe permitiu não só fazer uma reformulação teórica da imaginação histórica, mas exprimir todo seu otimismo em relação ao país e sua cultura. O discurso normativo tornaria impossível a transposição desse sentimento ao texto. Uma das obras explicadoras do Brasil de maior importância, *Casa-grande & Senzala* contribuiu para a reflexão e também para a formação da identidade nacional, não apenas pela narração dos fatos históricos das vidas privada e oficial, mas pela capacidade de representar mitos e imagens que se solidificaram com o passar do tempo, isto é, que foram absorvidos como verdades e, mesmo assim, não se opõem aos fatos históricos.

A obra apresenta o português colonizador como uma figura de fácil aclimatibilidade, com mobilidade e adepto da miscibilidade, o índio com a sexualidade exaltada e o negro alegre, místico e bondoso. Da miscigenação dos três elementos justifica-

se o brasileiro erótico — sobretudo na figura da mulata —, simpático, sem preconceitos, alegre, místico, sádico no grupo dominante e passivo nas classes dominadas, segundo o autor. As duas últimas características foram originadas pelo sistema escravocrata, na relação entre senhor e escravo, e estão perpetuadas até hoje na imagem de uma sociedade autoritária.

Mas esse sadismo de senhor e o correspondente masoquismo de escravo, excedendo a esfera da vida sexual e doméstica, têm-se feito sentir através da nossa formação, em campo mais largo: social e político. Cremos surpreendê-los em nossa vida política, onde o mandonismo tem sempre encontrado vítimas em quem exercer-se com requintes às vezes sádicos, certas vezes deixando até nostalgias logo transformadas em cultos cívicos, como o do chamado marechal-de-ferro. A nossa tradição revolucionária, liberal, demagógica, é antes aparente e limitada a focos de fácil profilaxia política: no íntimo, o que o grosso do que se pode chamar de “povo brasileiro” ainda goza é a pressão sobre ele de um governo másculo e corajosamente autocrático. (C.G.S., 51)

Segundo Marilena Chauí, a aparente paz promovida pela “democracia” racial, mascara uma relação cruel e violenta de paternalismo:

(...) o mascaramento pode ser mais sutil quando oculta determinadas formas de violência sob imagens aparentemente não-violentas. É o caso, por exemplo, do paternalismo branco, que serve para encobrir a realidade da discriminação e afirmar a existência da democracia racial. A violência aqui é dupla. Em primeiro lugar, há uma violência visível, pois sabemos que não há democracia racial no Brasil, mas, em segundo lugar, há uma violência sutil e invisível, que é o próprio paternalismo, pois, onde há paternalismo, não pode haver democracia, e, onde há paternalismo branco, certamente os negros não foram consultados, pois de sua redução ao silêncio depende a conservação dessa forma de relação social. O paternalismo branco silencia o negro para afirmar o mito não-violento da democracia racial: pratica uma violência para inventar a não-violência. (Chauí, 2006:131-132)

Atualmente, as diversas manifestações e os vários grupos do Movimento Negro vêm conseguindo enormes conquistas no sentido de fazer com que a sociedade reconheça o processo de exclusão dos descendentes africanos, buscando amenizar de fato as distâncias entre grupos. Dessa forma, devemos questionar até que ponto a explicação de base

culturalista de Gilberto Freyre é suficiente para dar conta da formação nacional; aliás, pergunta ou crítica já feita por Sérgio Buarque de Hollanda, em de *Raízes do Brasil* (1936).

Mas não foi Gilberto Freyre o criador de todas as imagens presentes em *Casa-grande & Senzala*, algumas já existiam desde a carta de Pero Vaz de Caminha, como, por exemplo, a idéia do português contemporizador e disponível diante das maravilhas naturais encontradas na nova terra. Também o sentimento brasileiro de pertencer a um espaço fértil e rico já fora revelado pelo escrivão português em sua Carta:

Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre-Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.

As águas são muitas e infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la, tudo dará nela, por causa das águas que tem. [...] ...certamente esta gente é boa e de boa simplicidade. (In: CASTRO, 1996:120)

No século XIX, por exemplo, também José de Alencar se apropriou da imagem do português cordial, cheio de tolerância cristã com os indígenas, representados através dos personagens Peri (*O Guarani*, 1857) e Iracema (*Iracema*, 1865) — principais símbolos desse argumento. O português de bom coração é bem retratado na figura de D. Antonio de Mariz (*O Guarani*), através da sua maneira controlada e ostentosa de cuidar e de colonizar a terra.

Freyre retoma, de certa forma, a imagem romântica do colonizador cordial para consolidar uma ideologia; isso quer dizer que ele retoma aspectos da nossa tradição literária ao fazer a interpretação sociológica do Brasil. Passados 73 anos da publicação de *Casa-grande & Senzala*, pode-se afirmar que a obra transforma-se em patrimônio cultural. Não podemos mais interpretar o brasileiro sem considerar a existência desse ensaio, não só pelas informações que nos fornece, mas pelo que a obra representa no imaginário social brasileiro. Darcy Ribeiro afirma que assim como *Os Lusíadas* está para Portugal e *Don Quixote* para Espanha, *Casa-grande & Senzala* está para o Brasil, como obra

representativa de nossa cultura e identidade. E, não à toa, a obra está na lista francesa dos 100 livros do século XX.

Dante Moreira Leite, em seu clássico *O caráter nacional brasileiro*, mostra que as interpretações sobre a sociedade brasileira e seu caráter, cristalizadas em nossa sociedade através de obras capitais de nossa literatura, dependerão de três quesitos básicos. O primeiro deles diz respeito ao momento histórico, político e social em que foi escrita a obra, uma vez que todo discurso é reflexo de sua época e da ideologia desta época. A segunda questão trata da classe social a que pertence o autor: ela dará a cada pessoa determinadas experiências características daquele grupo. E, por último, as idéias mais em voga naquela ocasião.

Se verificarmos as obras que procuraram construir nosso caráter nacional tanto sob o aspecto positivo, observado em Gilberto Freyre, como sob o aspecto negativo, observado em Paulo Prado, por exemplo, verificaremos que todas foram tomadas como ideologias, apenas umas mais fortemente cristalizadas do que outras. Para Dante Moreira Leite, todas essas obras acabaram criando obstáculos para o conhecimento de nossa sociedade. Na verdade, verifica-se que não é a obra em si que tem o poder de consolidar uma ideologia, mas as suas gerações de leitores dentro de um grande tempo. Talvez aí esteja o problema que Dante Moreira Leite nos aponta: toma-se um determinado texto como a visão verdadeira do Brasil ou, ao contrário, como uma interpretação equivocada ou reacionária, e, a partir daí, não se consegue um equilíbrio de todas as visões a questão do “contexto distante”, apontado por Bakhtin (2003:409). Portanto, mais uma vez o problema não é de Gilberto Freyre, de Sérgio Buarque de Holanda ou de Darcy Ribeiro, mas de nós, leitores talvez apaixonados. No caso de *Casa-grande & Senzala*, ainda nos falta uma análise profunda a fim de aproveitar o que há de mais rico em sua totalidade.

Atentando-se para os três pontos analisados por Dante Moreira Leite e confrontando-os com *Casa-grande & Senzala*, é possível perceber, no que diz respeito ao momento em que foi escrita, que a obra é um reflexo de seu tempo, embora não caminhe em harmonia com ele, pois rompe com o pensamento dominante. A obra é, antes de tudo, uma resposta aos seus contemporâneos e, por isso, é original e singular. No contexto internacional, dois fatos importantes aconteceram em 1933: Adolf Hitler assumia o poder na Alemanha e Franklin D. Roosevelt chegava à Presidência dos Estados Unidos. Foi o período dos grandes ditadores em todo mundo — Mussolini na Itália, criador do movimento fascista (1919) e que, mais tarde, assume o poder (1922), Vargas no Brasil (1930), Salazar em Portugal (1932), Franco na Espanha (1939). O autoritarismo aliado às idéias evolucionistas pregava a higienização da humanidade, isto é, a pureza racial que culminaria no nazismo alemão. Tentava-se dar ares de ciência às idéias de superioridade racial.

No Brasil, o autoritarismo de Getúlio Vargas se apropria da imagem do brasileiro livre de preconceitos raciais e da idéia de um povo mestiço, para fortalecer a identidade e a unidade nacional. Portanto, *Casa-grande & Senzala* não é a única responsável pela consolidação dessa ideologia, mas sim todo o sistema populista e ditatorial da época. O mais interessante é que Gilberto Freyre não compactuava politicamente com a política getulista — o exílio de Gilberto Freyre em Portugal deve-se a Vargas —, mas ironicamente sua maior obra tornou-se instrumento do governo para a exaltação nacional. Em 1930, Gilberto Freyre trabalhou ao lado do governador de Pernambuco, Estácio Coimbra, que sofria fortes perseguições do governo revolucionista. Estácio pediu a Freyre que o acompanhasse à Europa em 1930, num exílio penoso, mas que acabou por nos propiciar bons frutos, como a produção de *Casa-grande & Senzala*. Com pouquíssimo dinheiro, foram primeiro para Bahia e depois seguiram para a Europa, via África, num pequeno

vapor francês. Nessa época, a casa de sua família fora saqueada, e com ela sua biblioteca, e depois incendiada pelos “patriotas revolucionistas”.

Deu-se o saque metódico, com caminhões, como numa mudança, antes que o realmente bravo e honesto Juarez Távora conseguisse deter ódios mesquinhos e conter o ânimo para o saque e o roubo em falsos patriotas, nada bravos nem honestos. Por sua causa, viu Gilberto seus pais e irmão na miséria da noite para o dia. E ele em Lisboa, sem roupa e sem dinheiro, devendo ainda um conto de réis a seu grande amigo José Lins do Rego. Pois da Bahia só trouxera roupa emprestada, de inverno. (Meneses, 1991: 67-68)

Embora o Brasil tenha trabalhado com os aliados no combate ao nazismo, durante a 2ª Guerra Mundial, Getúlio Vargas compactuava politicamente dos ideais de Hitler e demais ditadores de Europa. O grande envolvimento econômico com os Estados Unidos, sobretudo o recebimento da Companhia Vale do Rio Doce para as mãos brasileiras, fez com que o apoio aos aliados fosse inevitável. A assimilação da obra de Freyre pelo governo de 1930 não deveria ser, a princípio, algo esperado. A obra foi produzida num exílio, impulsionado pelos revolucionistas, nela o autor trabalhou com a idéia de que não existe superioridade de raças, de que o Brasil é rico culturalmente justamente porque foi formado a partir da união do negro, do branco e do índio. Configurava-se a obra, então, como uma proposta que caminhava na contramão do pensamento nazista, mas que, por força das circunstâncias, tornou-se “prato cheio” para o governo Vargas.

Em consonância com esse contexto, não podemos deixar de lembrar aqui uma obra capital que se propôs interpretar o Brasil e a nossa sociedade: *Retrato do Brasil* (1928), de Paulo Prado. O ensaio avalia a miscigenação como um ponto negativo, responsável pelas mazelas de nosso país e por não sermos uma nação desenvolvida. Para tal “problema vital”, Paulo Prado dá a saída: a “revolução”, ou, em outras palavras, uma revolução evolucionista, a higienização da raça, isto é, com o passar das gerações, a miscigenação caminharia para um processo de branqueamento da sociedade.

A hiperestesia sexual, que vimos no correr deste ensaio ser tração tão peculiar ao desenvolvimento étnico de nossa terra, evitou a segregação do elemento africano, como se deu nos Estados Unidos, dominados pelos preconceitos das antipatias raciais. Aqui a luxúria e o desleixo social aproximaram e reuniram as raças. Nada e ninguém repeliu o novo afluxo de sangue. (Prado, 2001:189-190)

Afastada a questão da desigualdade, resta na transformação biológica dos elementos étnicos **o problema da mestiçagem**. Os americanos do Norte costumam dizer que Deus fez o branco, que Deus fez o negro, mas que o Diabo fez o mulato. É o ponto mais sensível do caso brasileiro. O que se chama de arianização do habitante do Brasil é um fato de observação diária. Já com um oitavo de sangue negro, a aparência física se apaga por completo: é o fenômeno do *passing* dos Estados Unidos. E assim na cruz contínua de nossa vida, desde a época colonial, o negro desaparece aos poucos, dissolvendo-se até a falsa aparência do ariano puro. (Prado, 2001:191-192) [**grifo nosso**]

Nas duas citações acima, fica claro que, para Paulo Prado, o furor sexual presente nos trópicos nos coloca em desvantagem em relação a outros povos, porque ocasiona um “problema” biológico — a mestiçagem — que ultrapassa as questões sociais. O mal não está no branco (colonizador) nem no negro (escravo), mas no cruzamento entre eles (o mulato). O autor, por isso, vai compactuar com o ditado americano, de cunho positivista, que associa o branco e o negro como criações de Deus, e o mulato como criação do Diabo, fruto de um ato sexual entre brancos e negros. Por trás dessa filosofia, escondem-se questões de relação de mando e de poder, porque a pureza racial define com clareza, num sistema escravocrata, quem manda e quem obedece. Conseqüentemente, o mulato se torna um incômodo, já que representa a combinação das duas extremidades de classes sociais e econômicas. Sobre a mistura do branco com o negro, Paulo Prado ainda diz:

O mestiço brasileiro tem fornecido indubitavelmente à comunidade exemplares notáveis de inteligência, de cultura, de valor moral. Por outro lado, as populações oferecem tal fraqueza física, organismos tão indefesos contra as doenças e vícios, que é uma interrogação natural indagar se esse estado de cousas não provém do intenso cruzamento das raças e sub-raças. Na sua complexidade o problema estadunidense não tem solução, dizem os cientistas americanos, a não ser que se recorra à esterilização do negro. No Brasil, se há mal, ele está feito, irremediavelmente: esperamos, na lentidão do processo cósmico, a decifração do enigma com a serenidade dos experimentadores de laboratório. Bastarão cinco ou seis gerações para estar concluída a experiência. (Prado, 2001:193-194)

Assim, Paulo Prado conclui, dando a solução para sua tese, bem nas vésperas da 2ª

Guerra Mundial:

Para tão grandes males parecem esgotadas as medicações da terapêutica corrente: é necessário recorrer à cirurgia. Filosoficamente falando — sem cuidar da realidade social e política da atualidade — só duas soluções poderão impedir o desmembramento do país e a sua desapareição como um todo uno criado pelas circunstâncias históricas, duas soluções catastróficas: a Guerra, a Revolução. (...)

A Revolução é a outra solução. Não uma simples revolta de soldados (...). Seria encerrar numa modalidade estreita a ânsia de **renovação** que é a própria pulsação vital da história. A Revolução virá de mais longe e de mais fundo. Será a afirmação inexorável de que, quando tudo está errado, o melhor corretivo é o **apagamento de tudo que foi malfeito**. (Prado, 2001:208-209).  
[grifo nosso]

Em meio ao mar desses pensamentos evolucionistas, surge na contracorrente, em 1933, a mensagem de *Casa-grande & Senzala*. Para Freyre, a riqueza do Brasil está justamente no fato de sermos um povo híbrido, com uma vasta diversidade cultural. Não seria exagero pensar que, dentro de um contexto de visões arianas, o autor apresente uma mensagem de paz para o mundo, principalmente, para o Brasil. Em seu ensaio, Gilberto Freyre conserva o princípio de Franz Boas da não-existência de superioridade de raças e, no contexto brasileiro dos anos 1930, o sociólogo apresentava um princípio totalmente novo. No nosso entendimento, Freyre não é um intelectual que traz as inovações americanas para o Brasil, após seus estudos nos Estados Unidos, pois, apesar da forte influência, ele vai além e torna-se inovador até mesmo para as vertentes americanas e européias, no que diz respeito à história da vida privada. O mundo pregava a higienização, a limpeza racial, enquanto Gilberto Freyre dizia que a riqueza do Brasil estava justamente na mistura das raças e das culturas especialmente.

Ainda no primeiro ponto proposto por Dante Moreira Leite, há que se focar o contexto modernista dos anos 30. Publicado num período em que os modernistas tendiam para um perfil nacionalista e regionalista, a obra de Freyre será aclamada por grande parte dos críticos da época, com exceção de seus conterrâneos pernambucanos, que fizeram

fortes acusações ao ensaísta. A fortuna crítica dessa época está registrada na obra organizada por Edson Nery dos Santos (1985) — *Casa-grande & Senzala e a Crítica Brasileira de 1933 a 1944*. O livro agrupa artigos publicados em revistas e jornais de intelectuais importantes do período de 1933 a 1944.

Segundo o inventário de Edson Nery da Fonseca, a obra de Gilberto Freyre obteve uma recepção positiva no âmbito da crítica brasileira, mas algumas ressalvas sobre sua linguagem frouxa e despreocupada com a norma, que se aproximava da linguagem literária e se distanciava do discurso científico. A venda do livro foi satisfatória: em cinco anos de publicação já se partia para a 3ª edição.

A documentação reunida em *Casas-grande & Senzala* foi fruto de elogios e de sua valorização. Ainda ninguém tivera feito um inventário tão amplo sobre a nossa cultura e a nossa formação como fizera Gilberto Freyre. Já em 31 de janeiro de 1934, no *Jornal do Brasil*, João Ribeiro foi o primeiro a apontar o seu aspecto inacabado, por não possuir uma conclusão fechada.

Nesse ponto, Gilberto Freyre é mais negligente e libertário. Os fatos para o nosso autor estão acima de todas as galas exteriores. Não que ele escreva mal, pelo contrário, escreve bem, muito bem mesmo, com acentuada elegância.

Mas é desses escritores que não sabem acabar. O seu livro, conquanto grande (mais de quinhentas páginas), não conclui; as paredes esboçam uma cúpula que não existe. Convergem para a abóboda que fica incompleta e imaginária.

É um livro de nunca acabar como certos contos folclóricos sem fim. Poderia escrever outro e outros volumes, sem esgotar o mesmo tema. (Ribeiro, 1952:276)

Em sua coletânea, Edson Nery da Fonseca faz uma interessante observação quando entende que o crítico já esboça nessa apreciação o conceito de “obra aberta”, de Umberto Eco, elaborado só nos anos 1960. A crítica de João Ribeiro é bem polêmica, com trechos de elogios e também de provocações, marcas que caracterizam o “ranço” positivista dos intelectuais brasileiros.

Não queremos dizer como Francesco Nitti que os sociólogos são todos charlatães ou mentirosos, conceito desabrido quase falso.

A sociologia, de fato, não é ciência e como tal não existe; mas os sociólogos existem, não há dúvida. São poetas da erudição e sabem engenhar com arte, e, às vezes, com suprema arte, as suas conjecturas e hipóteses.

O livro de Gilberto Freyre pertence a essa poderosa poesia profunda metafísica que nos deleita e nos levanta acima da vulgaridade dos fatos. É uma metapolítica que só os talentos de escol podem sentir com a intensidade e a verossimilhança que nos antolha o mundo. (Ribeiro, 1952:274-275)

Nota-se que, por trás do elogio do seu estilo e da sua poeticidade, há um não-reconhecimento da obra como ciência. Diante de algo novo e desconhecido para os estudiosos brasileiros, o melhor mesmo era considerá-la como um “estudo” profundo. “Contudo, [diz João Ribeiro] é uma obra de excepcional valor. (...) Com ele, merece Gilberto Freyre um alto lugar entre os nossos homens de letras.” (Ribeiro, 1952:276-277)

Segundo Edson Nery da Fonseca, em sua coletânea, a repercussão de *Casa-grande & Senzala* procede até final de 1934, tendo como principal veículo o *Boletim de Ariel*, revista literária carioca dos anos 30.

Já a repercussão no Nordeste aconteceu diferente do que se deu no Rio de Janeiro e em São Paulo. Lá, a polêmica foi muito acentuada, e mais do que nunca o autor fora um dos mais amados e dos mais odiados escritores. Num espaço onde se agrupava grande parte da aristocracia, era de se esperar que o conservadorismo local não permitisse certas ousadias contidas no ensaio. Clódio Rodrigues, por exemplo, na *Gazeta de Alagoas*, em 1937, disse considerar a obra de Freyre inverossímil. (Fonseca, 1985:24)

O tema da sexualidade, grande tabu nos anos 1930, foi um dos pontos mais criticados na obra de Freyre, porque se chocava com a moral vigente, sobretudo em Pernambuco, onde se agrupavam de formas demagógica, intolerante e fanática os aristocratas que ansiavam pela manutenção dos “bons costumes”. Portanto, *Casa-grande & Senzala* é uma obra que inevitavelmente marca o período dos anos 1930, por ser múltipla, ambígua, ousada e inacabada, num tempo em que deveríamos ter uma posição clara na

sociedade — o momento do integralismo, do catolicismo, do anti-semitismo, do racismo, do autoritarismo e do horror ao comunismo. O ensaio de Gilberto Freyre surge, sobretudo no Nordeste, para um embate com as teorias positivistas em voga. Nesse clima de choque, o autor é nomeado o “pornógrafo de Recife”. Entre os intelectuais que pertenciam ao círculo de amizade do autor, já havia consenso de que o livro viria para abalar os alicerces da academia brasileira.

Em 1933, antes do lançamento do livro, que ocorreria apenas em dezembro do mesmo ano, Cícero Dias escreve em carta para Gilberto Freyre: “Esse livro vai sair cheio de coisas. É o diabo.”<sup>8</sup> Ainda em outra carta a Gilberto Freyre, Cícero Dias comenta, em tom de brincadeira: “Sobre o seu livro é melhor não se falar porque irrita, é o cúmulo, que grande safadeza.”<sup>9</sup>

Dentre as críticas publicadas nos anos 1930 sobre *Casa-grande & Senzala*, devemos destacar a de Afonso Arinos de Melo Franco, publicada em *O Jornal* (Rio de Janeiro), em 15 de fevereiro de 1934, sob o título “Casa-grande & Senzala”. O crítico analisa a linguagem utilizada na confecção da obra, adotando uma postura conservadora quando não tolera o coloquialismo, a simplicidade e a espontaneidade no discurso científico. As palavras de Afonso Arinos revelam a resistência de certa intelectualidade brasileira em permitir que as manifestações populares e o falar do dia-a-dia (a oralidade) recebam o reconhecimento de pesquisa, de estudo e de saber. A escrita no tom de conversa seria inadmissível ao texto acadêmico, e conduziria (reduziria?) o texto ao espaço literário.

Numa obra como a de Gilberto Freyre, porém, sua língua deve ser simples e nossa, não julgo indispensável que seja chula, impura e anedótica, tal como aparece em tantas das suas páginas. É pouco técnico esse linguajar. Pouco científico. Dá ao livro um aspecto literário, o seu assunto e as suas graves proporções não comportam.

---

<sup>8</sup> Cícero Dias, carta (1933), Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>9</sup> Cícero Dias, carta, (193?) Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

A linguagem de Gilberto Freyre deveria ter um pouco mais de dignidade (Que ele não leve a mal este vocábulo, mas não encontrei outro que exprimisse melhor o meu pensamento). Sobretudo que não se suponha que eu seja algum purista asmático e intransigente. Ao contrário, faltam-me, infelizmente, bons conhecimentos da nossa língua, como os que possuem, por exemplo, Manuel Bandeira ou Rodrigo M. F. de Andrade. E falta-me hoje, sobretudo, tempo para estudá-la como desejo. Apenas estou querendo salientar que o estilo, aliás gostoso e agradável, que Gilberto Freyre emprega no seu livro, era mais próprio para outro gênero de literatura que ele pratica tão bem quanto a sociologia: o de ficção. Será que Gilberto, homem civilizado, vai a um jantar de cerimônia com o mesmo traje sumário com que saiu para o tênis matinal? (Franco, "Uma obra rabelaisiana". In: Fonseca, 1985:81-88)

Fica evidente que a obra freyreana chocava um determinado grupo conservador não só pelo seu conteúdo, considerado por vezes pornográfico, mas pela sua nova proposta metodológica, que dissolvia fórmulas e idéias fixas da época e questionava seus lugares hierárquicos no campo do conhecimento. Escrever ciência como se fosse literatura era uma atitude ousada, mas, sobretudo, impertinente e incômoda, porque significava uma necessidade da arte dentro de algo que supúnhamos objetivo. Era, na verdade, uma escolha pela transcendência, um gesto que procurava romper a barreira do cotidiano em busca de novos sentidos, uma injeção de poesia na rotina. Essa poesia, inserida no discurso científico, pode ser lida como criatividade nascida de um estado de espírito peculiar — a perplexidade. Estar perplexo com o cotidiano é olhar o mundo de forma diferente, e isso é a principal função da arte. Nesse sentido, Gilberto Freyre propõe uma nova perspectiva — uma escrita transgressora — e a destruição de uma velha forma.

E em tom mais ou menos elogioso, Franco prossegue:

O resultado é que a grandeza e a riqueza do livro perturbam e confundem um pouco o leitor e ele tem que se esforçar sozinho para encontrar um rumo único e nítido e não perder o fio de Ariadne no meio daquele labirinto de fatos, de conhecimentos, de observações, de sugestões, de críticas, de citações, de narrativas, de recordações, de conselhos clínicos, higiênicos, dietéticos, de anedotas bandalhas, contadas gravemente, com aquele quase-semi-sorriso de Gilberto que eu conheço bem.

Sabe o leitor o que me fez lembrar o livro sob este prisma, e em ponto pequeno? Rabelais. Sim, "excusez du peu", Rabelais. Não é senão rabelaisina aquela prodigiosa exposição de frades caprinos, de mulatas e índias que se deitam docilmente, de receitas de doces, de vestuários (até os íntimos), de lutas, de doenças (venéreas e outras), de plantas de casas, castelos, engenhos,

pomares de atos de sodomia e bestialidade de rebanhos, amores e danças. Tudo bem agitado, misturado, conserva-se em lugar fresco e tome-se quando conviver.

Ambiente pantagruélico, planturoso, feito de cultura e de malícia, pejado de conhecimentos e de instintos, de fábulas e observações científicas, de grandezas e de ingenuidades.

No fundo, literatura, muita literatura. (Franco, “Uma obra rabelaisiana”. In: Fonseca, 1985:81-88)

O estilo rabelaisiano está particularmente no caráter múltiplo e fragmentário do ensaio de incluir peculiaridades consideradas aberrações ou irregularidades para alguns críticos da época e também em sua visão enciclopédica de mundo, que quer tudo abarcar e compreender, sua nova linguagem e seu estilo, os quais se aproximavam da oralidade. Mais uma vez, tais características faziam com que os contemporâneos de Freyre afastassem sua obra da ciência e a aproximassem da literatura. A grande quantidade de informação de forma desordenada e dialógica, característica peculiar da linguagem oral, ocasionava na ausência de conclusões e posicionamentos.

Quando Gilberto Freyre organizou o *I Congresso Regionalista do Nordeste*, em 1926, no Recife, tinha o objetivo de proteger as tradições culturais nordestinas, desde as mulheres rendeiras às rezadeiras, reabilitando os valores desta parte do Brasil. Entretanto, deixou claro que “a maior injustiça que se poderia fazer a um regionalismo como o nosso seria confundi-lo com separatismo ou com bairrismo. Com antiinternacionalismo, anti-universalismo ou anti-nacionalismo”.(Freyre, 1967:30). Na verdade, a proposta regionalista liderada por Gilberto Freyre era de resistência ao modernismo paulista, que sempre andava atrelado às novidades européias. Com sucesso, o espírito regionalista prevaleceu nos anos 1930, tornando-se a grande força motriz da Literatura Brasileira. Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado e outros se preocuparam em pensar o Brasil, fotografar e interpretar nossa sociedade. Todavia, não apenas falavam dos costumes e tradições, mas também da dura realidade da seca, da fome, da pobreza dos nordestinos, das relações de mando e desmando dos “coronéis” da região.

Num momento de vários “ismos” no mundo, a idéia de estado-nação esteve mais forte do que nunca e, por isso, era necessário fortalecer o sentimento de brasilidade que estava naturalmente atrelado à necessidade de definir o caráter nacional brasileiro. O regionalismo trouxe uma nova literatura carregada de sociologia, de história, de psicologia e de vida íntima, tornando-se mais um instrumento de interpretação do Brasil, junto com as demais obras de perfis sociológico e histórico.

Na busca por apresentar a história da vida privada da sociedade brasileira, os textos ensaísticos e historiográficos, bem como as narrativas literárias, acabavam tendo muito em comum: todas tinham um compromisso de reviver e de redescobrir o Brasil. É evidente que Freyre vai corroborar com esse tipo de literatura que dialoga com as diversas representações da história e da cultura brasileiras, ou, como dizia o próprio Freyre, uma escrita caracterizada “pela ênfase na chamada cor local”. Já em 1923, em seu diário, o sociólogo afirma sua preocupação em pensar o Brasil e todas as suas formas de representações culturais, seja na literatura ou na ciência. Segundo Freyre, a capacidade de retratar a realidade do homem e de sua sociedade deveria estar presente tanto nos romancistas quanto nos historiadores e cientistas sociais:

Para um romance regionalista, sem esses abusos, é que a nossa literatura de ficção deveria caminhar. Há muita coisa, por aqui, a ser aproveitada, em romance, em conto, em teatro, como expressão de vida que é especificamente nossa no que nela é drama ou apenas existência. (...) Os temas regionais e tropicais estão entre nós à espera de romancistas, contistas, dramaturgos, que se expressem mais com o vigor de um Euclides da Cunha ou de um Augusto dos Anjos (embora sem a retórica cientificista em que por vezes se extremam (...)).

Através dessa língua, se afirmaria entre nós, não só no ensaio — gênero tão nobre — como na ficção e no teatro, uma maior tendência, da parte da nossa literatura, para exprimir um sentido social e, ao mesmo tempo, humano, do drama que vem sendo vivido pelo Brasil de modo regionalmente diverso, embora sempre, em essência, brasileiro. (Freyre, 1975:130)

Portanto, é importante perceber que o regionalismo de Freyre caminha num movimento de ruptura com a proposta estética do modernismo paulista de 1920. É uma sugestão de transposição — trazer o homem histórico para as artes e o homem místico, espiritual para a história e a ciência. No entanto, seu pensamento regionalista se choca com vários outros autores regionalistas que fizeram críticas às estruturas econômicas, políticas e ideológicas, especificamente com aqueles que optaram por uma linha marxista de pensar a sociedade brasileira. Enquanto Gilberto Freyre nos retrata a partir do viés culturalista e antropológico, Graciliano Ramos, na ficção, e Caio Prado Junior, no ensaio, analisam-nos a partir da idéia de luta de classes.

Nos anos 1970, o crítico Carlos Guilherme Mota avaliou que o regionalismo freyreano seria, na verdade, um modo de disfarçar as relações de dominação no Brasil. Segundo Mota, por trás do apelo às tradições verdadeiramente brasileiras, está a valorização do sistema oligárquico ao qual Gilberto Freyre pertenceu. Em outras palavras, é verdadeiramente nacional a relação do senhor e do escravo, a estrutura patriarcal e, por conseqüência, as diversas formas de representações culturais provindas desse aparelho. As marcas da visão senhorial de mundo são suavizadas no sentido de tornar quase imperceptível a verdadeira história de dominação no Brasil colônia. Categorias bem definidas e díspares, como o senhor e o escravo, tornam-se, no regionalismo freyreano, imprecisas através da teoria do brasileiro híbrido, plástico e maleável. Ao contrário de Caio Prado Júnior, que trabalha com a idéia precisa de classes, Gilberto Freyre esvazia as polarizações entre elas. E, dessa forma, com muita “suavidade” e aceitação, propaga-se ainda entre nós, por exemplo, a cultura da sinhozinha na vida doméstica. Da mesma forma, mais do que uma oposição às tendências estéticas do modernismo paulista, esse regionalismo parecia temer as novas relações sociais que surgiam com o fortalecimento da

classe média e dos setores urbanos. A crítica de Mota, a seguir, reflete bem a leitura feita do ensaio freyreano por grande parte dos intelectuais nos anos da ditadura militar.

(...) fórmulas regionalistas ou, em contrapartida, universais demasiado genéricas, encobrem a história das relações de dominação, em que o mito como o da democracia racial e o do luso-tropicalismo servem ao fortalecimento de um sistema ideológico no qual se perpetua a noção de cultura brasileira. (Mota, 1977:59)

Tomando como ponto de exame o fato de o regionalismo freyreano entender a relação patriarcal entre senhor e escravo como um fenômeno cultural e, indo mais além, percebendo-a como uma relação suave, cordial e singular nas Américas, podemos concluir que o autor nos aponta para uma anulação da hierarquia **cultural** no período colonial, apesar do sistema de mando e poder patriarcal. A integração no que diz respeito aos aspectos religiosos, à gastronomia, às vestimentas, à língua falada, se deu em decorrência de uma aproximação entre esses grupos (português, índio e negro), sem que isso signifique um movimento de igualdade social, política ou econômica entre eles. Para Freyre, a relação de domínio justifica-se sobretudo a partir da passividade do dominado, isto é, as pessoas oprimidas pelos brancos não fizeram muito para superar a situação de escravidão. A partir dessa averiguação, o autor consegue espaço para pintar a colonização do Brasil com cores de cordialidade, harmonia e romantismo. Com essa visão consolidada, o mito da igualdade racial perdura em nosso pensamento até hoje.

Em contrapartida, devemos ir além em nossa leitura: quando Freyre percebe que nossa cultura é híbrida, formada no período colonial a partir do contato “doce e macio” entre as três culturas, o autor não está criando ou inventando mitos, mas realizando um estudo inigualável até hoje sobre a cultura e as tradições brasileiras. Nesse sentido, não é “ficção” ou idealização quando *Casa-grande & Senzala* nos aponta, através de uma metodologia original, para o desmoronamento da escala hierárquica na formação cultural do Brasil.

Vejam, agora, o segundo ponto a ser analisado — a classe social a que pertence o autor.

Gilberto Freyre nasceu em 1900, em Recife, Pernambuco. Era filho de pai advogado e professor, e de mãe provinda de família nobre — seu avô materno era senhor de engenho e, portanto, pertencente a uma das tradicionais famílias pernambucanas. Naquela época, assistia-se à decadência das aristocracias do campo e à crescente ascensão da classe industrial nas capitais. Por isso, muitos críticos interpretam *Casa-grande & Senzala* como uma narrativa que procura fazer uma alusão nostálgica (muito parecida com a nostalgia lusitana) aos períodos de ouro da família do autor. Deve-se atentar para o fato de que o autor escreveu o ensaio em Lisboa, Portugal — ambiente propício para se deixar contaminar pelas saudades lusitanas de seu passado glorioso. Há um autor em busca de um tempo, perdido no passado, que significa glória e opulência de suas origens. Por isso, verificamos que *Casa-grande & Senzala*, além de manifestar interesse científico e intelectual, é também uma opção pessoal de exprimir sua experiência de vida de menino de engenho e de intelectual que viveu nos grandes centros de produção científica dos Estados Unidos e da Europa e que quer recuperar o tempo perdido, quando esteve longe do país e do contato com a sociedade brasileira. É um estudo que se concentra mais no exame da casa e da família do que no Brasil como Estado Nacional.

O ponto de vista escolhido para tratar o tema revela não apenas o objeto, mas, sobretudo, quem analisa. É possível detectar o compromisso de Gilberto Freyre com um ambiente social em que se cristalizou uma ideologia predominante até hoje em nossa cultura. Nesse sentido, é impossível deixar de afirmar que *Casa-grande & Senzala* é uma obra produzida por um filho da República Velha, que indica um esforço de compreensão do Brasil através dos olhos da elite aristocrática que perdia o poder. Na verdade, o “nacional” seria o seu passado, as suas raízes.

Não se trata apenas de reconstrução do passado, ou do possível avanço positivo da ciência histórica; está-se, mais do que isso, em presença de textos de crise, de documentos que registram a trepidação da ordem social em que as oligarquias pontificavam nas diferentes regiões. (Mota, 1977:63)

Não há aí uma contradição: é uma obra plural, que absorve vários elementos, que quer retratar as mais diversas formas de representação existentes em nossa sociedade sob o ponto de vista do aristocrata rural — um grande álbum de fotografias, cujas fotos são tiradas por uma única máquina fotográfica. Seu caráter plural não está apenas na diversidade de informações, mas, também, na forma com que acaba dialogando com a retórica acadêmica, questionando-lhe o rigor e apontando suas debilidades e ineficiências. *Casa-grande & senzala* reescreve e reinterpreta a formação da sociedade brasileira numa forma original, irreverente, com fortes toques memorialísticos e, por isso, muito subjetiva também. Será justamente nesse ponto que a obra se aproximará da Literatura, porque Freyre acabará misturando a pesquisa com suas memórias de menino criado no engenho.

Embora não haja um sistema polifônico, Gilberto Freyre procura apresentar um multiperspectivismo narrativo, que procura se aproximar da perspectiva do outro, num movimento pendular. Darcy Ribeiro, no prólogo da publicação venezuelana de *Casa-grande & Senzala*, expõe de forma muito clara a capacidade de Freyre ser muitos, sem deixar de ser o neto de um senhor de engenho.

A Gilberto le agrada decir que es un escritor situado en el tiempo y en el espacio aun cuando pueda descubrir el pasado y el futuro y pasar por toda la tierra. Así es efectivamente. Escrebe sobre su casa señorial en el barrio de los Apipucos, en Recife, como un nieto de señores de ingenio, un blanco seguro de su hidalguía; así con Euclides — la observación es a Gilberto — escribe como un amerindio, un caboclo, Gilberto escribió como un neo-lusitano, como un dominador. Ninguno de los estan sólo una coisa u outra, bien lo sabemos. Pero ésas son las figuras que asumen, con las que ambos se hermanan y se identifican. Sus libros son elogios de ellas.(...)

En esa capacidade mimética **de ser muchos, sin dejar de ser él**, es donde se asienta el secreto que lo permitió escribir *Casa-grande Y Senzala*. A través de sus centenares de páginas, Gilberto es sucesivamente señorial, blanco, cristiano, adulto, maduro, sin dejar de ser lo opuesto en los siguientes paso, al

vertirse o sentirse esclavo, hereje, indio, niño, mujer, afeminado.[grifo nosso]  
(Ribeiro, “prólogo”, 1977)

Darcy Ribeiro toca num ponto crucial para o entendimento de *Casa-grande & Senzala* quando aponta para a capacidade que o autor tem de representar todas as vozes de nossa cultura, sem deixar de ser Gilberto Freyre, isto é, sem abandonar seu ponto de vista. A obra apresenta passagens de enaltecimento ao negro, ao português e ao índio, momentos em que aponta para a fatalidade do sistema escravocrata no sucesso da colonização portuguesa, bem como para os seus problemas e para o seu caráter desumano. É um dialogismo, no qual há muito bem marcada uma voz predominante.

O último ponto se refere às idéias mais em voga naquela ocasião. No Brasil, já vimos que Freyre teve uma grande responsabilidade pelo surgimento e fortalecimento do regionalismo. No meio desse contexto, *Casa-grande & senzala* será ovacionado pela crítica em geral, na medida em que compactua com o projeto de “pintar o Brasil” da sua cor local, valorizando as mais diversas formas de representação cultural. No que diz respeito à sua visão e à sua metodologia científicas, pode-se constatar que o autor estava inserido na vanguarda das Ciências Sociais européias e americanas. Embora com algumas contradições provindas de idéias novas carentes de amadurecimento, *Casa-grande & Senzala* traz inovações no tratamento dos conceitos de raça e cultura, porque caminha num sentido oposto aos dos evolucionistas, que acreditavam na tese da superioridade das raças.

É preciso levar em consideração, ainda, que Gilberto Freyre pertencia a um grupo de intelectuais reconhecidos em todo mundo. Estudou na Universidade de Baylor, com pós-graduação em Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais na Universidade de Colúmbia, onde teve contato com estudiosos renomados, dentre eles, o antropólogo americano Franz Boas, conhecido por suas inovações sobre a idéia de raça e de cultura e que influenciou fortemente os estudos do autor. Em 1931, em Lisboa, o sociólogo recebeu convite para trabalhar como professor visitante em Standford. Lá, aprendeu novas teorias sobre os

conceitos de raça e cultura que estão presentes em *Casa-grande & Senzala*, opondo-se às teorias racistas, no Brasil, como, por exemplo, a de Oliveira Vianna.

A obra de Freyre rompe com o academicismo dos estudos históricos e sociais não só pelo tema mas também pelas idéias e pela linguagem fortemente oral e coloquial. Na metodologia utilizada para interpretar nosso país, Gilberto Freyre torna-se o precursor da história da vida privada no Brasil. Ao misturar o biográfico e o existencial com o histórico, o literário e o intelectual, a narrativa caminha em sintonia com as mais avançadas vertentes de criação textual e de sentidos, como a *Escola dos Annalles* e a teoria da cultura bakhtiniana desenvolvida na mesma época.

Casa-grande & Senzala: un livre d'historien ou bien de sociologue? Je posais la question en commençant cette préface. Elle est oiseuse. Casa-grande & Senzala, un livre d'homme sur l'homme. Et si je m'inquiétais de ce problème de définition (pour refuser du reste de le poser) c'est que j'ai le malheur, le grand malheur d'être historien, à la fois, et Européen. (Febvre, 1952:20)

O livro de Gilberto Freyre não é simples, é uma história, uma sociologia, um memorial, uma introspecção, um enorme retalho do passado e também uma reflexão sobre o futuro. Não trata da história oficial do Brasil, mas é um estudo das histórias de nosso país — dos três grupos que formaram o brasileiro — da fusão dessas histórias. É um livro que nos faz compreender o Brasil e, conseqüentemente, Portugal, além de ser corajoso, porque discute o racismo, a escravidão e, sobretudo, a sexualidade. Por ser o sexo o coração do objeto analisado, o autor separa um grande espaço para a reflexão desse tema. Lucien Febvre (1952:19-20), em prefácio à edição francesa de *Casa-grande & Senzala*, afirma:

Grande leçon de cette histoire brésilienne telle que la met sous nos yeux Gilberto Freyre. Elle est tout entière une immense expérience, une expérience privilégiée de fusion de races, d'échange des civilisations. Ce Brésil, un creuset.

Freyre apresenta em *Casa-grande & senzala* uma explicação da identidade do país e, ainda mais, cria uma nova imagem do brasileiro, passando-a de negativa a positiva. Com

tal proposta, além de alargar os limites da nação, a obra vem apaziguar o sentimento de inferioridade racial do país.

A idéia de uma história em que os conflitos se harmonizam passou a fazer parte do senso comum do brasileiro e da cultura política do país, tendo sido veiculada pelos sucessivos governos a partir dos anos 1940. Incorporado por grande parte da população, o mito da “democracia racial” se tornou um obstáculo para o enfrentamento das questões étnicas e sociais e uma barreira para as minorias, como os negros, os índios, as mulheres e os homossexuais, cujos movimentos lutam por identidades diferenciadas e reivindicações específicas. (Ventura, 2000:11)

A intenção do autor é a de criar uma idéia de convivência afetuosa, tornando-se indiferente aos problemas da escravidão e, como afirmou Darcy Ribeiro, apresentando-se múltiplo sem deixar de ser ele. Isso quer dizer que, dentro do grande diálogo, há uma voz que se impõe e dá o tom à obra. São vozes, portanto, distorcidas pela pena do autor, mas que nem por isso colocam em risco a riqueza de informações que a obra fornece. O próprio título da obra sugere a união harmônica entre branco e negro, pois mostra a casa-grande e a senzala como um espaço de miscigenação étnica e cultural. Ao contrário do que fez a tradução francesa, Gilberto Freyre não valoriza a idéia de classes — do senhor e do escravo. Numa carta escrita a Freyre nos anos 1970, há uma curiosa observação de Carlos Lacerda sobre a simbologia que o título da obra traz:

Curioso notar que na manhã do dia em que recebi o texto da conferência, em Paris, passando pela Livraria Gallimard, vi na vitrine a versão francesa de *Casa-grande & Senzala*. Não gostei do título francês. Achei-o infiel ao espírito da obra na qual você precisamente caracteriza a doçura e não a agressividade na convivência entre senhores e escravos, em que pese a violência do fato da escravidão. Ao ler, na tarde do mesmo dia, o texto do senhor, encontrei a mesma apreciação feita com uma finura e acuidade extraordinárias.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Carlos Lacerda, carta (197?), Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

Lacerda, ao confrontar a idéia do título original com a versão francesa (*Maîtres et Esclaves*), apresenta, na verdade, um temor à idéia de luta de classes. A tradução da obra para o francês acaba deixando, pelo menos no título, uma interpretação e um ponto de vista ao colocar em cheque a imagem romântica do colonizador. O título acentua a oposição entre as classes, na qual um tem o poder e o outro é oprimido e, assim, atenua a imagem do português que fez concessões para conviver em paz com os seus súditos.

É inegável, também, que Freyre valorizou a Cultura Brasileira por seu caráter sincrético, por criticar os preconceitos sobre a idéia de inferioridade racial — visão negativa do país adotada pelas elites. Procurou, ainda, demonstrar que a teoria da superioridade de raças não tinha fundamento científico, ainda que ele acreditasse numa hierarquia entre as diversas culturas, como se observa em *Casa-grande & Senzala*. Sua conduta crítica ao racismo e seu enfoque renovador da escravidão, da monocultura e do latifúndio, sob a ótica da cultura e da economia, faz dessa obra um manifesto cultural e político de grande impacto. Ao explicar o conceito de raça, Gilberto Freyre desenvolveu não só uma metodologia como também um objeto de estudo original: o Brasil como a única civilização dos trópicos, e a sociedade brasileira como uma criação excepcional dos portugueses. Observando, assim, tema e obra, percebe-se que há uma profunda identidade entre objeto do estudo, método e forma da narrativa, compondo um texto vivo que está em amplo movimento, porque dialoga com muitas vozes.

É preciso ressaltar que, apesar de *Casa-grande & senzala* marchar na contracorrente do ambiente evolucionista que sustentou, sobretudo, a Segunda Guerra Mundial, foi a obra que mais esteve em sintonia com o clima do Estado Novo. Ao exaltar a mestiçagem, representando um passado doce do Brasil colonial, em que as relações entre a casa-grande e a senzala eram negociadas, harmoniosas e sensuais, ele será o ideólogo mais fiel do novo país que surgia.

Retomando as palavras de Marilena Chauí citadas no início deste capítulo, quando a autora caracterizou a idéia de mito, constata-se que Freyre é menos um criador de mitos, que um colhedor desses para formar uma narrativa capaz de explicar o Brasil. A figura da mulata sensual, por exemplo, não é originalidade de Gilberto Freyre, já circulava em nosso imaginário desde o início da colonização, como está nos versos de Gregório de Matos, séc. XVII, por exemplo. Freyre procura esclarecer as origens dos mitos, mostrando ao leitor que não se trata de invenção sua. Para isso, muitas vezes recorreu à imagem do português histórico, à formação do homem português. A união dos mitos e lendas da cultura popular a inovações científicas torna a obra maleável e original, digna de múltiplas críticas ao longo da história.

Esse é um ponto de grande importância, porque, se o ensaio foi capaz de cristalizar uma ideologia da Cultura Brasileira – no que se refere às idéias do brasileiro mestiço e da democracia racial - será obviamente alvo de permanentes críticas e avaliações. A trajetória e o impacto da obra em diversos momentos acabam assumindo um papel muito importante, por permitir a análise da cristalização dessa ideologia. A obra que analisa um objeto acaba sendo também objeto de investigação, fornecendo-nos um panorama do pensamento social brasileiro. De forma estranha, e ao mesmo tempo interessante, a obra de Gilberto Freyre talvez tenha sido, dentro de toda a literatura nacional, a que sofreu o maior número possível de interpretações distintas, de acordo com o momento político e histórico do país: ora lida como uma obra inovadora, de vanguarda e autenticamente moderna, ora vista como a mais reacionária reflexão sobre o Brasil de todos os tempos, conforme temos visto ao longo deste capítulo.

A vitalidade do ensaio freyreano se deve, sobretudo, à “disponibilidade” do ensaio, que proporciona uma liberdade consciente ao intérprete, por ser uma obra aberta e por permitir uma rede de relações inesgotável. Todavia, não se pode deixar de tomar como

pressuposto que Gilberto Freyre é um investigador ambíguo e que não possui um único ponto de vista. Cabe alertar, no entanto, que a oscilação de idéias no pensamento freyreano não corresponde a um perfil contraditório negativo, mas a um ponto de vista provisório, que vai amadurecendo e se enriquecendo ao longo da obra. Elaborando melhor a tese, a variação de seu pensamento decorre das perguntas diferentes que o autor faz em momentos diferentes da escrita, permitindo, com isso, várias interpretações. O seu mecanismo de construção de um pensamento científico parte do pressuposto que não existe uma verdade fechada e inflexível, assim, toda a reflexão passa por um processo dialógico com outros discursos e, sobretudo, com o grande tempo.

Esse movimento possibilita críticas das mais diversas. Entretanto, cabe reiterar que a sua trajetória política, marcada por constantes mudanças de posicionamento, propiciaram, também, as variadas correntes críticas sobre sua obra.

Como vimos anteriormente, a narrativa freyreana provocou fortes ataques contra a sua linguagem “vulgar e obscena”, a ponto de alguns exemplares terem sido queimados em praça pública no Recife. Freyre foi fichado em 1935 pelo Dops (Delegacia de Ordem Política e Social) de Pernambuco, junto com Di Cavalcanti e Cícero Dias, como agitador e organizador da Frente Única Sindical, que orientava as greves preparatórias do movimento comunista. Em contrapartida, em sua maturidade, Gilberto Freyre assumiu posições polêmicas que o tornaram maldito durante vários anos pela esquerda, como o apoio ao golpe militar de 1964, por entender que se tratava de um restabelecimento da ordem patriarcal, destruída pela urbanização. Foi conivente, também, com a ditadura de Salazar, em Portugal, e com a política colonialista na África e na Ásia, que traziam de volta os ares do “lusotropicalismo”.

Essas oscilações dos intelectuais entre adoração e repúdio a Freyre atingiam também *Casa-grande & Senzala*, que assim se colocava num movimento pendular entre

aplausos e vaias, como se a obra estivesse viva e se transformasse juntamente com seus leitores. Será que não é quase isso que ocorre? Já é consenso nos estudos literários que nenhuma escrita é isenta, ou melhor, que “nenhuma escrita e leitura são isentas”, pois escrevemos ou lemos um texto a partir de nossas vivências, conhecimentos e visões de mundo. Para entendermos esta alternância de aceitação de *Casa-grande & Senzala*, é necessário partir de dois pólos: o texto e o leitor/leitura.

O texto, obra aberta, permite que se façam leituras sob várias perspectivas, e é neste ponto que começa a performance do leitor. Entretanto, é importante perceber que *Casa-grande & Senzala* não é uma obra que não conclui por incompetência do autor. Ao contrário, é justamente devido ao estudo sério e amplo da formação da sociedade brasileira que Freyre capta a complexidade de nosso país e nossa cultura e entende que não é possível fechar uma resposta única e verdadeira para uma história extremamente plural. Dessa forma, o leitor valoriza as informações que são mais relevantes conforme seu meio e momento histórico e as decodifica a partir de suas experiências. Obviamente, esse é o processo normal de toda e qualquer leitura. É o leitor que torna possível a Literatura. Entretanto, o que esta pesquisa quer demonstrar é que *Casa-grande & Senzala* se diferencia da maior parte dos estudos historiográficos tradicionais, que fornecem uma conclusão com vistas a eliminar as dúvidas do leitor, pois Freyre age de modo diferente ao discutir a formação da sociedade brasileira numa cadeia infinita.

Se, dentro do país, *Casa-grande & Senzala* angariou críticas negativas, sua recepção no exterior não poderia ter sido melhor. Já em 1934, o estudioso americano e amigo de Gilberto Freyre Francis Simkins negociava em cartas ao amigo a publicação americana de *Casa-grande & Senzala*, a qual se concretizaria em 1936.<sup>11</sup> Em reconhecimento ao seu talento, Freyre começa a receber uma série de convites dos meios

---

<sup>11</sup> Francis Simkins, cartas (1934), Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

intelectuais mais reconhecidos. Em 1942, o sociólogo George Gurvitch, professor da Columbia University, o convida para participar da comissão do *Journal of Legal and Political Sociology*.<sup>12</sup> Em 8 de novembro de 1945, Fernand Braudel também o convida para ser um dos membros do comitê da Revista *Annales: Sociétés, Economics, Civilisations* (até 1939 chamava-se *Annales d'histoire économique et sociale*). Numa segunda carta-convite, em 1946, Braudel explica:

Vous connaissez sans doute notre revue qui a déjà une vingtaine d'années d'existence (elle était dirigée avant la guerre par Lucien Febvre et March Bloch) et où j'ai essayé, du mieux que j'ai pu, de signaler votre magnifique effort d'historien et de sociologue. Je vous avais même envoyé l'assez long article écrit à votre propôs, toujours par l'intermédiaire de notre ambassade. L'avez-vous reçu? Il est inutile que je vous affirme que notre revue est, comme par lè passé, strictement scientifique et politiquement indepédante.<sup>13</sup>

Gilberto Freyre aceita o convite para participar do comitê da *Revista dos Annalles* e, em 1952, torna-se também membro do *Comitê Directeur de l'Associatino Marc Bloch* a convite de Lucien Febvre<sup>14</sup>.

Em 1958, quando se comemoraram os 25 anos da publicação de *Casa-grande & Senzala*, a editora José Olympio procurou reunir ensaios e depoimentos dos principais ensaístas, escritores e poetas sobre a obra principal de Gilberto Freyre. Tal projeto só foi concluído em 1962 e publicado em único livro: *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte*. O que se pode verificar em quase todos os 64 ensaios é a aclamação de Gilberto Freyre como um revolucionário no método da escrita científica. Trata-se de uma crítica voltada, sobretudo, para o discurso e o estilo freyreano. Dessa forma, não se discute muito a direção ideológica da obra, isto é, a posição do autor quanto ao processo de colonização do país. As críticas tomam a obra como inovadora no método, no estilo e na formulação de alguns conceitos antropológicos, como, por exemplo, a valorização da idéia do “homem

---

<sup>12</sup> George Gurvitch, carta (1942), Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>13</sup> Fernand Braudel, carta (1946), Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>14</sup> Lucien Febvre, carta (1952), Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

situado” (o homem hispânico situado nos trópicos), a valorização de uma Sociologia do Tempo, a criação de uma Sociologia do Cotidiano e demais inovações revolucionárias de metodologia no Brasil.

Jorge Amado, um dos colaboradores da obra, escreveu um ensaio inflamado e apaixonado comparando o sucesso e a importância de *Casa-grande & Senzala* com a publicação de *Grande Sertão: Veredas* e ressaltando o valor da obra no processo de democratização da cultura no Brasil. O escritor lembrou que, antes da publicação do ensaio de Gilberto Freyre, livros de história e ciência eram vistos como chatos, ilegíveis e difíceis. Por ser um livro de estudo e pesquisa que pode ser lido com prazer e “saboreado como um poema”, a obra de Freyre foi responsável por levar ao público o gosto por livros que procuram interpretar o Brasil. Após *Casa-grande & Senzala*, as editoras passaram a publicar mais livros desse gênero. Jorge Amado aponta, também, para o caráter de pesquisador completo que há em Gilberto Freyre e diz que ele é um “homem do documento empoeirado, mas sobretudo da vida vivida”. Ou, como lembra José Américo de Almeida, também em crítica para a obra comemorativa, a originalidade de Freyre está em unir ciência e sensação. Ainda nessa coletânea de críticas, também Antônio Cândido atenta para a natureza plural da obra e para a autodefinição de Freyre como um literato. Apesar do rigor investigativo, parece que Freyre teme parecer academicamente técnico e, por isso, utiliza “impuramente a literatura para fim da sua construção sociológica.”

Portanto, verifica-se que, 25 anos depois da publicação de *Casa-grande & Senzala*, a obra é valorizada pelo caráter inovador dos rumos da pesquisa da realidade brasileira, pela audácia de utilizar a expressão literária como recurso de elucidação e pesquisa.

Podemos discordar de sua maneira de considerar a nossa terra, do diagnóstico que dela faz e, sobretudo, da terapêutica que lhe aconselha, mas é sempre a sua terra, a nossa terra que está presente no seu espírito e que se orna toda de galas nos seus livros. Em todos existem sugestões e motivos para uma rica e variada meditação do significado do Brasil e, daí, a importância da obra de

Gilberto Freyre. Ainda quando em desacordo com as suas idéias e teorias — ou melhor, precisamente por isso — ele nos leva a considerar, com mais cuidado, diferentes aspectos da nossa história e da nossa cultura. (J. Cruz Costa, 1962:190)<sup>15</sup>

Como já foi visto, os primeiros anos de *Casa-grande & Senzala* foram marcados por uma crítica de exaltação à obra, pois ela vinha para ratificar o sentimento nacionalista produzido nas décadas de 1930 e 1940. Finalmente, alguém havia sido capaz de realizar um estudo de interpretação daquilo que seria genuinamente nosso e mapear todos os contornos da cultura brasileira. Mais tarde, 25 anos depois, a crítica se diferenciaria por um olhar específico sobre a metodologia e estilo da obra. Muitos já discordavam da postura aristocrática da época, já percebiam o ar de nostalgia dos terríveis tempos da escravidão que a obra carregava, porém sabiam valorizá-la, reconhecê-la e respeitá-la.

Posteriormente, nos anos da ditadura militar pós-1964, *Casa-grande & senzala* produziria um novo sentido, ou melhor, o leitor mostraria uma nova recepção do ensaio. Por causa do apoio do autor ao Governo Militar, ele e sua obra foram diabolizados por boa parte dos intelectuais brasileiros. Pensamentos de esquerda e de linhas marxistas viam na obra a voz do poder, do dominador que procurou disfarçar qualquer embate entre classes opostas (o senhor e o escravo). Para os críticos, a luta de classes foi substituída pela acomodação, devido à capacidade singular do colonizador de se adaptar à cultura e ao ambiente do povo dominado e, a partir daí, formar uma sociedade híbrida. Tal repúdio foi acentuado a partir da segunda metade dos anos 1960, e assim começou um processo de esquecimento e aniquilamento da imagem de Gilberto Freyre que caminhou até os anos 1980.

Nessa trajetória, é inevitável pensar na Universidade de São Paulo (USP) que, naquela época, formava as principais diretrizes e tendências ideológicas das ciências

---

<sup>15</sup> “Gilberto Freyre e a interpretação filosófica da realidade brasileira”, in. *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte*, 190.

sociais. O saber sociológico se dividia em dois lados opostos: os marxistas uspianos (Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, entre outros) e os conservadores de direita, do qual fazia parte Gilberto Freyre. A partir desses pólos bem definidos, a USP, que foi a condutora ideológica dos intelectuais, formou toda uma geração sem apresentar aos alunos do curso de Ciências Sociais as obras freyreanas, em especial, *Casa-grande & Senzala* (Vasconcellos, 2000). Tal execração deve-se muito mais ao fator biográfico — Gilberto Freyre teria apoiado o golpe de 1964 — do que à interpretação adocicada da relação senhor-escravo, com desdobramentos numa democracia racial.

Em 1987, o crítico Antônio Cândido escreveu um artigo em decorrência da morte do sociólogo. Nesse artigo, publicado na *Folha de São Paulo*, afirma seu desejo de lembrar um período da vida de Gilberto Freyre que vai de 1933 até 1945, quando foi eleito, pela esquerda, deputado federal. “Depois disso, no correr dos anos, mudou bastante. Mudou demais.” (Cândido, 1996:82)<sup>16</sup> A partir de seu posicionamento político, que mudou na velhice, todas as idéias inovadoras construídas por Gilberto Freyre foram “esquecidas”. Se, nos anos da ditadura militar, o autor compactuou com o “Diabo”, cabia aos inquisidores a tarefa de queimar também toda sua obra. Apesar da crítica feroz, Antônio Cândido já consegue, em 1987, perceber o viés revolucionário de *Casa-grande & Senzala*. Ainda nesse artigo, lembra que o livro mudou uma geração, que pela primeira vez passava a acreditar nas virtudes da mestiçagem como fator democrático. Embora haja extrapolações e arbítrio, a obra foi reveladora porque desmontou a concepção de que tínhamos da nossa história social, ao trazer o tema do sexo, das relações familiares, da alimentação, do vestuário, da religião, obrigando-nos a reconhecer a forte herança africana na cultura brasileira. Para o crítico da USP, o Gilberto Freyre dos anos 30 aos 40 foi “um caso raro de

---

<sup>16</sup> Artigo originalmente publicado na Folha de São Paulo, em 19/07/1987.

pensador e sociólogo aristocrático” (Idem), que vinha para quebrar tabus e propor um novo modo de ver as coisas.

Nesses anos marcados pela ditadura militar, os estudantes de Sociologia engendraram uma idéia de que Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Caio Prado Junior e outros faziam sociologia subversiva e revolucionária, enquanto Freyre era um sociólogo conformista, um senhor de engenho cruel e sádico.

No que o [Freyre] conheci através da imprensa, princípios dos anos 80, tive a oportunidade de registrar uma lacuna na minha geração que se formou nas ciências sociais da Usp. Não sacávamos quase nada de sua obra e, por conseguinte, desconhecíamos as ramificações regionais do pensamento sociológico, aquela coisa do Brasil uno e múltiplo. (Vasconcellos, 2000:15)

Em 1968 ingressei na Faculdade de Ciências Sociais da Usp e qual não foi minha surpresa diante da ausência de qualquer referência ao sociólogo pernambucano, tanto no meio dos professores como junto aos meus colegas... (Idem:135)

Também o marxismo intelectual de autores como Nelson Werneck Sodré e Carlos Guilherme Mota insurgia-se contra a interpretação freyreana de que a escravidão fora cordial. Apontavam criticamente para fato da obra focar o escravo doméstico e quase esquecer o escravo da senzala, bem como a idéia de que a sexualidade/miscigenação neutraliza a exploração social. Werneck, por exemplo, reconhece em Freyre o estilo original de modernista ativo pela forma e pelo conteúdo da obra; entretanto, afirma a continuidade de um discurso que sempre fortaleceu as classes dominantes.

Trata-se de escrever bem, realmente, em contraste com a chatice e a ênfase dos que vinham trabalhando no gênero. Mas trata-se, também, no conteúdo, de renovar no acessório, sem molestar os tabus da classe que vai emergindo e participando cada vez mais do poder, inclusive na tarefa de estabelecer as idéias dominantes, fundar a nova cultura oficial. (Sodré, 1988:556)

Darcy Ribeiro, que soube valorizar não só o estilo freyreano mas também sua capacidade plural de representação da cultura brasileira, não deixou de observar sua ideologia patriarcal e escravocrata ao observar que o autor enquadra o negro visto da varanda. Darcy Ribeiro observa um ponto fundamental: Freyre deixa de fora o grosso da mão-de-obra escrava. Nesse sentido, Gilberto Freyre e sociólogos paulistas assumem posições bem diversas. O que conta para Freyre não é a abstração, nem a análise econômica, mas a natureza na qual a terra se sobrepõe aos conceitos. Daí ele cria a tropicologia, que estudará as singularidades do espaço tropical no desenvolvimento de um povo. Para os paulistas, a Sociologia deveria se preocupar em primeiro plano com a sociedade de classes, numa visão cosmopolita, em detrimento de um estudo regional e de um reconhecimento de uma junção luso-tropical em nossa sociedade. Nos estudos dessa geração sobre a sociedade brasileira, não há relação de identidade ibérica, por exemplo, como se nada tivéssemos a ver com a cultura portuguesa. Na verdade, essa oposição de ideologias já existia desde do final dos anos 1950 e início dos anos 1960, mas foi acentuada a partir do golpe militar.

Numa carta, de 1961, a Gilberto Freyre, o sociólogo uspiano Florestan Fernandes convida-o para participar da banca de doutorado de seus orientandos, Fernando Henrique e Octavio Ianni, e diz não haver razão para o isolamento entre as correntes nordestinas e a USP. Ainda assim, apesar do esforço de Florestan Fernandes, logo vem o Golpe Militar para acentuar ainda mais as diferenças entre a sociologia de Gilberto Freyre e o marxismo uspiano.

Agora, o principal objetivo desta carta: os dois primeiros doutoramentos da cadeira de Sociologia I, a realizar-se em breve, de candidatos que trabalham sob minha orientação, devem ocorrer dentro deste semestre. Os candidatos são seus conhecidos e admiradores: Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni. Os trabalhos versam assuntos de sua principal área de estudos — a sociedade senhorial brasileira, só que agora vista do ângulo das relações entre o senhor e o escravo no sul do Brasil (Porto Alegre e Curitiba). Queríamos prestar-lhe

uma homenagem, que constitui ao mesmo tempo uma honra para nós, pedindo-lhe para participar da banca examinadora. Poderia fazer um sacrifício e aceitar esse encargo? Do meu ponto de vista — posso dizer-lhe, sem ser chamado? — acredito que não tem razão de ser o isolamento em que se tem mantido em relação os centros universitários brasileiros, especialmente o de São Paulo, e outros centros longínquos e pouco reveladores de sua personalidade [ilegível] pela pesquisa e devoção à causa da ciência. Acho que seria magnífico contar com a sua colaboração...<sup>17</sup>

Uma terceira fase da trajetória de *Casa-grande & Senzala* pode ser observada a partir dos anos 1990, quando a recepção da obra atinge um sentido bem maior. Seu saber multidisciplinar da ciência do trópico e sua contribuição precedem a ideologia do engenho. Finalmente, a academia torna a acolher Gilberto Freyre para observá-lo como o fundador de uma escrita da história da vida privada no Brasil, como um vanguardista de uma nova historiografia brasileira. Foi principalmente depois da difusão de depoimentos aclamadores, feitos por nomes internacionais como Roland Barthes, Lucien Febvre, Fernand Braudel, Peter Burke e outros, que nós, brasileiros, começamos a reconhecer o grau de importância do estudo produzido por Freyre. Com o interesse pela micro-história no meio acadêmico, que finalmente superava o modelo oficial da história dos “grandes homens”, pudemos compreender o quão vanguardista Gilberto Freyre era dentro dessa perspectiva.

Podemos consagrar o ano de 1993 como um marco de reaproximação da academia com os estudos freyreanos, a partir da defesa da tese de doutorado de Ricardo Benzaquen de Araújo no curso de pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional – UFRJ, intitulada *Guerra e Paz: Casa-grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. A tese examina as relações estabelecidas na obra freyriana, especialmente *Casa-grande & Senzala*, com as propostas modernistas. A pesquisa faz também uma análise da escrita de Gilberto Freyre para afirmar que seu estilo se ajusta ao posicionamento político e

---

<sup>17</sup> Florestan Fernandes, carta (1961), Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

ideológico do autor. É uma tese que vem para retomar as avaliações positivas da obra freyreana na academia brasileira.

A partir daí uma nova fortuna crítica sobre a obra de Gilberto Freyre surge, sobretudo em 2000, quando comemoramos o centenário do nascimento do autor. Apesar da total ausência de visão da instituição brasileira, de faltar uma análise do Estado-nação, entendemos que aquilo que os marxistas criticavam como sendo uma visão harmoniosa e irreal por parte de Freyre foi, na verdade, a expressão de seu grande otimismo, elemento estranho nas interpretações do Brasil. Em vez de seguir o caminho daqueles que sempre falaram sobre aquilo que nos falta, como fizeram Oliveira Vianna, Manuel Bonfim, Paulo Prado, Caio Prado Jr., Nelson Werneck Sodré e tantos outros, Gilberto Freyre preferiu falar sobre as riquezas e peculiaridade do Brasil, afastando-se de um intelectualismo teórico que muitas vezes não consegue atingir de fato o real. Esse ponto de vista “positivo” pode gerar incômodo, na medida em que não estamos acostumados a pensar academicamente sobre o que é bom, preferimos examinar o que não deu certo e como poderia ter dado certo.

É preciso entender que Gilberto Freyre optou por fazer uma interpretação da sociedade brasileira através de um estudo da casa e da família e não de nosso conjunto institucional. É certo que esta opção construiu uma visão desequilibrada do país; todavia, as críticas exageradas produziram também algumas leituras ineficazes de *Casa-grande & Senzala* nos anos 1970 e 1980. Não podemos, dessa forma, ambicionar encontrar algo que não existe na obra freyreana, como, por exemplo, a concepção de Estado-Nação, simplesmente porque Freyre não optou por olhar para isso.

Assim, é importante observar as intenções do autor, uma vez que a leitura é um ato comunicativo, concretizado pelo leitor, mas que começa na produção do discurso, que parte do autor, aqui considerado como o emissor da mensagem.

#### 4 – A MATÉRIA E O DISCURSO HÍBRIDOS EM CASA-GRANDE & SENZALA.

*“Cantador, o teu canto de improviso  
é o mais nobre poder da criação  
o teu verso tem a força de Dansão  
é fatal é perfeito e é preciso  
cantador do inconsciente coletivo  
canta a força do povo e o desengano  
e a esperança que brota todo ano  
vai tecendo nos versos e nas loas  
batucando a toada de Alagoas  
nos dez pés de martelo alagoano.*

*Da cidade de Campina e do Monteiro  
De Passira Pannels e Ingazeira  
São José do Egito Capoeira  
É viola e ganzá e é pandeiro  
Salve Dimas e Pinto do Monteiro  
Lourival trocadilho sobre-humano  
Vitorino o teu verso tem bom plano  
Oliveira Castanha e Beija-flor  
E Mocinha de Passira é um condor  
Nos dez pés de martelo alagoano.*

*Cantador cem por cento brasileiro  
Tem no sangue a saudade lusitana  
O batuque das terras africanas  
Caetés teu guerreiro violento  
Cantador de alegrias e tormentos  
Tem os pés calejados dos ciganos  
É poeta perfeito e soberano  
Soberano perfeito e é poeta  
Tem o arco e tem a flecha  
Nos dez pés de martelo alagoano.”  
(Martelo Alagoano, Alceu Valença)*

No início do primeiro capítulo de *Casa-grande & Senzala* (1933), o autor pernambucano apresenta e fortalece a principal tese da obra — a colonização brasileira é singular e excepcional, diante das demais colonizações americanas, pelo fato de os portugueses formarem um povo especial, adaptado à vida tropical, maleável, capaz de absorver e de interagir com a cultura do dominado. Desde as Índias e a África, eles já tinham demonstrado suas aptidões para o clima tropical, todavia, “no Brasil é que se realizaria a prova definitiva daquela aptidão” (C.G.S., 4). Para além da vida mercantil, o

povo invasor passaria a um quadro agrícola, com a “estabilidade patriarcal da família, a regularidade do trabalho por meio da escravidão, a união do português com a mulher índia, incorporada assim à cultura econômica e social do invasor” (C.G.S., 4). Freyre nos aponta que os portugueses, ao encontrar aqui homem e terra em estado bruto, tiveram a aptidão para lapidar, isto é, para construir uma civilização.

O ensaio freyreano enaltece o português, ao mostrar que o Brasil só foi possível graças ao caráter cosmopolita e plástico do colonizador, dando a essa qualidade um ar de afetividade e bondade. Entretanto, o autor precisou banalizar as atrocidades do sistema escravocrata. De forma perspicaz, Gilberto Freyre aponta para os sofrimentos dos escravos, mas transforma esse fato em algo menor, diante da grandeza que foi a colonização portuguesa no Brasil — estratégia que, como vimos no capítulo anterior, torna-se polêmica anos mais tarde.

A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou, antes, cultural, de poço indefinido entre a Europa e a África. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob a europeia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura; o ar da África, um ar quente, oleoso, amolecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas; corrompendo a rigidez moral e doutrinária da Igreja medieval; tirando os ossos ao Cristianismo, ao feudalismo, à arquitetura gótica, à disciplina canônica, ao direito visigótico, ao latim, ao próprio caráter do povo. A Europa reinando mas sem governar; governando antes a África. (C.G.S., 5)

A partir daí, Gilberto Freyre recorre ao português primitivo, apresentando sua origem de “povo indefinido”, através de um dialogismo racial, para justificar a sua natureza e predisposição à colonização híbrida. A citação anterior é carregada de recursos estilísticos, uma bela imagem de um português quase barroco, que transita de um extremo ao outro. É o europeu suavizado pelo contato com o africano — o homem bicontinental. O

autor sugere uma imagem na qual o dominador aterrissa para se miscigenar, através da atração sexual entre as raças e pelo intercuro entre as suas culturas. Todavia, não há um destronamento da classe dominante, mas uma concessão. Seria, assim, uma atitude carnavalesca? Examinando essa questão à luz de quem mais se aprofundou nesse tema, o teórico Mikhail Bakhtin, pode-se afirmar que não há a carnavalização, pela ausência da principal característica do duplo destronante (destronamento/coroação), apesar de Freyre, com seu olhar romântico, sugerir tal característica em algumas passagens. De fato, a miscigenação não traz a democracia racial, já que os grupos étnicos brasileiros se agruparam em classes econômicas muito bem definidas e separadas. Etnia e classes sociais se confundem, por isso, a democracia racial verdadeira deveria estar necessariamente ligada à igualdade e à desierarquização das elites do poder.

Por outro lado, a relação ente colonizador e colonizado estabeleceu um espaço liminar em que se pôde intercalar um dialogismo de culturas. Nessa perspectiva, *Casa-grande & Senzala* nos aponta para algumas características da cosmovisão carnavalesca presentes na cultura popular brasileira, em todas as suas manifestações.

Através da leitura da obra freyreana, verifica-se a relação, em muitos aspectos, da nossa cultura com a tradição medieval. Mesmo que apenas nos planos cultural e sexual, o ensaio nos mostra aristocratas confraternizando com a “escória social”. Apesar de a obra possuir uma perspectiva romântica, na medida em que o herói ainda é o português, não podemos compará-la com a tradição brasileira do século XIX, na qual havia imposição da cultura do dominador sobre a do dominado. Peri, no romance *O Guarani* (1857), de José de Alencar, só se torna herói depois de ser batizado e receber nome de cristão. Gilberto Freyre, em contrapartida, não caminha nessa tradição, ao contrário, mostra que o colonizador, mesmo separado por barreiras hierárquicas, em muitos momentos entra em livre contato familiar na “praça pública carnavalesca”, interagindo com a cultura do negro

e do índio (o que Bakhtin chamaria de “*mésalliances* carnavalescas”). Assim como o homem medieval, o homem colonial levava uma vida oficial, séria, subordinada aos preceitos cristãos, e outra vida, livre, cheia de profanações, descidas e indecências do contato familiar. A pluralidade da cultura brasileira é uma peculiaridade da cosmovisão carnavalesca, e a tendência de interação com outras culturas é algo próprio do português, tomado por Freyre como uma qualidade singular diante dos demais colonizadores no mundo ocidental.

Junte-se às vantagens, já apontadas, do português do século XV sobre os povos colonizadores seus contemporâneos, a da sua moral sexual, a moçárabe, a católica amaciada pelo contato com a maometana, e mais frouxa, mais relapsa que a dos homens do Norte. Nem era entre eles a religião o mesmo duro e rígido sistema que entre os povos do Norte reformado e da própria Castela dramaticamente Católica, mas uma liturgia antes social que religiosa, um doce cristianismo lírico, com muitas reminiscências fálicas e animistas das religiões pagãs: os santos e os anjos só faltando tornar-se carne e descer dos altares nos dias de festa para se divertirem com o povo; os bois entrando pelas igrejas para ser benzidos pelos padres; as mães ninando os filhinhos com as mesmas cantigas de louvar o Menino-Deus; as mulheres estêreis indo esfregar-se, de saia levantada, nas pernas de São Gonçalo do Amarante; os maridos cismados de infidelidade conjugal indo interrogar os “rochedos dos cornudos” e as moças casaduras os “rochedos do casamento”; Nossa Senhora do Ó adorada na imagem de uma mulher prenhe. (C.G.S., 21-22)

Outro aspecto é que não há também a tradição dos grandes heróis. O ensaio trabalha com o homem em si. Mesmo o aristocrata (o senhor) é vulgarizado, já que o autor apresenta a aristocracia apenas como uma posição em que se encontra o homem. Portanto, o colonizador não possui uma superioridade divina, não há superioridade de raças, o português esteve no poder por uma questão histórica e cultural, “o espírito do sistema econômico que nos dividiu, como um deus poderoso, em senhores e escravos.” (C.G.S., 379)

Corrigindo até certo ponto tão grande influência do clima amolecedor atuaram sobre o caráter português, entesando-o, as condições sempre tensas e vibráteis

de contato humano entre a Europa e a África; o constante estado de guerra (que entretanto não exclui nunca a miscigenação nem a atração sexual entre as duas raças, muito menos o intercuro entre as duas culturas); a atividade guerreira, que se compensava do intenso esforço militar relaxando-se, após a vitória, sobre o trabalho agrícola e industrial dos cativos de guerra, sobre a escravidão ou a semi-escravidão dos vencidos. Hegemonias e subserviências essas que não se perpetuavam; **revezavam-se** tal como no incidente dos sinos de Santiago de Compostela. Os quais teriam sido mandados levar pelos mouros à mesquita de Córdoba às costas dos cristãos e por estes, séculos mais tarde, mandados reconduzir à Galiza às costas dos mouros. **[grifo nosso]** (C.G.S., 5)

Essa visão é, portanto, diferente da glorificação feita ao português no romantismo brasileiro. Por exemplo, pensando mais uma vez no romance de José de Alencar, *O Guarani* (1857), lembraremos de D. Antônio de Mariz, personagem cuja religiosidade o coloca em um nível superior. Ele é o colonizador porque é português e cristão; logo, de uma raça mais elevada que a dos selvagens, ao contrário da proposta de Freyre.

Freyre, ao utilizar a idéia de hibridização na formação da sociedade brasileira, refere-se à mistura dos três elementos que atuaram no processo de colonização — o índio, o europeu e o africano — bem como o convívio das três culturas que acabaram por formar o brasileiro e a cultura nacional. Da mesma forma, a própria narrativa constitui também uma unidade híbrida, se comparada ao discurso oficial, para mostrar as imagens de um “corpo popular, coletivo e genérico” (Bakhtin, 1999:17.). Essas imagens do corpo se dão no plano do baixo, da terra, que é o começo porque gera a vida. Em *Casa-grande & Senzala*, os seios maternos que alimentaram e perpetuaram a descendência foram os da negra e da índia, o canal comunicante que propiciou o nascimento e a formação da sociedade foi o órgão genital, tanto da negra e quanto da índia. Assim, as imagens freyreanas nos apontam para uma sociedade constituída a partir das bases biológica e cultural, do baixo para o alto, embora o fator econômico caminhe por outra direção. Na visão de Freyre, a inserção parcial e controlada da negra na casa-grande promoveu a mistura das culturas e a interação sexual para a proliferação da sociedade.

Quanto à miscibilidade, nenhum povo colonizador, dos modernos, excedeu ou sequer igualou nesse ponto aos portugueses. Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços. (C.G.S., 9)

Pelo intercurso com mulher índia ou negra multiplicou-se o colonizador em vigorosa e dúctil população mestiça, ainda mais adaptável do que ele puro ao clima tropical. A falta de gente, que o afligia, mais do que a qualquer outro colonizador, forçando-o à imediata miscigenação – contra o que não indispunham, aliás, escrúpulos de raça, apenas preconceitos religiosos... (C.G.S.,13)

(...) os mestiços de portugueses com índios, com definido valor demográfico e social. Os formados pelos primeiros coitos não oferecem senão o interesse, que já destacamos, de terem servido de calço ou de forro para a grande sociedade híbrida que irá constituir-se. (C.G.S., 94)

Híbrida desde o início, a sociedade brasileira é de todas da América a que se constituiu mais harmoniosamente quanto às relações de raça: dentro de um ambiente de quase reciprocidade cultural que resultou no máximo de aproveitamento dos valores e experiências dos povos atrasados pelo adiantado; no máximo de contemporização da cultura adventícia com a nativa, da do conquistador com a do conquistado. Organizou-se uma sociedade cristã na superestrutura, com a mulher indígena, recém-batizada, por esposa e mãe de família; e servindo-se em sua economia e vida doméstica de muitas das tradições, experiências e utensílios da gente autóctone. (C.G.S., 91)

Para o Brasil a importação de africanos fez-se atendendo-se a outras necessidades e interesses. À falta de mulheres brancas; às necessidades de técnicos em trabalhos de metal, ao surgirem as minas. Duas poderosas forças de seleção. (C.G.S., 306)

De fato, Freyre coloca o português como um colonizador singular, pois os portugueses “triunfaram onde outros europeus falharam”. Essa “superioridade” se dá devido a algumas características básicas: miscibilidade, mobilidade e aclimatabilidade. Entretanto, o autor deixa claro que o objetivo do colonizador era colonizar, e, por isso, fizeram o que foi preciso para essa empreitada. Talvez, se nos primeiros anos de colonização houvesse mulheres brancas suficiente para as primeiras formações familiares, teríamos uma sociedade com outras características e, quem sabe, com preconceitos raciais mais definidos, como se deu nos Estados Unidos. Embora o autor colocasse a

miscigenação ocorrida no Brasil de forma poética e “doce”, fica claro na própria obra que, na verdade, não havia outra alternativa se quisessem levar adiante o projeto de colonização. A miscigenação foi, assim, um fenômeno histórico e político. E, para Freyre, a superioridade da nossa colonização foi justamente a capacidade do colonizador de ultrapassar as barreiras, adaptando-se às condições e necessidades que a nova região exigia. Há que se perceber, no entanto, que o mito da democracia racial não foi responsabilidade única de Gilberto Freyre, mas que foi construído a partir de sua tese sobre raça e cultura num período ufanista, com vimos no capítulo anterior.

No que diz respeito à escravidão e à miscigenação cultural e sexual entre senhor e escravo, a relação harmoniosa detectada por Gilberto Freyre se deu não só pelas características do colonizador apontadas anteriormente, mas também pela passividade dos escravos trazidos para o Brasil, aspecto recorrente na obra. É bem verdade que o autor olha apenas os escravos da casa-grande, pois, se olhasse para dentro da senzala, verificaria que as opressões sofridas por eles não abriam espaços para organizações revolucionárias. O único ato revolucionário, nem sempre possível, era o suicídio. A passividade e a parcial integração entre senhor e escravo, muitas vezes confundida com capacidade de concessão por parte do colonizador, foi bem ilustrada por Cícero Dias, no desenho que nos traz a planta da Casa-grande do Engenho Noruega (antigo Engenho dos Bois), em Pernambuco<sup>18</sup>.

Parte integrante da obra freyreana, o desenho está em perfeita sintonia com o texto. O desenhista apresenta a senzala de cima, onde ficavam os escravos que trabalhavam na casa-grande – observe que não se vê a senzala em que costumavam ficar os demais escravos<sup>19</sup>. Na senzala de cima, há negros descansando, na rede, cantando e tocando instrumentos musicais. Os jovens negrinhos brincam em harmonia ao lado de um menino branco e outro negro que estão numa gangorra. Há, ainda, uma cena de um sinhozinho

---

<sup>18</sup> Ver a planta no anexo.

<sup>19</sup> A planta de Cícero Dias sugere, entretanto, uma senzala mais afastada, como também havia em muitos engenhos, para abrigar os demais escravos.

brincando de cavalo com seu negrinho. Sem dúvida, o negrinho é o cavalo, que está sob rédeas, e o menino branco o condutor com um chicote na mão. É a cena de uma brincadeira clássica, que inclusive está também presente no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

Ainda observando o desenho, dentro da casa-grande, vemos todos os trabalhos convencionais, o dia-a-dia dos escravos domésticos: a cozinha, a ama que embala as crianças brancas para dormir, uma escrava a dar banho em seu senhor, uma negra fazendo companhia na alcova do padre, ao lado da capela. Do lado de fora da casa-grande, uma paisagem bucólica: negros caminhando, trabalhando na lavoura, um homem tendo relação sexual com um animal (prática comum, relatada por Freyre), um casal tendo relações sexuais ao ar livre, ares de harmonia. O desenho não mostra nenhum escravo sendo açoitado, escravas sendo estupradas (cenas corriqueiras da época) e as vidas sub-humanas dos negros. Tratar a passividade dos escravos sob esse ângulo distorcido e romântico é bem mais fácil do que olhar profundamente para as senzalas, onde não havia meios de resistência.

A renovação e a continuidade da vida são características do universo carnalizante apontadas por Bakhtin, sobretudo quando a exemplifica através da obra de Rabelais. Pode-se dizer, também, que o processo de miscigenação entre o senhor de engenho e o negro e, também, o índio, abordado em *Casa-grande & Senzala*, está em sintonia com algumas características da carnavalização. É importante esclarecer que não nos referimos ao processo de miscigenação em si, mas à forma como essa questão é representada na obra, cuja fonte é a praça carnavalesca abarrotada de diversas manifestações culturais e *mésalliances*: análise de festas populares, da culinária, das manifestações religiosas, das personagens abertas que estão em contato com todos e com tudo, enfim, a análise do conflito humano — característica universal. É o triunfo da vida sobre a morte na

perpetuação da existência através do corpo coletivo, e, nesse caso, através da sociedade e da cultura brasileiras. Além de transformar a miscigenação em aspecto positivo e definidor de nossa sociedade, o pensamento de Freyre contribui para tocar na ferida do racismo, ao demonstrar que todos nós somos oriundos dos negros, dos índios e dos portugueses. Com isso, *Casa-grande & Senzala* nos mostra que os males de nossa Nação não se dão por motivos biológicos, de raça, mas por questões culturais, históricas, econômicas e de poder.

Também a noção de história cultural na obra freyreana assemelha-se às maneiras de representação cultural apontadas por Bakhtin; uma cultura desenvolvida pela absorção de todas, bem digeridas, formando uma unidade na diversidade. É a fusão do popular e do erudito, do sacro e do profano, empregando gêneros intercalados, como cartas, canções do folclore, lendas, discursos historiográficos, fontes orais, imagens, receitas, ensaios sociológicos, literatura. O destemor teórico de Freyre destrona a ciência brasileira canônica da época, acostumada a solucionar todos os problemas, e remove barreiras de toda espécie, porque pensa sobre a relatividade e a ambivalência da verdade científica e da história oficial.

Cabe, agora, num segundo momento, olhar para outro aspecto. Ao se defrontar com uma cultura híbrida, Gilberto Freyre opta por fazer também um discurso híbrido, no conteúdo e na forma, através da mistura de várias linguagens sociais e de diferentes consciências lingüísticas. Seria essa também uma atitude carnavalesca? Parece que sim, em alguns aspectos. É um ensaio biográfico, psicológico-social e familiar, por isso não cabe nas formas que dominavam os discursos científicos brasileiros da época. Com um estilo rabelaisiano, relaciona-se com outras tradições do gênero na evolução literária.

Em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin aponta para três peculiaridades da cosmovisão carnavalesca relacionadas ao gênero sério-cômico e que também estão presentes em *Casa-grande & Senzala*. A primeira delas é a atualidade viva, sem o

distanciamento com o passado, que é constantemente atualizado ao entrar em contato com o presente. Mais do que ninguém, Gilberto Freyre estava muito à frente de sua época, porque via as relações sociais e as de poder como fatos temporários, atrelados a questões econômicas e políticas. Trata-se de uma noção de história que caminha em sentido oposto aos ideais evolucionistas, porque tem uma noção do tempo circular — o “tempo tribal”, como diz o autor, ou o “grande tempo”, como afirma Bakhtin. Costumamos atribuir o mérito desse novo olhar sobre o passado histórico exclusivamente aos franceses da Escola de Annales; todavia, não devemos esquecer-nos dos dois vanguardistas que já trabalhavam dessa forma nos anos 30, do século XX, contribuindo fortemente para o estudo da cultura popular e da micro-história.

Em *Casa-grande & Senzala*, a idéia de fusão do passado com o presente num todo prevalece na obra, produzindo a impressão de uma história ainda em formação. Aliás, a própria miscigenação, num sentido amplo, de raças, credos e culturas, resulta de uma história em formação e vai transbordar na arte, na comida, na cultura em si. Através de sua obra, o autor é capaz de “ver-se, de ver um indivíduo em outro e de ver outros em si mesmo, uma perspectiva tanto de dentro para fora como de fora para dentro” (Freyre, 1968:116). A obra não representa um passado morto e imóvel, ela narra a formação de uma sociedade que ainda não terminou de contar a sua história, porque está viva, transformando-se e se renovando. Para Gilberto Freyre, *destruir* a nossa memória é destruir não apenas parte do que fomos, mas também do que somos. Por isso, ele combatia arduamente o esquecimento de nosso passado em benefício de um progresso obscuro.

Entretanto o velho Rio que vem sendo assim descaracterizado era uma cidade a que não faltava encanto próprio, único, inconfundível. (...)

É bom o que ainda se vê em suas velhas casas. Na de Dona Laurinda Santos Lobo, em Santa Teresa. Na de Leopoldo Bulhões (que visitei em companhia de Assis Chateaubriand). Na do Marechal Pires Ferreira. Na do Rosa e Silva, à Rua Senador Vergueiro. No Cosme Velho inteiro. Em Santa Teresa inteira. Ilhas e ilhotas vêm resistindo à inundação de mau gosto, de

arrivismo, de rastaqüerismo. E certos “modernistas” a acharem isto “bonito”, “progressista”, “moderno” e a se regozijarem com a destruição das “velharias”. São uns cretinos, esses “modernistas”.. (Freyre, 1975:183)

O ensaísta de Apipucos costumava dar aos críticos as pistas necessárias à análise de sua obra. Dentro dessa discussão, Freyre afirmava que, ao evocar o passado, podemos vivenciar uma experiência que não temos e compreender melhor o presente, que é parte indissociável do passado e do futuro. Dessa forma, sua obra nos apresenta o homem histórico, em oposição à linearidade futurista dos modernistas paulistas, que procuravam olhar para o futuro e apagar os “passadismos”.

Conservar em nosso presente os aspectos do passado parece ser uma sabedoria indispensável para nos definir como uma nação mestiça. Portanto, a memória e o saudosismo apresentados em *Casa-grande & Senzala* passam a ser uma questão para pensar o futuro. O tempo freyreano (“tempo tríbico”) se coloca em posição de ruptura com o liberalismo do “apenas moderno” que sufoca os valores do passado em detrimento do desenvolvimento tecnológico dos tempos modernos. Num ensaio, originalmente publicado no *Jornal do Brasil*, em 05 de janeiro de 1974, sobre a obra freyreana de 1973, José Guilherme Merquior diz:

Mestre Gilberto quer reviver, contra a obsessão cronométrica do homem moderno, o sentido ibérico do tempo (pp.26, 133-134) — tempo vivencial, existencialíssimo, subjetivo-objetivo; pluritempo-duração (“**tempo tríbico**”, diz Gilberto, em que passado, presente e futuro se interpenetram). Tempo hispânico teorizado por Américo Castro e pelo próprio Gilberto (On the Iberian Concept of Time), e visceralmente contrário ao objetivismo cronométrico imposto pela elevação da ascese intramundana (Max Weber), metódica e fanaticamente laboriosa, a conduta arquetípica do homem ocidental, na Idade Moderna. Tempovida, em face do estreito utilitarismo do “time is money.” [**grifo nosso**] (Merquior, “Prefácio” in. Freyre, 2001:13)

É de alta relevância citar o próprio Freyre tratando sobre a noção do tempo:

Pergunta-me um jornalista se em meus estudos não tenho sacrificado a preocupação com os problemas do dia a excessivo interesse pelo passado. Pelo “tempo morto”.

É pergunta deveras interessante. Mas não se esqueça o jornalista de que convém ao homem moderno corrigir-se, à boa moda hispânica, da tendência de separar de modo demasiadamente rígido o seu presente do seu passado e do seu futuro. Separação difícil de ser seguida pelo homem que não se deixe seduzir demasiadamente pelo tempo que passa: o tempo jornalístico. (Freyre, 1987:211)

Em *Casa-grande & Senzala*, o autor apresenta a preocupação com o passado para entender o presente e preparar o futuro. Segundo Bakhtin (2003:363), “tudo o que pertence apenas ao presente morre juntamente com ele.” Mas, na obra de Gilberto Freyre, o olhar para o passado não estabelece uma relação com o que já passou, com o acabado, mas, ao contrário, mostra que o passado é, na verdade, o início de uma trajetória inacabada. Não é sem propósito que Freyre valoriza a literatura autobiográfica, porque, assim, o leitor tem a capacidade de visitar um espaço perdido e não vivenciado diretamente. Da mesma forma, resgatar e reviver o passado colonial é buscar as explicações fundamentais para se compreender o mundo contemporâneo, é ver, por trás de qualquer diversidade estática, a multitemporalidade, entendendo que a diversidade compreende-se no escalonamento das épocas e da evolução, isto é, possui um sentido temporal. (Bakhtin, 2003:247)

Nas casas-grandes foi até hoje onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro; **a nossa continuidade social**. No estudo da sua história íntima despreza-se tudo o que a história política e militar nos oferece de empolgante por uma quase rotina de vida: mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um povo. Estudando a vida doméstica dos antepassados **sentimo-nos aos poucos nos completar**: é outro meio de procurar-se o “tempo perdido”. Outro meio de nos sentirmos nos outros — nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos. **[grifo nosso]** (C.G.S., “prefácio à 1ª ed.”, lxv)

*Casa-grande & Senzala* se apóia “sobre um modelo do todo do mundo”. Gilberto Freyre constrói um mundo, idealiza-o. A imagem reside mais nas suas armadilhas literárias, produzidas pelo jogo intelectual do autor, pela sua agudeza de raciocínio, que pela coerência com a “realidade em si”. Porém, é um mundo possivelmente visualizado

pelo leitor, porque a imaginação freyreana consegue se entrelaçar bem com a realidade visível. Assim, os sentidos ultrapassam o tempo, transcendendo a própria representação.

Dessa forma, a memória será o instrumento recapturador de um tempo morto, já que Gilberto Freyre dá vida ao passado ao interpretá-lo e ao renová-lo, imprimindo continuidade a um tempo histórico. Sua obra ensaística não apenas relata um tempo anterior, mas, sobretudo, recorda com saudades uma experiência individual. É a narrativa que procura interpretar o Brasil, através do passado do “menino de engenho”, do autor que não se separa do tempo por ele vivido. A vida íntima e doméstica dos antepassados retrata o caráter do brasileiro, como também dá continuidade a nossa história social.

O arquiteto Lúcio Costa diante das velhas casas de Sabará, São João Del-Rei, Ouro Preto, Mariana das velhas casas de Minas, foi a impressão que teve: “A gente como que se encontra... E se lembra de cousas que a gente nunca soube, mas que estavam lá dentro de nós; Goucourt não sei — Proust devia explicar isso direito.” (C.G.S., “prefácio à 1ª ed.”, lxxv)

A saudade, então, traz um aspecto subjetivo à obra e abre espaço para que o homem analítico tenha alguns instantes de devaneios poéticos e fantásticos ao “buscar um tempo perdido”. Em *Tempo Morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade – 1915-1930*, é possível coletarmos fragmentos de sua vida de menino e adolescente e que, da mesma forma, consciente ou inconscientemente, estão presentes em *Casa-grande & Senzala*, propiciando um grande diálogo entre as duas narrativas.

A presença da ciência somada ao perfil memorialístico enriquece a obra e, nesse caso, promove uma aproximação do cientista e seu método de pesquisa com o objeto de investigação. A objetividade da pesquisa e a subjetividade nostálgica da experiência de vida, somadas a uma proposta estética que insere a obra no âmbito literário, permitem que o enunciado se apresente de forma mais “interessante”, prazerosa, fluida para o leitor e que a história da vida íntima (objeto de pesquisa de Gilberto Freyre) tenha mais plasticidade e mais informalidade. É uma narrativa em que o leitor olha pelo buraco da fechadura, de

forma indiscreta, informal, ilegal, antiacadêmica. Dessa forma, a sociologia e a história, no Brasil, enriqueceram-se de novas informações sobre nossa sociedade, iluminaram e desmascararam a história oficial, carregada de “grandes nomes e grandes feitos”. Há, por exemplo, uma passagem do ensaio em que o autor nos relata o desleixo na apresentação diária dos senhores e das senhoras de engenhos. O clima tropical fazia com que os homens andassem em casa com suas ceroulas e as mulheres com saias simples e, muitas vezes, sem nada por cima, com os seios de fora — imagem bem diferente das apresentadas em muitos livros, enciclopédias, romances históricos, nos filmes e em novelas de épocas. Esse tipo de informação, como várias outras na obra, nos aponta não apenas para uma nova metodologia, mas para uma nova forma de olhar o homem. Freyre desce do pedestal a figura do colonizador, concluindo que não é a “raça” que torna as pessoas superiores ou inferiores, mas a relação de poder estabelecida entre elas por classes econômicas. Paradoxalmente, essa forma de pensar humanista acaba contribuindo para o estabelecimento e fortalecimento do mito distorcido da democracia racial.

A segunda peculiaridade da cosmovisão carnavalesca, apontada por Bakhtin e existente em *Casa-grande & Senzala*, é o fato da obra se basear na experiência e na fantasia livre. Na verdade, Gilberto Freyre tinha uma espécie de modelo de escrita sobre o homem e o mundo que, segundo sua concepção, fazia a obra ter maior qualidade que as outras. Para ele, o discurso que trata do ser humano não pode ser desprovido de história íntima e de perfil poético e, portanto, psicológico, pois este é a própria natureza do homem. Da mesma forma, a literatura deveria fazer pensar sobre os problemas sociais, políticos e sociológicos. Temos, então, uma verdadeira narrativa da experiência quando o autor prioriza a vida privada inserida no contexto político e social. Não foi à toa que o autor de *Casa-grande & Senzala* elegeu, no âmbito da Literatura Brasileira, o regionalismo como a

verdadeira tendência literária. Grande parte da expressão literária da obra é consequência de uma narrativa autobiográfica, que interage o tempo todo com o discurso científico.

Recife, 1923.

Um dos meus maiores desejos agora é rever o São Severino dos Ramos, o engenho da minha meninice. A casa-grande e a senzala, o engenho mesmo.

São Severino dos Ramos: o engenho onde brinquei menino! Um velho engenho perto de Pau d'Alho de gente da minha Mãe, que também o conheceu menina. (Freyre, 1975:126)

A escrita deveria possuir um estilo proustiano, ser poética e científica ao mesmo tempo.

Recife, 1924.

Lendo Proust. Desde Paris que R. de B. me recomenda mergulhar em Proust (...). Mas só agora cheguei à minha fase intensa de proustinização. Sinto que os meus queridos Goncourt me prepararam para essa continuação de sua obra: continuação em profundidade. Os Goucourt e Henry James.

Há em Proust o mesmo sentido de *histoire intime... ce roman vrai* que, dos Goncourt, eu vinha desde 1922 procurando aplicar à minha tentativa de uma análise, evocação e revelação da vida de menino no Brasil. (...) Reconheço que Proust continua Stendhal; que continua Henry James; mas continua principalmente os Goucourt. Os Goucourt — repito — da *histoire intime*. Suas análises são líricas e clínicas ao mesmo tempo: poéticas e científicas. Dessa contradição resulta ele ser o historiador ideal do que há de mais íntimo no passado de um povo. (Freyre, 1975:136-137)

Na mesma perspectiva dos Goucourt e de Proust, Freyre estabeleceu seus parâmetros para *Casa-grande & Senzala*. Na sua visão, a narrativa ensaística deveria ter poeticidade, da mesma forma que a literatura ficcional deveria carregar algo de “verdadeiro” — a história íntima. Podemos entender a poeticidade e a história íntima como dois elementos atrelados diretamente à experiência individual e à vida privada.

A narrativa da intimidade, da vida privada da família colonial é o grande objetivo em *Casa-grande & Senzala* e a grande novidade no ensaísmo e na historiografia brasileiros. O autor descreve o íntimo, o privado, o secreto, e, portanto, sua obra torna-se objeto de curiosidade do leitor. Por isso, ele será o pioneiro da interpretação culturalista da nossa história, através de uma composição e de um estilo pessoais. A história do Brasil se

renova a partir de Gilberto Freyre com seu enfoque estritamente social, com realce à vida íntima das pessoas grandes e das humildes. A nova interpretação parte da cultura popular que exprime uma experiência que não é restrita a uma classe apenas, mas que é de todos. Trata-se de trazer a vivência dos homens comuns e não só a da elite, ou seja, da experiência humana brasileira. Nessa perspectiva, o autor se coloca como um grande contador de história, ou como um narrador que conta o que viu, o que leu, o que ouviu dizer, aquilo que não está escrito nos grandes compêndios da História Oficial, mas que ganha vida como uma espécie de depoimento.

Observemos no exemplo abaixo como Gilberto Freyre se utiliza de uma história, de um caso pessoal, para dissertar longamente sobre um determinado ponto, misturando História com passagens autobiográficas, incluindo-se, dessa forma, também como personagem da própria história.

Um **nosso** amigo e conterrâneo, viajadíssimo pelos sertões do Brasil, o médico pernambucano Samuel Hardman Cavalcante, perguntava-nos uma vez a que atribuir a freqüência da cor vermelha no trajo das mulheres do interior. (...)

É um caso, o da freqüência do encarnado no trajo popular da mulher brasileira, principalmente no Nordeste e na Amazônia, típico daqueles em que as três influências — a ameríndia, a africana e a portuguesa — aparecem reunidas numa só, sem antagonismo nem atrito. (...) **[grifo nosso]** (C.G.S.,104)

A partir daí, Freyre faz um longo inventário sobre o tema, observando todos os significados possíveis que a cor vermelha poderia possuir nas três culturas. A técnica utilizada é a de começar o enunciado a partir do sujeito em direção ao objeto, parte do que lhe é próximo, pessoal (*nosso amigo*), da sua experiência e vai, então, se distanciando para analisá-lo cientificamente. Temos, assim, uma indicação de que o autor pesquisa e reflete a partir de si mesmo, do subjetivo para o objetivo, do espiritual para o científico. A história ou o caso que ele vai contar torna-se o gancho para a sua reflexão e uma forma também de seduzir o leitor à sua grande viagem pelo Brasil e pela sua cultura.

Por fim, podemos detectar em *Casa-grande & Senzala* a terceira e última peculiaridade da cosmovisão carnavalesca, em relação ao gênero sério-cômico: a pluralidade de estilos e variedade de vozes de todos esses gêneros. No caso do ensaio freyreano, uma renúncia de unidade estilística.

Caracterizam-se pela politonalidade da narração, pela fusão do sublime e do vulgar, do sério e do cômico, empregam amplamente os gêneros intercalados: cartas, manuscritos encontrados, diálogos relatados, paródias dos gêneros elevados, citações recriadas em paródia, etc. (Bakhtin, 2002:108)

Mesmo com uma posição ideológica marcada, a obra de Gilberto Freyre possui uma natureza dialógica que se opõe ao monologismo oficial de uma verdade acabada. Em outras palavras, a obra aponta para várias direções, tornando-se aberta e, assim, suscetível a múltiplas interpretações. A citação que segue abaixo é um exemplo claro da nova tendência ensaística que surgia: uma história cultural que busca dialogar com todas as formas possíveis de representação e discursos culturais da sociedade brasileira, no sentido de ampliar a unidade significativa da obra — caminho observado por seu contemporâneo Bakhtin (2003:404) quando analisou a cultura popular na Idade Média e no Renascimento, através da obra de Rabelais. O teórico russo entendia que “compreender é cotejar com outros textos e pensar num contexto novo, no meu contexto, no contexto contemporâneo, no contexto do futuro”. É a idéia das ciências humanas como um discurso entre fronteiras, que está sempre dialogando com outros textos e com o contexto.

Embora Gilberto Freyre não tenha conhecido Bakhtin, ambos estavam em sintonia em vários aspectos. A passagem freyreana abaixo é um exemplo de narrativa que procura dialogar com o maior número de textos, imagens e representações culturais, no sentido de ampliar a unidade significativa da obra.

Foi ainda o negro quem animou a vida doméstica do brasileiro de sua maior alegria. O português, já de si melancólico, deu no Brasil sorumbático, tristonho; e do caboclo nem se fala: calado, desconfiado, quase um doente na

sua tristeza. Seu contato só fez acentuar a melancolia portuguesa. A risada do negro é que quebrou toda essa “apagada e vil tristeza” em que se foi abafando a vida nas casas-grandes. Ele que deu alegria aos são-joões de engenho; que animou os bumbas-meu-boi, os cavalos-marinhos, os carnavais, as festas de Reis. Que à sombra da Igreja inundou das reminiscências alegres de seus cultos totêmicos e fálicos as festas populares do Brasil; na véspera de Reis e depois, pelo carnaval, coroando os seus reis e as suas rainhas; fazendo sair debaixo de umbelas e de estandartes místicos, entre luzes quase de procissão, seus ranchos protegidos por animais — águias, pavões, elefantes, peixes, cachorros, carneiros, avestruzes, canários — cada rancho com o seu bicho feito de folha-de-flandres conduzido à cabeça, triunfalmente; os negros cantando e dançando, exuberantes, expansivos. Ainda no carnaval de 1933, na Praça Onze, no Rio de Janeiro, tivemos ocasião de admirar esses ranchos totêmicos de negros; e nos carnavais de Pernambuco estamos cansados de vê-los quando se exibem, felizes, contentes, dançando atrás de seus estandartes, alguns riquíssimos, bordados a ouro, com emblemas de vaga reminiscência sindicalista misturando-se aos totêmicos: a pá dourada do clube das Pás, a vassoura dos Vassourinhas, o espanador dos Vasculhadores, o cachorro do Cachorro do Homem do Miúdo, etc. (C.G.S., 462-463)

Como já foi visto, a maleabilidade de *Casa-grande & Senzala*, como texto interpretador do Brasil, é tão grande que sua recepção mudará de acordo com o momento histórico do país, pois, como já vimos também, muda no “grande tempo”. Tal oscilação de leituras é interessante na medida em que rompe com a idéia de que um texto científico tende a promover uma leitura circular e fechada. A estrutura aberta dessa obra promove também espaços para as contradições de pensamento do autor.

As excessivas citações serão umas das suas principais ferramentas para fortalecer o caráter aberto da obra. Freyre desenvolve seus pensamentos e os ratifica a partir das citações ou, ao contrário, também as utiliza como gancho motivador para comprovação de suas hipóteses. Muitas vezes, também, a citação entra em choque com o posicionamento do autor, mas estrategicamente ela é posta para fortalecê-lo, ao mesmo tempo em que produz um ambiente de “imparcialidade científica”. Com essa estratégia discursiva, Freyre absorve as teorias que lhe são próximas para concordar ou para liquidá-las, incluindo aquela que ele toma como ponto de partida. Observemos as citações sobre o tema de raça e cultura, por exemplo:

“Em vão se procuraria um tipo físico unificado”, notava há anos em Portugal o Conde Hermann de Keyserling. O que ele observou foram elementos os mais diversos e mais opostos, “figuras com ar escandinavo e negróides”, vivendo no que lhe pareceu “união profunda”. “A raça não tem aqui papel decisivo”, concluiu o arguto observador. E já da sociedade moçárabe escrevera Alexandre Herculano: “População indecisa no meio dos dois bandos contendores [nazarenos e maometanos], meia cristã, meia sarracena, e que em ambos contava parentes, amigos, simpatias de crenças ou de costumes.”

Esse retrato de Portugal histórico, traçado por Herculano, talvez possa estender-se ao pré e pró-histórico; o qual nos vai sendo revelado pela Arqueologia e pela Antropologia tão dúbio e indeciso quanto o histórico. Antes dos árabes e berberes: capsenses, libifênícios, elementos africanos mais remotos. O H. Taganus. Ondas semitas e negras, ou negróides, batendo-se com as do Norte. (C.G.S., 6)

O seu aspecto puramente genético não deve entretanto ser perdido de vista pelo historiador da sociedade brasileira. Sob esse critério há mesmo quem o considere “tara étnica inicial” e surpreenda “entre traços da fisionomia coletiva do povo brasileiro, inequívocos vestígios dos estigmas hereditários, impressos por aqueles patriarcas pouco recomendáveis da nacionalidade.” **De Azevedo Amaral (de quem é essa observação)** aceitamos, sobre o período em apreço, duas generalizações que nos parecem caracterizá-lo com toda a exatidão: uma, que foi pela sua “heterogeneidade racial” um período, não português, mas promíscuo, o cunho português só se imprimindo sobre a confusão de etnias pelo predomínio do idioma; outra, que constitui uma espécie de “pré-história nacional”. “Eliminar os primeiros cinquenta anos”, escreve Azevedo Amaral, “durante os quais à revelia de qualquer supervisão política e fora mesmo da civilização, o Brasil recebeu os primeiros aluviões complexos de povoadores, equivale a suprimir um elemento básico da formação nacional, cuja influência, projetada pelos séculos seguintes, podemos induzir seguramente de fatos positivos, que a moderna pesquisa biológica demonstra suficientemente. Se quisermos, qualifiquemos esse período, em uma categoria à parte, de pré-história nacional”.

**Onde Azevedo Amaral nos parece lamentavelmente exagerado** é em considerar todos aqueles povoadores (sobre os quais reconhece ser “tão escassa e precária [...] a informação acessível”) uns “tarados, criminosos e semiloucos.” Refere-se principalmente aos degredados; não há, entretanto, fundamentos nem motivos para duvidar de que alguns fossem gente sã, degredada pelas ridicularias por que então se exilavam súditos, dos melhores, do reino para os ermos. **[grifo nosso]**(C.G.S., 19-20)

Ao analisar as citações realizadas por Freyre, constatamos que elas não funcionam como um recurso de mera repetição para legitimar e ratificar uma verdade inabalável, mas como um processo de reescritura e transformação para, muitas vezes, impor um “dizer-outro” e não se anular como sujeito da escrita. Dessa forma, o autor estabelece uma relação dialógica em todo o enunciado, que ultrapassa os limites da simples intertextualidade. Não se trata, portanto, de uma mera sobreposição de textos que conferisse à obra a idéia do

palimpsesto, mas do conceito bakhtiniano de dialogismo — o diálogo com textos, com diversas formas de representação. Freyre assume, então, liberdade absoluta para escrever, tomar outros textos e direcioná-los a seu gosto. Essa liberdade, que não é a do pesquisador-cientista mas a do escritor, favorece o diálogo entre as duas formas de narrar — a séria e a informal — presentes em *Casa-grande & Senzala*. Assim, embora a citação seja uma modalidade específica da intertextualidade, Gilberto Freyre ultrapassa esse sentido, da mesma forma que o faz com outras vozes e formas de representação. A princípio, as citações são recorrentes em todo e qualquer ensaio, e, por isso, Freyre não estaria fugindo da regra. Entretanto, o que particulariza a obra é a presença de citações ilimitadas, que dialogam com a própria obra. O autor tenta trazer o máximo de informações e reflexões feitas sobre o tema, que podem estar em sintonia ou não com o seu ponto de vista, mas que arditamente se ajustam para fortalecê-lo. Portanto, o dialogismo tão marcante em *Casa-grande & Senzala* faz parte do método do pesquisador que procura apontar certo rigor científico, ao apresentar vasto registro sobre o assunto, mas também traça uma nova reflexão a partir das demais interpretações sobre o Brasil. Da forma como é usado, esse recurso termina quase por ser uma espécie de “reescrita”, uma interpretação das interpretações feitas sobre o Brasil, realizada a partir da efetiva presença desses textos anteriores na própria obra, mas sempre a partir da perspectiva da História Social. Assim, *Casa-grande & Senzala* será uma obra curiosa em todas as suas categorias: no seu olhar culturalista, no gênero, na linguagem, no discurso e na própria recepção da narrativa.

Mas Freyre não se deteve apenas ao que estava dito nos registros oficiais, a linguagem oral foi, também, uma grande fonte de informação na construção da obra. O autor foi a campo colher dados dos mais variados, de filhos e netos de escravos, desde informações sobre grandes personagens da época até as receitas de comidas feitas nos fogões da casa-grande e nas fogueiras das senzalas, formando um conjunto de informações

que configuram sua obra como verdadeiramente enciclopédica. se trata apenas das citações presente na obra, mas de uma série de outros registros que não estão apenas mencionados, mas presentes dentro de uma unidade maior, que é o próprio ensaio freyreano. Canções de ninar, lendas, receitas de comidas, orações, simpatias, ditados populares, entre outros, serão partes integrantes da obra, assim como as citações de registro oficiais que já foram mencionadas.

O caráter não-oficial de *Casa-grande & Senzala* impede que qualquer dogmatismo acadêmico de concepção de mundo caminhe em sintonia com as imagens freyreanas. Sua forma e sua linguagem mais soltas rompem com uma proposta de metodologia científica demagógica e opressora, para que haja uma pesquisa mais ampla e aberta a todos os tipos de reflexões. Como um representante modernista, o autor procura mostrar a influência do falar africano, mole e arrastado, em nossa língua, não só explicando como ocorreu o processo, mas também utilizando a forma do falar tipicamente brasileiro. João Cabral de Melo Neto (1975:42) observa essa questão em seu poema “Casa-grande & Senzala”:

Ninguém escreveu em português  
No brasileiro de sua língua:  
Esse à vontade que é o da rede,  
Dos alpendres, da alma mestiça,  
Medindo sua prosa de sesta,  
Ou prosa de quem se espreguiça.

Uma leitura despreocupada poderá resultar na conclusão de que o autor não possui o rigor metodológico que se exige para trabalhar com tema tão amplo. Entretanto, numa leitura mais atenta, é possível perceber que o “descompromisso” metodológico é aparente, porque Freyre mostra, durante a sua narrativa, as investigações feitas sobre o tema, quer por constatação em registros escritos, quer por coleta de dados através de fontes orais. Dentro do corpo do texto — e sobretudo através de excessivas notas —, percebe-se o estudo cuidadoso e carinhoso do autor para a elaboração de *Casa-grande & Senzala*. Em

contrapartida, não se pode negar o estranhamento do leitor com essa narrativa, se comparada às demais obras que tentam explicar o Brasil, porque *Casa-grande & Senzala* não é um texto que pode estar inserido inteiramente no discurso científico por não seguir as normas acadêmicas oficiais, nem na ficção literária, por narrar fatos acontecidos. Parece-nos, então, que não há solução para tal problema, mas as respostas vão despontando se tratamos esse ensaio como uma obra híbrida de diversos gêneros do discurso e, nessa perspectiva, a questão deixa mesmo de ser observada como um problema.

O início de *Casa-grande & Senzala* se dá com o capítulo “Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: sociedade agrária, escravocrata e híbrida”. Essa idéia será a chave do pensar e do criar freyreano em *Casa-grande & Senzala*, porque o autor entende que a sociedade brasileira, bem como sua cultura são híbridas, devido à fusão natural das culturas européia, indígena e africana. Assim, devemos pensar o híbrido na obra de Freyre como um grande diálogo entre formas de conhecimento e de saber. Não há como pensar em brasileiro isentando-o dessas influências, ou melhor, sem entender que ele é o novo, formado a partir da mistura dos três elementos. Consoante tal perspectiva, observa-se que sua escrita utiliza várias influências culturais e intelectuais, caracterizando, assim, uma narrativa híbrida ao possuir vários estilos e formas. O objeto da narrativa e a narração fundem-se num só e se confundem na medida em que já não se sabe, com tanta clareza, o que é o fato e o que é o texto. O que é objeto da cultura brasileira: seus relatos sobre a cozinha indígena e sua influência na culinária brasileira ou a própria obra que se tornou, concretamente, uma forma de expressão cultural brasileira, deixando de ser mero registro para se tornar patrimônio cultural?

Na verdade, é a escrita em si que dá significado aos eventos reais, porque, ao serem representados, são lembrados e perpetuados. Dessa forma, a relação da Literatura com a História é quase um confronto entre narrativas, pois ambas começam na palavra e não nos

fatos, diferenciando-se na forma de narrar. O historiador constrói um mundo baseado em documentos e registros concretos que atribuam veracidade ao seu discurso e o romancista constrói um mundo possível baseado, sobretudo, na sua criatividade e imaginação. Portanto, são duas escritas que se diferenciam a partir da idéia aristotélica da verossimilhança – o historiador narra os fatos que aconteceram e o poeta narra os fatos que poderiam ter acontecido e tem como fonte principal o maravilhoso e o dom de iludir.

Todavia, o que ocorre em *Casa-grande & Senzala* não é uma tensão entre discursos, mas o contrário, a relação entre ciência e *poesis* na obra se dá harmoniosamente, uma complementando a outra. Essa relação é a soma do material colhido para a pesquisa somado a novos dados, frutos da imaginação e, assim, o autor vai além da história, acrescentando “detalhes” e flexibilizando a linha divisória entre fato e ficção. A oscilação de aceitação e de interpretação da obra no percurso político nacional pode mesmo ser explicada devido à sua liberdade de representar o acontecido, provocando leituras diferentes das feitas no discurso tradicional.

Desse modo, detectamos já três contribuições fundamentais de Gilberto Freyre no processo de interpretação e análise da sociedade brasileira: a primeira seria o entendimento de um tempo vivo, no qual a atualidade não se desassocia do seu passado, e a vida social é focalizada dentro de um processo histórico; a segunda consiste na valorização da experiência e da história íntima de quase todo brasileiro como fontes capitais da história social e a última e terceira contribuição seria o uso generalizado de fontes populares, a pluralidade de estilos e variedade de vozes presentes na obra.

Para essa empreitada, além de analisar a vida íntima do brasileiro comum, o autor precisou também se desprender das fórmulas acadêmicas tradicionais e criar uma nova composição capaz de penetrar nas profundezas do nosso cotidiano.

Gilberto Freyre rearranjou imagens desagradáveis ou agradáveis que fizemos de nossos antepassados ou de suas ações, não fulgurantes, mas as mais íntimas, mais escondidas, ocultas pela vergonha, que é o sentimento comum que cada um sente neste tipo de sociedade estável, como foi a nossa colonial, pela conduta não aprovada.(Rodrigues, 1962)<sup>20</sup>

Compreender o processo de formação da sociedade brasileira através de quesitos que não eram considerados até então, como, por exemplo, a gastronomia, o vestuário, o sexo, o amor e a infância, traz para o pensamento social brasileiro uma nova percepção. Passamos finalmente a olhar de uma forma enriquecedora para o brasileiro em si, e não mais compreendê-lo a partir de fatos isolados e de grandes personagens da História oficial.

A forma utilizada para a construção da obra é um instrumento propiciador para essa empreitada. Se o homem é uma mistura de razão e emoção, não devemos tratá-lo de forma puramente objetiva, muito menos ter uma postura romântica em que tudo é idealização e emoção. Gilberto Freyre inova e amplia os horizontes da História e das Ciências Sociais ao tomar seu objeto de pesquisa considerando o olhar do cientista objetivo e o olhar do homem que sente e que vivencia aquilo que está ao seu redor. A soma disso nos fornece uma análise mais ampla, mas ao mesmo tempo provoca muitas divergências positivas. Uma obra que promove discussão e debates infinitos ao longo do tempo só pode ser algo que produz enriquecimento de conhecimento, porque abre caminho para o pensamento livre e contínuo. Nesse sentido, a própria obra se renova constantemente numa cadeia infinita, tornando-se um livro de longa duração, sempre pronto para novas leituras.

---

<sup>20</sup> Artigo “*Casa-grande & Senzala*, um caminho novo na historiografia”, in. *Gilberto Freyre: sua Ciência, sua filosofia, sua arte*, 438.

## 5 – DUAS ESCRITAS: O DISCURSO CIENTÍFICO E A NARRATIVA LITERÁRIA.

*“Sei que não me contentaria nunca — se dependesse de mim — de ser simplesmente descritivo no que escrevo. Nem simplesmente descritivo nem apenas expositor de conhecimentos ou de saberes adquiridos de livros ou de mestres ou de estudo somente linear deste ou daquele objeto. E sim um tanto mais do que isto. Sugestivo. Evocativo, interpretativo. Provocante. Epifânico.”*  
(Gilberto Freyre)

Já dissemos, nesta pesquisa, que *Casa-grande & Senzala* transita em muitos aspectos pelo gênero literário, não só porque possui uma estrutura literária, mas também por ter um objetivo literário. Mas o que faz essa obra se aproximar e se relacionar com a literatura? Quais são as marcas e os lugares por onde a literatura passa na obra?

Em princípio, a presente pesquisa tentou vários caminhos. Foi verificado que simplesmente o “beletrismo” não torna um texto mais ou menos literário, nem mesmo o estatuto de ficção (romances, novelas, contos) é condição essencial para a literatura. Na verdade, *Casa-grande & Senzala* possui uma forte relação com a tradição literária, não só pela forma do discurso, mas, sobretudo, porque o texto possui uma pretensão que é literária, na medida em que muitas vezes ultrapassa a relação primeira entre a palavra e a coisa, isto é, transfigura e transgride a realidade. Dessa forma, o sentido só pode ser apreendido no nível do imaginário. O próprio autor o diz:

o que precisamente sou é escritor. O sociólogo, o antropólogo, o historiador, o cientista social são em mim ancilares do escritor. (...) Ser alguém escritor é desenvolver uma atividade que nada tem de burocrática. É uma atividade mais de aventura, que de rotina.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Gilberto Freyre faz uma alusão ao seu próprio livro *Aventura e Rotina*, considerado por ele sua obra mais literária. Essa citação é do ensaio *Como e porque sou escritor*, cujo título forçosamente dialoga com famoso ensaio de José de Alencar, *Como e porque sou romancista*, de 1873. (In.<http://bvgf.org.br/obra/opusculos/com.htm>, 2.)

Portanto, é justamente o caráter antiburocrático e aventureiro que aproximará a obra da subjetividade, da emotividade e do estilo literários.

Para Gilberto Freyre, escrever é uma experiência arriscada, uma atividade de aventura que exige sensibilidade e criatividade. Por meio de metáforas, de metonímias, de um forte sensorialismo e, até mesmo, da cadência de sua linguagem, a obra também se constrói e toma sentido. A leitura e interpretação de *Casa-Grande & Senzala* são feitas a partir do entendimento das análises e dos conceitos científicos presentes na obra, bem como de uma percepção, isto é, de uma produção de sentidos que está puramente no plano da linguagem. Esclarecendo melhor, há muitas “verdades” no ensaio que existem no espaço textual, a partir de uma criação puramente verbal. Serão contados não apenas relatos históricos, mas uma “grande história”, cheia de aventura e emoção. Não fosse essa característica, a obra não seria fonte de inspiração para outros tipos de manifestações artísticas, como história em quadrinhos, samba enredo, adaptação teatral, música e cinema. Ao pensar as características literárias da obra, é imperativo considerar sua condição de produção, pois *Casa-grande & Senzala* é fruto de uma aventura — a “aventura do exílio” em Portugal, a qual permitiu ao autor deslocar-se para olhar de fora o seu próprio lugar, e, assim, olhar para si próprio.

Nem toda grande retórica é literatura, da mesma forma não é possível dizer também que, por exemplo, o excesso de metáforas e outras figuras de linguagem na obra é condição literária. As figuras de linguagem não são propriedade exclusiva da criação artística, pode haver metáfora em vários tipos de discursos, embora a ciência deva evitar esse recurso de expressão para não debilitar a objetividade do texto. Elas só se tornam recursos de expressão artística na medida em que cogitam reflexões múltiplas a partir de relações de idéias e imagens, criando diversos sentidos (inclusive um sentido estético), isto é, fugindo

de uma interpretação única e estável para atingir plurissignificação ao ativar os sentidos indefinidamente.

Quando falamos de marca e estrutura literárias, não estamos fundamentalmente tratando de ficção como uma narrativa romanesca bem definida — com narrador e personagens imaginados. Um texto pode transitar pelo gênero literário sem possuir esse estatuto, pois não é este a condição mínima para a “literariedade” de uma obra. A poesia, ou melhor, o gênero lírico pode ser um bom exemplo disso, pois é uma forma de expressar idéias e emoções sem necessariamente criar uma ação linear com personagens. Cabe reiterar que em *Casa-grande & Senzala* não se trata simplesmente de um falar ou escrever bonito com um estilo rico, mas de possuir estruturas e mecanismos que pertencem ao conhecimento literário.

Pode parecer ao leitor distraído que a autora desta tese entende que Literatura é um conjunto de recursos de expressões apenas com objetivo de produzir sentido e efeito estético. Todavia, se caminhássemos nessa perspectiva, jamais poderíamos estabelecer a relação de narrativa literária e discursos científico ou historiográfico, como fizemos no decorrer desta pesquisa. A Literatura deve ser percebida como uma manifestação artística que procura fazer uma leitura do mundo, do homem e de como esse homem percebe o seu redor, usando a liberdade e a criatividade, utilizando-se de princípios diferentes dos utilizados para ler o mundo sob um ponto de vista científico.

Ocorre que *Casa-grande & Senzala* não é uma narrativa épica, não é um romance, não é uma tragédia, não é um texto lírico, não é Literatura; é discurso científico carregado de criação literária. Por isso, é uma obra híbrida. O alento literário que norteia o ensaio baseia-se fundamentalmente nos atos que produzem o efeito estético e na forma de ler o mundo. Falar dos recursos técnicos que produzem marcas literárias na obra é uma tarefa profundamente objetiva que poderia se apresentar nesta pesquisa como uma espécie de

roteiro: listar-se-iam todas as metáforas, as sinestésias, os efeitos sonoros, as prosopopéias, por exemplo. Entretanto, a obra vai além e toca no outro ponto da noção de Literatura — a forma de ler o mundo ao seu redor.

Gilberto Freyre representa a sociedade brasileira através de um olhar que é poético, diferenciando-se das demais leituras feitas por estudiosos brasileiros e estrangeiros. Nesse sentido, as técnicas textuais não podem ser dissociadas da percepção de Brasil que o autor possui. Assim, recursos de expressão e leitura de mundo tornam-se indissociáveis quando tratamos da escrita freyreana, uma vez que sua visão de mundo é também um ato estético<sup>22</sup>. É uma forma de ver o Brasil profundamente, a qual se mantém atrelada à linguagem. Isso faz com que *Casa-grande & Senzala* se distancie do discurso científico, porque este se utiliza da escrita para explicar o mundo, enquanto o mundo de Gilberto Freyre é a sua própria obra, e isso é uma profunda marca literária. Observemos o exemplo que segue:

O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. (C.G.S., 93)

A passagem acima é criadora de uma imagem plural e lírica. De forma eloqüente, vemos uma cena dionisíaca — o colonizador caindo num chão de sensualidade — na qual o colonizador é absorvido pela sexualidade da índia nua. Os clérigos (sinônimo de pureza carnal) deveriam ter cautela para não atolarem os pés “em carne”, em sexo e luxúria. Torna-se quase inevitável para o leitor imaginar a cena das índias, da figura feminina e associá-la como a responsável pela sedução e devassidão, já que eram elas que se atiravam aos brancos, segundo os registros. O fato mais corriqueiro de nossa história pode aparecer, portanto, carregado de expressividade ou poeticidade, devido a fatores ligados ao contexto

---

<sup>22</sup> Cf. Bakhtin, “O excedente da visão estética”. In. *Estética da Criação Verbal*.

ou à própria capacidade evocatória da obra que desperta uma série de sensações. A proposta não é confundir ou relativizar qualquer tentativa de classificação. Lembremos, por exemplo, dos romances naturalistas, que jamais deixarão de ser literatura por possuírem uma relação com a tradição científica. Da mesma forma, *Casa-grande & Senzala* não perderá seu estatuto científico e de perfil sociológico por possuir características literárias.

Não podemos afirmar, tampouco, que *Casa-grande & Senzala* possui ficcionalidade porque ele retratou uma sociedade formada por um colonizador romantizado — ocasionando aquela velha e verdadeira crítica de que Freyre não percebeu os sofrimentos dos escravos e o colonizador não foi tão amável como ele afirma. A partir daí, diz-se que há muita ficção na sua forma de representar a formação da sociedade e da cultura brasileiras; todavia, é um equívoco atribuir ficcionalidade à obra a partir dessa concepção. O autor não inventou, nem criou uma história, mas a descreveu conforme seu ponto de vista; portanto, não podemos dizer que é ficção pelo simples fato de não concordarmos com a sua posição. E ainda há outro ponto importante: se *Casa-grande & Senzala* nos transmite algumas vivências da “não-realidade”, da utopia, quando idealiza uma sociedade, por outro lado, ela foi tomada (e ainda é) como referência para os estudos das humanidades, chegando a atuar até mesmo na realidade brasileira, através do mito da democracia racial. A idéia de confraternização racial se espalhou por todo país, e até hoje o Brasil é conhecido como uma nação cujo povo não possui preconceitos raciais. O que se quer dizer é que boa parte do leitor/sociedade tomou por muitos anos, e ainda toma com menor intensidade, a obra como “verdade”.

De qualquer forma, somada às vivências da “não-realidade”, a obra se torna primária da literatura porque possui uma linguagem criadora de estruturas literárias. Não só o enredo vem carregado de toque imaginativo (o olhar romântico que favorece a fantasia),

mas também a forma do discurso é elaborada de maneira a contribuir e a ratificar o ambiente da imaginação. Assim, *Casa-grande & Senzala* se encontra numa aparente tensão conceitual entre “criação literária e realidade”. Aparente porque, como já vimos, seria um equívoco tentar classificar a obra de Gilberto Freyre como um texto puramente científico ou puramente literário. Trata-se de um estudo sociológico que possui inúmeras afinidades com a literatura, as quais temos procurado mostrar nesta tese.

Em seu ensaio “Como e porque sou escritor”, Gilberto Freyre procura indicar a forte relação de seu método sociológico com a técnica literária utilizada pelos grandes escritores. Para o autor, não se deve separar o escritor do homem e, por isso, ele diz pertencer à tradição literária ibérica, cujos escritores são “mais de campo de que de gabinete” (Freyre, 1965:5):

Cervantes escreveu o seu livro muito ibericamente à revelia de quase todas as convenções literárias: juntando um pouco das velhas crônicas de feitos heróicos muito de picaresco e até de vulgar e de chulo colhido pelo autor da boca do povo e por ele, Cervantes, intensificado com efeitos sociologicamente simbólicos e psicologicamente representativos da realidade. Intensificação de que só são capazes os poetas que ao contato direto com a vida **juntem o poder ao mesmo tempo analítico e lírico de compreendê-la, de dramatizá-la e de interpretá-la**. O mesmo que, noutro tipo de literatura, fizera já o português Gil Vicente<sup>23</sup>. [grifo nosso]

É possível detectar o objetivo literário do autor quando se verifica que o texto é construído de forma que o leitor construa uma série de imagens que estão distante da percepção objetiva de um discurso científico. A escrita é cheia de ambigüidades, utiliza-se muito dos cinco sentidos do leitor, tencionando a produção de significados que se distanciam daqueles produzidos pela Ciência. A linguagem, como tal, cria inúmeras imagens na obra que formam um verdadeiro material de criação literária, por pertencer ao sistema da imaginação e do pensamento. Portanto, é necessário levar em conta que a

---

<sup>23</sup> (Disponível em <http://bvfgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/como.htm>)

criação verbal freyreana afeta o próprio sistema reflexivo do autor, já que temos uma coesão estrutural que une linguagem e pensamento (Portella, 1981)<sup>24</sup>.

O ensaio todo é muito visual, e, para construir a visualidade, o autor apela para metáforas e recursos sinestésicos que produzem no leitor imagens múltiplas sobre a sociedade brasileira. Esses recursos de expressão distanciam intencionalmente — não se pode esquecer que Freyre se coloca como escritor antes de sociólogo — a obra daquela objetividade pretendida por um pesquisador. O excesso, por exemplo, de palavras como *gostoso, doce, macio, mole*, e derivados, para descrever e analisar fatos, cria imagens e sensações próprias do mundo literário, cria imagens literárias, e, com elas, o autor utiliza alguns recursos de expressão que estão fora da objetividade que uma pesquisa confere.

Nesse sentido, o ensaio ultrapassa o pensamento conceitual (prosa científica) para criar um pensamento subjetivo e poético — a imaginação artística — formador de um “ideal”. O pensamento, na obra de Freyre, configura um conhecimento não só analítico, mas de percepção intuitiva, porque descreve fenômenos únicos e individuais. Nela não há a fala dos grandes heróis e dos grandes feitos, nem a descrição de fatos gerais contidos na história oficial. A obra nos traz a micro-história, a intimidade, a vida privada dos indivíduos que formaram nossa sociedade e cultura, somada a experiências autobiográficas.

Em *Casa-grande & Senzala*, podemos perceber, sobretudo, as imagens que são estimuladas a partir dos sentidos do corpo (sinestesias): em inúmeras passagens, o autor sugere uma sociedade gostosa no paladar (“doce”) e no toque (“mole”). É, portanto, uma escrita da sensação. Como na linguagem poética, a escolha das palavras e a posição onde elas se encontram contribuem para a formação semântica da obra, isto é, a forma do texto, as metáforas, o ritmo, a pluralidade de imagens visuais e gustativas, os jogos de imagens

---

<sup>24</sup> Artigo “Gilberto Freyre: linguagem e pensamento”, in. *A expressão literária em Gilberto Freyre*.

nos fornecem elementos essenciais para o entendimento da obra na sua totalidade. A linguagem deixa de ser apenas o canal comunicante e passa a ser o próprio sentido, isto é, o próprio lugar do conhecimento. Ao fazer ciência como “escritor”, o autor entende que promove uma linguagem produtora de sentido, e, por isso, sua obra potencializa um papel que é literário, na medida em que a palavra transcende o sentido apenas verbal (lingüístico). O excesso da sensação de doce (gostoso), mole e macio nos transmite a imagem de uma sociedade emotiva, sensual e alegre. Observemos, por exemplo, as passagens abaixo, em que o estímulo aos sentidos torna-se um importante recurso de expressão. Não só o tato e o paladar são estimulados, mas também o olfato, a audição e, sobretudo, a visão. A imaginação plástica do autor confere um toque de forte aproximação com o artístico e a multiplicidade de imagens visuais e gustativas torna-se importante no processo analítico da obra, que se nutre do apoio sensorial. O autor troca a razão pelos sentidos: em vez de apresentar conceitos do português, por exemplo, ele cria imagens e sensações. Dessa forma, as figuras do português, do índio e do negro-escravo tornam-se seres de linguagem, aproximando-se da noção de personagens literários.

A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos explica em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana **ferendo** sob a européia e dando um **acre** requieime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura; o ar da África, um ar **quente, oleoso, amolecendo** nas instituições e nas formas de cultura as **durezas** germânicas; corrompendo a rigidez moral e doutrinária da Igreja medieval; tirando **os ossos** ao Cristianismo, ao feudalismo, à arquitetura gótica, à disciplina canônica, ao direito visigótico, ao latim, ao próprio caráter do povo. A Europa reinando mas sem governar; governando antes a África. [**grifo nosso**] (C.G.S., 5)

Na passagem acima, criamos a imagem do africano como uma figura exótica, como uma especiaria (uma pimenta) que vem para temperar, esquentar e lubrificar algo que está duro e inflexível — a objetividade e a formalidade germânicas. Em vez de escrever

objetivamente que a cultura africana modificou, no sentido de atenuar muitos valores rígidos da cultura européia, Gilberto Freyre opta por dizer isso através de imagens associativas que possuem uma capacidade de sentido muito maior do que a pura conceitualização verbal.

Corrigindo até certo ponto tão grande influência do clima **amolecedor**, atuaram sobre o caráter português, entesando-o, as condições sempre tensas e vibráteis de contato humano entre a Europa e a África (...) **[grifo nosso]** (C.G.S., 5)

Mais uma vez, na passagem acima, verificamos que aquilo que vem dos trópicos, no caso o clima, seja da América ou da África, é sempre algo exótico, que foge à normalidade européia e, portanto, proporcionará condições que interferirão nos valores sólidos do português cristão.

Quanto ao fundo considerado autóctone de população tão **movediça**, uma persistente massa de dólicos morenos, cuja cor a África árabe e mesmo negra, **alagando** de gente seus largos trechos da Península, mais de uma vez veio avivar de pardo ou de preto...solapado pela mística sensual do Islamismo. **[grifo nosso]** (C.G.S.,5,6)

A indecisão étnica e cultural entre a Europa e a África parece ter sido sempre a mesma em Portugal como em outros trechos da Península. Espécie de bicontinentalidade que correspondesse em população assim vaga e incerta à bissexualidade no indivíduo. E gente mais **flutuante** que a portuguesa, dificilmente se imagina; o **bambo equilíbrio** de antagonismos reflete-se em tudo o que é seu, dando-lhe ao comportamento uma **fácil e frouxa flexibilidade**, às vezes perturbada por dolorosas hesitações, e ao caráter uma especial riqueza de aptidões, ainda que não raro incoerentes e difíceis de se reconciliarem para a expressão útil ou para a iniciativa prática. **[grifo nosso]** (C.G.S.,6)

Quanto à miscibilidade, nenhum povo colonizador, dos modernos, excedeu ou sequer igualou nesse ponto aos portugueses. Foi misturando-se **gostosamente** com mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços. **[grifo nosso]** (C.G.S., 9)

Apenas menos ariscas: por qualquer bugiganga ou caco e espelho estavam se entregando de **pernas abertas**, aos “caraíbas” **gulosos** de mulher. **[grifo nosso]** (C.G.S., 10)

...duros ingleses que o meio tropical em menos de cem anos **amolengou** em *poor White trash*, o mesmo teria provavelmente sucedido aos calvinistas franceses que no século XVI tentaram muito anhos e triunfantes estabelecer no Brasil uma colônia exclusivamente branca e daqui se retiraram quase sem deixar traços de sua ação colonizadora. **[grifo nosso]** (C.G.S. 12)

... e o sistema de lavoura, que as condições físicas e químicas de solo, tanto quanto as de temperatura ou de clima, não permitiram fosse o mesmo **doce** trabalho das terras portuguesas. **[grifo nosso]** (C.G.S., 15)

Foi dentro de condições físicas assim adversas que se exerceu o esforço civilizador dos portugueses nos trópicos. Tivessem sido aquelas condições as **fáceis e doces** de que falam os panegiristas da nossa natureza e teriam razão os sociólogos e economistas que (...) concluem a superioridade do colonizador louro sobre o moreno. **[grifo nosso]** (C.G.S. 16)

Junte-se às vantagens, já apontadas, do português do século XV sobre os povos colonizadores seus contemporâneos, a sua moral sexual, a moçárabe, a católica **amaciada** pelo contato com a maometana, e mais **frouxa**,...um **doce** cristianismo lírico... **[grifo nosso]** (C.G.S., 21-22)

O que restava aos portugueses do século XVI de vida rural era uma fácil horticultura e um **doce** pastoreiro (...). Curioso, portanto, que o sucesso da colonização portuguesa do Brasil se firmasse precisamente em base rural. **[grifo nosso]** (C.G.S., 23)

Muito deve o Brasil agrário aos rios menores porém regulares: onde eles **docemente** se prestaram a moer as canas, a alargar as várzeas, a **enverdecer** os canaviais, a transportar o açúcar, a madeira e mais tarde o café... **[grifo nosso]** (C.G.S., 25)

Felizmente aos impulsos de dispersão e aos perigos, deles decorrentes, de diferenciação e separatismo, opuseram-se desde o início da nossa vida colonial forças que quase da mesma agressividade, neutralizando-os ou pelo menos **amolecendo-os**. **[grifo nosso]**  
(C.G.S., 27)

Os jesuítas foram outros que pela influência do seu sistema uniforme de educação e de moral sobre um organismo ainda tão **mole e plástico, quase sem ossos**, como o da sociedade colonial nos séculos XVI e XVII, contribuíram para articular como educadores o que eles próprios dispersavam como catequistas e missionários. **[grifo nosso]** (C.G.S., 28)

Temia-se no adventício acatólico o inimigo político capaz de quebrar ou enfraquecer aquela solidariedade que em Portugal se desenvolvera junto com a religião Católica. (...) Daí ser tão difícil, na verdade, separar o brasileiro do Católico: o Catolicismo foi realmente o **cimento** da nossa unidade. **[grifo nosso]** (C.G.S., 29-30)

Nos trechos acima, vemos que Gilberto Freyre emprega várias metáforas — como, por exemplo, “um organismo ainda tão mole e plástico, quase sem ossos” — que no

conjunto ganham um significado alegórico maior, na medida em que é um discurso que faz entender outro discurso. No caso desse exemplo, representa o perfil ainda muito elementar e em formação da sociedade colonial. O uso de metáforas, sinestésias, além de recursos sonoros e cromáticos, tem a finalidade de sugerir a realidade, e não retratá-la objetivamente.

Por meio dos trechos selecionados acima, é possível verificar que o autor apresenta a imagem de um colonizador superior por causa de sua origem híbrida, lutador, forte, negociador, adaptável e responsável pela formação de uma paisagem gostosa e sensual do lado de baixo do Equador. Nesse ponto, pode haver uma aparente contradição: no capítulo anterior vimos que Freyre atua no sentido de mostrar que as relações de poder, no decorrer da história, não estão atreladas à idéia de superioridade de raças, mas de relações políticas e econômicas. Como, então, ele justifica o sucesso da nossa colonização através da superioridade da origem portuguesa? Podemos desfazer a contradição se pensarmos que Gilberto Freyre apresenta o português como se fosse originário da união de quase todas as etnias. Para o autor, a superioridade portuguesa não está em ser branco, europeu, ocidental ou cristão, mas em ser híbrido, em ser todos em um. Essa característica torna o português mais rico culturalmente, dando-lhe maleabilidade para se relacionar com diversos povos.

Há uma dualidade bem clara em que convivem, na figura do colonizador português, a frieza e dureza do branco europeu e o calor e a emotividade (coração “mole”) do negro africano. Os portugueses formam um povo indefinido, são europeus “amolecidos” pela “fervura” das culturas africana e moura. O ar “quente”, “oleoso” e “macio” dos árabes e africanos dá um toque singular de sensualidade e exotismo à cultura, à vida sexual e à religiosidade lusitanas. Graças à pluralidade do português foi possível a colonização em espaço com condições climáticas tão diversas. O português de Gilberto Freyre é, portanto, um homem maleável, capaz de negociar e de fazer concessões, um africano empalidecido.

A aproximação e a afinidade com os mouros e negros “afrouxaram” e flexibilizaram o homem de Portugal, transformando-o, assim, no colonizador mais genial, capaz e competente das Américas.

O excesso da palavra “doce” e suas derivadas, bem como palavras semanticamente associadas, como “gostoso”, “guloso”, nos mostram também a importância que o autor dá à economia açucareira no Brasil como a grande força motriz do nosso desenvolvimento. Num de seus cadernos de notas para *Casa-grande & Senzala*<sup>25</sup>, Gilberto Freyre faz uma lista, intitulada *sugar*, de referências sobre o açúcar e seus aspectos econômicos, explicitando sua idéia do país do açúcar e, por isso, “doce”. Ainda no mesmo caderno, escreve “O açúcar e a organização social do Brasil”, no qual afirma que as relações sexuais, morais e religiosas entre os senhores e os escravos se deram pelo açúcar. Mais tarde (1987), o autor publicou o livro *Açúcar*, em que aborda o tema com maior profundidade.

Dentro desse sistema maleável, o autor também aponta para a singularidade do catolicismo português, que favoreceu a colonização e a conseqüente cristianização da sociedade colonial brasileira. Freyre classifica esse movimento como um catolicismo lírico, menos rígido, que foi capaz de absorver várias manifestações populares não só na Europa, mas também no Brasil. Dessa forma, o catolicismo “moleção” conseguiu, através dos jesuítas, entranhar-se vagarosamente na sociedade brasileira e servir como “cimento” para solidificar e sustentar a unidade territorial. É essa, sem dúvida, uma imagem ambígua: sendo flexível, serviu também para endurecer e fortalecer a colônia, e, além do mais, ao mesmo tempo em que procurou contemporizar, unindo o erudito e o sacro com o popular e o profano, utilizou-se, por outro lado, da inquisição como ferramenta de imposição.

---

<sup>25</sup> Caderno de notas nº 2, Arquivo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

A obra é carregada de várias outras dualidades nas imagens (a casa-grande e a senzala; o senhor e o escravo) e na técnica (razão e fantasia; análise científica e liberdade artística; método e intuição). Sua natureza plural permite a ambigüidade de leitura e nos faz encontrar ora o sociólogo, ora o escritor, já que a expressão literária também é um recurso de elucidação e pesquisa usado em seu rigoroso estudo. Essa característica faz com que seu estilo se diferencie de outros escritores que procuraram dar seqüência aos estudos sobre a formação cultural da sociedade brasileira, como, por exemplo, Caio Prado Junior, com seu primeiro ensaio de materialismo histórico — *Evolução Política do Brasil* (1933); Sérgio Buarque de Holanda, com *Raízes do Brasil* (1936); ou, ainda, Raimundo Faoro, com *Os Donos do Poder* (1958). Todos eles tiveram o compromisso maior com a razão científica, na qual a metodologia e, talvez, o objetivo foram diferentes. Eles realmente se apresentaram como estudiosos — sociólogos, historiadores e economistas — que pretendiam oferecer uma visão acadêmica do Brasil.

Em contrapartida, na condição híbrida de *Casa-grande & Senzala*, podemos perceber a intenção maior do autor de ser escritor, coexistindo com o sociólogo, o antropólogo, o psicólogo. O resultado é uma escrita personalíssima, original e, muitas vezes, contraditória. À guisa de exemplificação, destacamos um trecho de uma longa passagem cheia de lirismo do capítulo 1 de *Casa-grande & Senzala*, em que se fala da importância dos pequenos rios para a agricultura brasileira, e, sobretudo, para a fixação das primeiras famílias rurais.

Muito deve o Brasil agrário aos rios menores porém mais regulares: onde eles docemente se prestaram a moer as canas, a alargar as várzeas, a enverdecer os canaviais, a transportar o açúcar, a madeira e mais tarde o café, a servir aos interesses e às necessidades de populações fixas, humanas e animais, instaladas às suas margens; aí a grande lavoura floresceu, a agricultura latifundiária prosperou, a pecuária alastrou-se. Rios do tipo do Mamanguape, do Uma, do Pitanga, do Paranamirim, do Serinhaém, do Iguacu, do Contindiba, do Pirapama, do Ipojuca, do Mundaú, do Paraíba, foram colaboradores valiosos, regulares, sem as intermitências nem os transbordamentos dos grandes na organização da nossa economia agrária e da

sociedade escravocrata que à sua sombra se desenvolveu. (...) Tanto mais rica em qualidade e condições de permanência foi a nossa vida rural do século XVI ao XIX onde mais regular foi o suprimento de água; onde mais equilibrados foram os rios ou mananciais. (C.G.S., 25)

Logo após a longa passagem sobre a importância dos pequenos rios, em que o autor recorre exaustivamente para a visão, inicia-se o próximo parágrafo com um assunto totalmente diverso do anterior: o modo como os colonizadores desbravaram a terra e colonizaram toda a extensão brasileira. Mas a genialidade do escritor faz encontrar uma solução poética para a coesão semântica do texto. Freyre consegue encadear as idéias através de associação de imagens. Ele se utiliza de uma técnica, mais do que literária — um recurso poético — uma espécie de encadeamento seqüencial ou *enjambement* na prosa, porque o sentido e a unidade se completam com o próximo parágrafo. Esse é um exemplo, dentre muitos outros no decorrer da obra.

Tendo por base física as águas, ainda que encachoeiradas, dos grandes rios, prolongou-se no brasileiro a tendência colonial do português de **derramar** em vez de condensar-se. O bandeirante, particularmente, torna-se desde os fins do século XVI um fundador de subcolônias. Ainda não é dono da terra em que nasceu, mas simples colonial e já se faz de senhor das alheias num imperialismo que tanto tem de ousado quanto de precoce. Com o bandeirante o Brasil autocoloniza-se. Já Pedro Dantas fixou essa possível constante da nossa História: **derramamo-nos** em superfície antes de nos desenvolvermos “em densidade e profundidade” [**grifo nosso**] (C.G.S., 26-27)

Note-se que o autor aproveita a imagem construída por ele, dos rios menores se ramificando pelo território, e a associa à função dos pequenos colonizadores desbravando o país. Portanto, trata-se também de uma bela metáfora, já que percebemos a transferência de significado de uma zona para outra. Esclarecendo melhor, através da imagem anterior dos rios e seus afluentes que se expandem pelo território, o autor constrói uma metáfora da mobilidade dos colonizadores. Dessa forma, por meio da redefinição dos significados que apenas a conotação permite com leveza, as duas informações são unidas de forma coesa e coerente. A poeticidade que percorre toda a passagem é inegável: a imagem “doce” de

todas as ações colonizadoras associando-se com a grande força econômica do açúcar e a personificação do rio criam uma paisagem romântica.

Também é relevante destacar o uso do pronome “nossa” (*nossa economia agrária, nossa vida rural*), que aponta para a inclusão do observador/ pesquisador dentro do próprio discurso, ou seja, a aproximação ou quase mistura do investigador ao objeto investigado. Aliás, o assunto abordado em *Casa-grande & Senzala* confunde-se com a própria história de Gilberto Freyre, com a história de sua família, com a história da sua infância de menino de engenho. Até acontecer a produção de *Casa-grande & Senzala*, o autor hesitava entre uma história da infância e um estudo dos fatores culturais na história do Brasil, dentre outros. Por isso, detectamos uma forte afinidade do pesquisador com a sua pesquisa, justificando assim a justaposição de ambos, a subjetividade da obra e a marca autobiográfica. A liberdade e a espontaneidade do escritor permitem que a sua vivência e a sua percepção coexistam naturalmente com suas anotações científicas.

Examinando seus apontamentos sobre *Casa-grande & Senzala*, com que procura fazer acréscimos e alterações à 5ª edição da obra, o autor busca retirar alguns exageros que marcam a personalidade da obra e o forte envolvimento com o objeto da pesquisa. Solicita ao editor, por exemplo, que corrija todos os “descuidos” em que apareça a primeira pessoa do singular, alterando assim o “*me para nos, eu para nós*. Excetuando os prefácios onde devem ser conservados os *nós, eu, nos, me*.”<sup>26</sup> Antes mesmo da publicação da 1ª edição, Gilberto Freyre procurou detectar seus arroubos autobiográficos, fazendo correções até mesmo no prefácio<sup>27</sup>:

O professor Franz Boas é a figura de mestre de que me ficou até hoje maior impressão. Conheci-o nos meus primeiros dias em Colúmbia. Creio que nenhum estudante russo, dos românticos, do século XIX, preocupou-se mais intensamente pelos destinos da Rússia do que eu pelos do Brasil na fase em

---

<sup>26</sup> Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

<sup>27</sup> Prefácio original, datilografado, para a primeira edição de *Casa-grande & Senzala*, que se encontra no Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

que conheci Boas. Era como se tudo **dependesse de mim, da minha maneira de resolver as questões seculares.** [grifo nosso]

Nos originais, há uma rasura do autor bem no trecho grifado acima, o qual ele altera para “Era como se tudo dependesse de mim e dos da minha geração, da nossa maneira de resolver questões seculares”, e, assim, disfarça a angústia do escritor de querer desvendar a essência do Brasil.

Ainda no exame dos manuscritos datilografados do prefácio para a primeira edição, pudemos detectar a presença de um parágrafo que não se encontra em nenhuma edição da obra. Trata-se de um trecho em que transparecem o rancor e a indignação do autor com o Governo Vargas, “mentor” do seu auto-exílio, por causa do episódio em que membros do governo invadiram sua casa para roubar e destruir documentos e livros pessoais de sua extensa biblioteca. Como não há indicação para excluir a passagem, não sabemos o motivo dessa eliminação. Presumimos, no entanto, que o próprio editor ou o autor julgaram-na, posteriormente, “inadequada” para publicação, sobretudo, por causa do momento político em que se encontrava o país. O parágrafo a que nos referimos segue grifado a seguir:

Em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio. Levou-me primeiro à Bahia; depois a Portugal, com escala pela África. O tipo de viagem ideal para os estudos e as preocupações que este ensaio reflete.

**Não fossem os patriotas menos cavalheirescos que regozijados com a vitória da Liberdade sobre a Tirania saquearam e incendiaram a casa da minha família na Magdalena e calmamente e a frio se apoderaram de livros, cadernos de notas e objetos que eu não decidira dar de presente ao novo chefe do Estado nem a nenhum de seus dignos auxiliares, e os meus agradecimentos seriam para os bravos de 1930. Forçando-me a acompanhar a Portugal<sup>28</sup> o último governador de Pernambuco, sua vitória proporcionou-me uma viagem ao sabor dos meus estudos e tornou possível este livro.<sup>29</sup> [grifo nosso]**

---

<sup>28</sup> A primeira versão é “Forçando-me a acompanhar ao exílio”. Freyre risca e troca “exílio” por “Portugal”.

<sup>29</sup> Prefácio original, datilografado, para a primeira edição de *Casa-grande & Senzala*, que se encontra no Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

Dessa forma, Freyre assume a sua marca de escritor quando coloca lirismo, vivência, comprometimento, pessoalidade e engajamento na obra, mas procura sempre aparar os exageros próprios da paixão e até mesmo da vaidade do autor. Em *Casa-grande & Senzala*, existem preocupações que não são apenas as de um sociólogo, mas as de um escritor, o autor não é o literato, da literatura gorda, da literatura clichê, mas o escritor que construiu um estilo e um mundo literário próprio e amplo. Então, muito mais do que o falar bonito, sua obra possui *poesis*, característica fundamental da literatura. Ao rejeitar o culto obsessivo da forma e da norma e o formalismo literário, o escritor nega o bacharelismo para criar um discurso singular, carregado de subjetividade e, portanto, de humanismo. “Conserva hoje o toque da primeira-criação: é o antiliterato”. (Marcos Almir Madeira, 1981:83)<sup>30</sup>

Bakhtin, em sua *Estética da criação verbal*, muito bem sugere que o estilo deve entrar como um dos elementos de um determinado gênero. Assim, o estudo de um estilo deve se basear, em primeiro lugar, na averiguação do gênero (neste caso, o ensaio). Examinando a natureza do enunciado em *Casa-grande & Senzala*, bem como suas particularidades de gênero, é possível notar um estilo individual intencional, que faz parte das linhas constitutivas do ensaio freyreano e que, muitas vezes, mistura-se com o seu fim.

Bakhtin indica que os gêneros literários, em geral, são os mais propícios ao estilo individual. Observando *Casa-grande & Senzala*, percebemos ser uma obra que procura dar significação a um fato coletivo — a formação da família brasileira — em uma expressão muito pessoal e particular, na qual os valores individuais não deixam de ser influenciados por fatores externos e culturais. Por exemplo, além dos estudos formais, realizados nos Estados Unidos, onde foi aluno do antropólogo Franz Boas, e também em Oxford, Freyre manteve contatos com ensaístas, com vários estudiosos de literatura comparada e com

---

<sup>30</sup> Artigo “Gilberto Freyre, escritor: a estilística dos títulos.” In. *A expressão literária em Gilberto Freyre*.

poetas, como Amy Lowell, Vachel Lindsay e W.B. Yeats, todos comprometidos com um novo movimento literário que buscava uma nova forma de expressão através da libertação temática e da própria linguagem: o imagismo. Não se pode esquecer, ainda, da nova forma romanesca proposta por Joyce, que Freyre chegou a conhecer, nessa mesma época, e também de seu contato com o expressionismo, na Alemanha. Em artigo, Freyre analisa o novo movimento literário:

Sente-se vibrar a energia da reação no ritmo novo dos poemas de Vachel Lindsay, de Robert Frost, de Ezra Pound, de Amy Lowell e de Carl Sandburg; no realismo corajoso, investigador, penetrante de romancistas e poetas como Theodore Dreiser, de Edgar Lee Masters, de John Dos Passos, de Sinclair Lewis; na crítica rebelde a todas as tradições de timidez intelectual diante do burguês prepotente, de Henry L. Mencken, de Spingam, de Van Wick Brooks, de George Jean Nathan. (Freyre, 1968:13-14)

Ainda em *Tempo morto e outros tempos*, faz a seguinte anotação sobre o movimento americano:

Atualmente, a poesia neste país atravessa um período de notabilíssimo revigoramento que já tomou o nome de “New Poetry”. Além do que, vozes africanas começam em inglês poético, a juntar-se magnificamente às anglo-saxônicas. Nos Estados Unidos de agora, há uma verdadeira revolução literária na poesia, no romance, no teatro — O’Neill que o diga — e na crítica. Na crítica puramente literária com Brooks e na **literatura misturada à social e de idéias** com o verdadeiramente extraordinário Henry L. Mencken. [**grifo nosso**] (Freyre, 1968:78)

Sem dúvidas as novas tendências das vanguardas artísticas do início do século XX influenciaram a forma de escrever de Gilberto Freyre, mas o imagismo será um dos estilos que fornecerá a maior herança ao discurso freyreano, na medida em que temos verificado no ensaio em questão o excesso de imagens, que nos sugere muito mais que uma referência externa, sugere um dado sensorial com conotações de caráter emocional — a imagem fornece o próprio sentido da obra. Não podemos deixar de ressaltar que o ensaísta teve uma experiência como pintor que precedeu a de escritor, a qual o acompanhou durante a sua

vida, mas, sobretudo, foi a atividade que o colocou como sujeito capaz de interpretar o mundo. Gilberto Freyre só conseguiu se alfabetizar aos oito anos, antes disso, sua capacidade criativa se concentrava nas artes plásticas, questão relevante porque o autor leva essa plasticidade para a sua escrita.

A influência do literário na obra de Gilberto Freyre é comentada pelo próprio autor e tratada com peculiaridade em *Como e porque sou e não sou sociólogo*:

Talvez seja, também, *Casa-grande & Senzala* dentro dos seus limites de parente mais que pobre das obras de antropologia ou de sociologia consideradas épicas — o caso da célebre *Seven Pillars of Wisdom*, de Lawrence da Arábia — livro sob vários aspectos tão de literatura quanto de antropologia ou de sociologia. Ou quase literatura, deve dizer o seu autor, com a humildade que às vezes falta àqueles que só por escreverem muito se consideram audaciosamente escritores; e hesitando em se apresentarem como sociólogos ou antropólogos, psicólogos ou historiadores, não têm dúvida de se intitularem escritores. (Freyre, 1968: 116)

Pensar sobre a literariedade do ensaio freyreano significa, inevitavelmente, pensar quais são as características do autor que o fazem, antes de um pesquisador acadêmico, um escritor,. Como já vimos no início deste capítulo, Gilberto Freyre já deixou todas as pistas quando pronunciou sua conferência na Universidade Federal da Paraíba, originando o seu ensaio *Como e porque sou escritor*. Entendemos que o perfil individual do autor origina uma obra independente dos caminhos e dos mecanismos que canonizam uma obra científica. Assim, *Casa-grande & Senzala* se distancia desse sistema doutrinário, para se inserir no espaço da criatividade e da aventura. Sua individualidade, no entanto, não é sinônimo de unilateralismo; ao contrário, a sua obra é múltipla, refletindo os vários contatos e experiências do autor. A expressão literária de Gilberto Freyre passa, antes de tudo, pela sua subjetividade, pela aproximação do autor com o seu objeto, pelos matizes autobiográficos dos seus ensaios, expressão do que o autor vê, experimenta e recria, somados às informações colhidas em autores de livros clássicos. Na verdade, além da larga

pesquisa realizada, Gilberto Freyre busca nele mesmo, na sua própria experiência de vida, algumas respostas para sua reflexão sobre o que é ser brasileiro. Portanto, *Casa-grande & Senzala* é uma interpretação do Brasil que nasce através de uma necessidade de conhecer a si próprio. Sua obra ultrapassa as paredes do “gabinete universitário” e da biblioteca para atingir um “intelectualismo sensorial”. É um estudo sobre vivência e de vivência, de aventura, de campo, no qual os livros clássicos utilizados são ferramentas importantes que auxiliam e ratificam o seu conhecimento de vida.

Gilberto Freyre afirmava ser um escritor pertencente à tradição literária ibérica, por ser mais livre de convenções acadêmicas e de rigor no uso da língua. Identifica-se com Unamuno, Cervantes, Camões, Gil Vicente e Santa Tereza, dentre outros, mas também com uma linha francesa, como a de Proust, e inglesa, como Joyce, que se aventuraram a ajustar “a palavra à sua personalidade em vez de ajustar a personalidade a qualquer conjunto de convenções de arte literária tidas por essenciais à consagração de um homem especificamente de letras”<sup>31</sup>. A memória colhida da boca do povo, o popular, o vulgar, o contato direto com a vida, tudo é material absorvido pelo autor, representativo de uma realidade lírica, a qual, somada à capacidade analítica, permite ao autor interpretar e analisar o homem e o mundo ao redor.

Depois de longo inventário, retomando a questão do primeiro parágrafo deste capítulo, podemos dizer que a literatura, em *Casa-grande & Senzala*, passa no espaço da vivência, da sensibilidade, da cumplicidade do autor com o texto — todas expressões da criatividade. Sua análise rigorosa produz uma imagem na qual a expressão literária é um recurso de pesquisa e elucidação. Quando Freyre une, por exemplo, o elevado com o inferior, leva, em muitos momentos, o pensamento ao limite da fantasia, criando um mundo idílico, como na imagem do colonizador que “atola os pés em carnes nuas”

---

<sup>31</sup> *Como e porque sou escritor*. <http://bvgf.org.br/portugues/obra/opusculo/como.htm>, 4.

indígenas, é seduzido pelo furor sexual da africana e, despido dos preconceitos, deixa-se afundar docemente na lama da luxúria. Essa alegoria coexiste com análises extremamente racionais. É um diálogo entre a razão e a emoção ou entre a ciência e a ficção, porque há um lado imagístico ou, talvez, artístico do autor, que apela para a sensibilidade e imaginação, e o lado científico, que apresenta uma sociedade multicultural, formada a partir de antagonismos, como bem observa o autor:

O que se sente em todo esse desadorno de antagonismos são as duas culturas, a européia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica e a fatalista encontrando-se no português, fazendo dele, de sua vida, de sua moral, de sua economia, de sua arte um regime de influências que se alternam, se equilibram ou se hostilizam. Tomando em conta tais antagonismos de cultura, a flexibilidade, a indecisão, o equilíbrio ou a desarmonia deles resultantes, é que bem se compreende o especialíssimo caráter que tomou a colonização do Brasil, a formação *sui generis* da sociedade brasileira, igualmente equilibrada nos seus começos e ainda hoje sobre antagonismos. (C.G.S., 8)

A natureza dialógica ou as contradições da obra revelam uma característica romântica. O próprio Freyre denominava-se romântico e entendia que suas contradições davam toques de humanidade, inovação, imperfeição e inacabamento à obra, espaço ideal para múltiplas leituras e interpretações. Não só suas idéias, teses e “conclusões” são contraditórias, mas também a própria imagem que ele faz do Brasil é dúbia, quando retrata o brasileiro com suas imperfeições e incoerências, e não como um monumento com traços olímpicos. Trata-se, na verdade, de uma visão do brasileiro em formação. O próprio herói de *Casa-grande & Senzala* — o português — é construído de forma antagônica. Ele é o grande colonizador que triunfou onde outros europeus falharam, mas também o homem comum, com seus problemas de má alimentação e hábitos pouco nobres; foi maleável culturalmente, mas truculento no que diz respeito às questões de poder, com as complexidades e contradições que marcam a humanidade.

Nem esqueçamos este formidável contraste nos senhores de engenho: a cavalo grandes fidalgos de estribo de prata, mas em casa uns franciscanos, descalços, de chambre de chita e às vezes só de ceroulas. Quanto às grandes damas coloniais, ricas sedas e um luxo de tetéias e jóias na igreja, mas na intimidade, de cabeção, saia de baixo, chinelo sem meias. (C.G.S., 39)

O que procuramos reiterar é que obra e objeto de pesquisa se confundem, ambas estão em formação e cercadas por antagonismos e contradições. É impossível ser preciso quando se procura, como no caso da obra freyreana, dar conta de uma biografia multifacetada como a do Brasil, quando se propõe a olhar por vários ângulos e retratá-los num só plano, do qual só a linguagem literária é capaz de dar conta. O resultado é uma obra híbrida, plural, imprecisa, lúdica, na qual a metodologia científica e a expressão artística, a razão e a fantasia caminham juntas, ora paralelamente, ora cruzando-se e interagindo.

Grande contradição brasileira apontada por Gilberto Freyre foi a da miscigenação e sifilização. O aspecto positivo da miscigenação esteve diretamente proporcional ao aspecto negativo da sifilização, sendo esta consequência daquela, ambas caminhando juntas, a primeira enriquecendo culturalmente, e a segunda ocasionando graves problemas na saúde e no saneamento básico do Brasil. A obra nos alerta que a sociedade híbrida foi constituída, portanto, a partir do sexo promíscuo, desordenadamente, à custa de muitas mortes causadas pela sífilis, formando o brasileiro e, ao mesmo tempo, deformando-o.

De todas as influências sociais talvez a sífilis tenha sido, depois da má nutrição, a mais **deformadora da plástica** e a mais depauperadora da energia econômica do mercado mestiço brasileiro. Sua ação começou **ao mesmo tempo** que a da miscigenação; vem, segundo parece, das primeiras uniões de europeus, **desgarrados à-toa pelas nossas praias, com índias que iam elas próprias oferecer-se ao amplexo sexual dos brancos.** (...)

Precisamente sob **o duplo ponto de vista** da miscigenação e da sifilização é que nos parece ter sido importantíssima a primeira fase do povoamento. Sob o ponto de vista da miscigenação foram aqueles povoadores **à-toa** que prepararam o campo para o único processo de colonização que teria sido possível no Brasil: o da formação, pela poligamia — já que era escasso o número de europeus — de uma sociedade híbrida. (...)

(...) Bem ou mal, neles é que **madrugou** essa sociedade. [grifos nossos]  
(C.G.S., 47-48)

Nessa passagem, através do seu método que aponta os antagonismos, o autor aponta para duas imagens simultâneas. Uma paisagem hedônica, em que o colonizador é seduzido pela sensualidade da índia e, mais tarde, da negra em ambiente tropical. A imagem da praia está associada à beleza, a um lugar paradisíaco, uma espécie de “Ilha da Fantasia” para se ficar “à-toa”, ao bel-prazer e em paz com a natureza. A outra paisagem sugerida por Freyre nos aponta para uma ação “deformadora” da primeira imagem. A sífilização modifica a beleza oriunda da miscigenação nos trópicos. Nota-se o uso do termo “deformadora da plástica”, numa tentativa de criar uma imagem da nossa sociedade híbrida com formas belas e sensuais, que, pela sífilis, adquire contornos feios e medonhos. É, portanto, uma pintura extremamente maleável, sem forma definida, concomitantemente bela e feia, sedutora e assustadora. Assim, o sexo entre colonizadores e colonizados ao mesmo tempo em que formou também deformou o país.

Num primeiro momento, o “duplo ponto de vista” nos dá a idéia de “dois lados da moeda”, opostos e bem definidos, mas, à medida que seguimos a leitura, verificamos que são antagonismos postos no mesmo plano, ou melhor, sobrepostos, de forma que o objeto é os dois opostos ao mesmo tempo, formando um terceiro híbrido, plástico e impreciso. O próprio autor afirma que a formação brasileira é, na verdade, um processo de equilíbrio de antagonismos. A poligamia, por exemplo, único meio para a colonização, é sinônimo de adaptação do colonizador ao novo meio e de prazer, bem como de luxúria e promiscuidade — lado muito observado por Paulo Prado em *Retrato do Brasil* (1928).

“Bem ou mal, neles é que madrugou essa sociedade”. Nota-se, aí, o termo madrugando dando ambigüidade à enunciação, pois pode ser lido no seu sentido etimológico de amadurecer (*madurare*), associando novamente às sensações gustativas (amadurecer o fruto), também lemos no seu sentido mais comum de antecipar-se, isto é, a sociedade se

formou rápida e precocemente através do sexo, alicerçada no binômio miscigenação/sifilização. Mas também o sentido literário dá o toque final a esse trecho, passando a noção da madrugada (noite) como o momento propício para o sexo proibido. A sociedade é formada na luxúria e no prazer proibido sob os preceitos cristãos em plena madrugada.

É importante ressaltar que a imagem de “madrugar” construída por Freyre é algo que não pode ser visualizado a olho nu, ou pela fotografia ou pela pintura, porque é uma imagem genuinamente literária. Esses sentidos criados por Freyre fogem à esfera da ciência ou à escrita da história, pois elas constroem descrições objetivas, diretamente relacionadas ao mundo externo, ao passo que as imagens literárias são descrições que dialogam, sobretudo, com uma realidade interna e impalpável. Assim, o grande sentido de *Casa-grande & Senzala* se dá através das imagens literárias — pinturas que se unem página a página para construir a imagem do brasileiro. Até mesmo a profunda pesquisa realizada é absorvida pelo estilo freyreano e posta no papel de uma forma bem diferente dos discursos científicos da época. Dessa forma, podemos afirmar que uma das maiores e mais consagradas interpretações do nosso país é uma explicação bem colorida, plástica e lírica, como se a obra (o próprio texto) quisesse se transformar num exemplo da própria cultura brasileira, híbrida, plural, cheia de excessos, cores e sentidos.

Para o êxito de sua proposta, o autor transitava por diversas áreas de forma livre, espontânea e criativa. Numa de suas anotações, escreveu “o meu sentido da história do Brasil, não sendo ortodoxo, dificilmente me dá direito a esperar lugar entre os mestres que entretanto respeito e [ilegível].”<sup>32</sup> Exageros de modéstia à parte, o fato é que o autor se tornaria um dos maiores escritores do Brasil, justamente pela sua inovação metodológica e discursiva. Por exemplo, numa de suas notas, em *Casa-grande & Senzala*, Gilberto Freyre

---

<sup>32</sup> FREYRE, apontamentos, caderno aderno de notas para *Casa-grande & Senzala*, nº 5, Acervo Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

faz um comentário sobre um médico que o critica no que diz respeito à sua análise sobre a sífilização americana, especialmente pelo fato de não ser o autor médico. Nesse comentário, o sociólogo alerta para o fato de que a Sociologia possui a singularidade de transitar por várias fontes de saber e de expressão e de se libertar do olhar estritamente técnico:

Alguém que se esconde pelas iniciais A.S, enviou-nos um recorte já velho de jornal do Rio, sem designação de nome nem data, onde o Dr. NICOLAU CIANCIO afirma que a origem da sífilis é fora de dúvida americana, atribuindo nossas dúvidas a respeito ao fato de não sermos médico: “O autor não sendo médico”, etc. **Esqueceu-se o bom Dr. NICOLAU** que o problema da origem da sífilis é também um problema de História social, e sob esse aspecto — e não o médico — é que nos animamos a feri-lo, aliás de passagem. É oportuno salientar que a mesma atitude assumiram com relação ao nosso trabalho alguns engenheiros e arquitetos, como que ofendidos em seus melindres de exclusiva propriedade profissional do assunto “casa” por nos termos aventurados a tratar de arquitetura civil ou doméstica no Brasil, sem sermos engenheiro ou arquiteto. Esquecem-se médicos e engenheiros assim melindrados de que se procuramos arranhar tais assuntos, sempre o fazemos do ponto de vista ou sob aspectos que pouco têm que ver com a técnica da Medicina ou da Engenharia, isto é, sempre o encaramos do ponto de vista da História ou Antropologia social; do ponto de vista da sociologia genética.(...) [**grifo nosso**] (C.G.S., nota 170, 85.)

Era costume do autor comentar críticas, observações e elogios à sua obra, através de notas adicionadas às edições posteriores, transformando-a num diálogo infinito e contribuindo para seu aspecto incompleto e inovador. A passagem acima é um exemplo disso, já que não se encontra na primeira edição da obra. Percebe-se que seu estilo discursivo não aponta somente para um debate acadêmico, há fortes toques de personalidade que Freyre não se limita a explicitar. Em “Esqueceu-se o bom Dr. NICOLAU...”, existe uma clara ironia e o uso da palavra “bom” tem um sentido duplo de designar que era uma boa pessoa, amável ou um médico competente. Entretanto, através do contexto, o leitor perceber que pode se tratar do contrário: o sentido duplo indicaria, nesse caso, uma pessoa ingênua e despreparada e um médico perverso e incompetente. Dentro dessa figura de

linguagem, se o médico é “bom”, não pode ter errado, mas “esquecido”. Também o nome do doutor em caixa alta aponta que o autor se utiliza de um recurso de exaltação (enaltecer, valorizar o médico) para ser compreendida no sentido oposto — de acusação e desmerecimento. Assim, tentando encontrar o sociólogo, acabamos por encontrar aí o escritor, já que até mesmo o seu tom polêmico se apresenta em estilo literário.

Aproveitando ainda o trecho em que é discutido o tema da sífilis/miscigenação, não podemos deixar de destacar a seguinte passagem:

Quando os povoadores regulares aqui chegaram já foram encontrando **sobre o pardo** avermelhado da massa indígena aquelas manchas de gente mais clara. Ainda que sem definida caracterização européia, esses mestiços, quase pelo puro fato da cor mais próxima da dos brancos e por um ou outro traço de cultura moral ou material já adquirido dos pais europeus, devem ter sido um como **calço ou forro de carne amortecendo** para colonos **portugueses ainda virgens de experiências exóticas** — e os havia decerto numerosos, vindos do norte — o choque violento de contato com criaturas inteiramente diversas do tipo europeu. **[grifo nosso]** (C.G.S., 48)

A passagem remete à paisagem do colonizador chegando e pisando num prado avermelhado com manchas claras, evidenciando uma linguagem expressiva não só pela metáfora, mas também pelo trocadilho “pardo/prado” e pela preposição “sobre”. Um prado macio, fazendo a vez de um tapete vermelho, que serviria para suavizar o contato com o novo espaço. A imagem do piso macio e amortecedor é fortalecida com o termo “calço ou forro de carne amortecendo”. O calço do sapato tem a função de amortecer o impacto com o chão, e o forro de carne nos dá também a sensação de algo com a mesma função acolhedora e, além disso, macio e vermelho. Dessa forma, o tapete macio serve para receber uma figura de pureza — o português ainda virgem de experiência exótica — que vem para um ambiente sensual e carnal. Para contribuir ao lirismo que confere essa passagem, nota-se também a sonoridade produzida pela escolha das palavras adequadas, na repetição do R em “povoadores regulares aqui chegaram já foram” e também o R vibrante

em “pardo avermelhado”, caracterizando o encontro do colonizador com os índios (a carne vermelha).

Mais adiante, o autor continua a tecer a idéia da miscigenação suave e “amaciada” por uma série de fatores, o maior deles, no ponto de vista do autor, foi o africano como mediador entre a cultura européia e a cultura tropical.

Uma circunstância significativa resta-nos destacar na formação brasileira: a de não ter processado no puro sentido da europeização. Em vez de **dura e seca, rangendo do esforço** de adaptar-se a condições inteiramente estranhas, a cultura européia se pôs em contato com a indígena, **amaciada pelo óleo** da mediação africana.

(...) mesmo onde essa formação dá a idéia de ter sido mais rigidamente européia — a catequese jesuítica — teria recebido a influência **amolecedora** da África. (C.G.S., 52-53)

A imagem construída é a de algo duro e com forma definida (o europeu) tentando se encaixar num espaço de outro formato (a América tropical). O encaixe é suavizado através do óleo lubrificante negro — o escravo africano — permitindo, assim, a formação da sociedade brasileira mestiça. Será, portanto, o negro aquele que levará a cultura dos trópicos até o branco que aos poucos vai deglutindo e assimilando o outro, para em seguida formar um terceiro — o brasileiro.

## 6 – AS IMAGENS DE *CASA-GRANDE & SENZALA*.

*“Tudo se reduz ao diálogo, à contraposição dialógica enquanto centro. Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina, nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida.”*

*(Mikhail Bakhtin)*

Após verificarmos que a relação de *Casa-grande & Senzala* com a literatura se dá, sobretudo, devido a sua capacidade de construir imagens que ultrapassam o espaço e o tempo previstos pelos textos científicos e pela historiografia, vejamos agora como são construídas as três imagens principais da obra — o índio, o português e o negro. Essas figuras surgem ora como constituintes da natureza (os três tipos de raças), ora como personagens que estruturaram a sociedade.

### 6.1 – O ÍNDIO.

O capítulo II de *Casa-grande & Senzala*, “O indígena na formação da família brasileira”, inicia-se com a tentativa de dar voz ao índio e, portanto, de distanciamento do colonizador, na medida em que procura deixar claro, logo nas primeiras linhas, que o português foi o elemento “invasor”/ “intruso” no processo de colonização.

Com a intrusão européia desorganiza-se entre os indígenas da América a vida social e econômica; desfaz-se o equilíbrio nas relações do homem com o mundo físico.  
Principia a degradação da raça atrasada ao contato da adiantada; (...).  
(C.G.S.,89)

Nesse momento, o autor começa a diminuir o foco de observação. Se, no capítulo I, o olhar é mais amplo para dar conta de uma sociedade híbrida, agora “a lente fecha” para focalizar um dos “personagens”. É importante notar que o texto procura se transformar, mudando o seu ponto de vista, ao tomar o índio como um elemento ativo no texto. Porém,

a tentativa não é eficiente quando percebemos na obra a presença forte do português como o contemporizador nas relações com o nativo. A voz “branca” de Gilberto Freyre inegavelmente busca se aproximar dos demais elementos para traçar uma versão multifocal da formação da nossa sociedade e para consagrar o índio e o negro como elementos fundamentais da cultura brasileira.

É ponto relevante de observação que o autor mostra também a relação de total submissão dos nativos com os invasores. Devido à cultura muito aquém à dos portugueses, os índios se acuaram, “retraindo-se ou amarfanhando-se ao contato civilizador europeu por incapacidade de acomodar-se à nova técnica econômica e ao novo regime moral e social.” (C.G.S., 90). Assim, parece impróprio afirmar que Freyre sugere o tempo todo a colonização harmoniosa devido ao caráter amável do europeu português e à sua capacidade de fazer concessões. O que há, na verdade, é um panorama que mostra os antagonismos da colonização portuguesa, ora apresentando pontos positivos, ora pontos negativos, embora a obra consagre o primeiro. O capítulo apresenta o lado opressor do invasor, mas deixa claro também que não houve aqui a mesma violência encontrada nos territórios de colonização espanhola, no primeiro século de colonização portuguesa, porque não encontraram grandes resistências por partes dos índios — tecnologicamente inferiores.

Híbrida desde o início, a sociedade brasileira é a de todas da América a que se constituiu mais harmoniosamente quando às relações de raça: dentro de um ambiente de quase reciprocidade cultural que resultou no máximo de aproveitamento dos valores e experiências dos povos atrasados pelo adiantado; no máximo de contemporização da cultura adventícia com a nativa, da do conquistador com a do conquistado. Organizou-se uma sociedade cristã na superestrutura, com a mulher indígena, recém-batizada, por esposa e mãe de família; e servindo-se e, sua economia e vida doméstica de muitas das tradições, experiências e utensílios da gente autóctone. (C.G.S., 91)

O autor afirma que a índia foi a mãe da sociedade brasileira e que teve maior utilidade social e econômica que o homem indígena. Em contrapartida, Gilberto Freyre

caminha contra a idéia comum de que ela seria irresistível sexualmente, ao demonstrar que sua relação com o europeu foi uma questão de necessidade, já que não havia quase brancas na região. É fato que a obra relata o ambiente de “quase intoxicação sexual”, mas ressalta que o português era a figura libertina, e a índia, ao contrário do que se pregava, desejava passar para sua cria a superioridade da civilização européia. Muitas vezes, porém, elas eram oferecidas ao invasor pelo chefe da comunidade indígena como forma de gentileza. Na verdade, Freyre procura mostrar que a idéia de espontaneidade e liberdade dos índios em relação aos preceitos judaico-cristãos foi confundida com luxúria e libertinagem<sup>33</sup>. Acrescenta, ainda, que a luxúria viria por parte do português, na medida em que o sexo é visto pelo cristão como algo ligado à exuberância, à libertinagem e ao libidinoso — concepção bem diversa da indígena.

Paulo Prado salienta que o “desregramento do conquistador europeu” veio encontrar-se em nossas praias com a “sensualidade do índio”. Da índia, diria mais precisamente. Das tais “caboclas priápicas”, doidas por homem branco. O ensaísta do Retrato do Brasil recorda dos primeiros cronistas as impressões que nos deixaram da moral sexual entre o gentio. Impressões de pasmo ou de horror. É Gabriel Soares de Sousa dizendo dos Tupinambá que são “tão luxuriosos que não há pecado de luxúria que não cometam”; é o Padre Nóbrega alarmado com o número de mulheres que cada um tem e com a facilidade com que as abandonam; é Vespúcio escrevendo a Lorenzo de Médici que os indígenas “tomam tantas mulheres quantas querem e o filho se junta com a mãe e o irmão, e o primo com a prima, e o caminhante com a que encontra”. (C.G.S., 101)

E conclui:

Era natural a europeus surpreendidos por uma moral sexual tão diversa da sua concluírem pela extrema luxúria dos indígenas; entretanto, dos dois povos, o conquistador talvez fosse o mais luxurioso.(C.G.S., 101)

Freyre, então, apresenta um invasor luxurioso e, ao mesmo tempo, embebido de preceitos inquisitoriais que inibem a liberdade dos índios. Para ele, os jesuítas serão os

---

<sup>33</sup> cf. Paulo Prado, *Retrato do Brasil*.

grandes vilões, para os quais ele constrói uma imagem de forte valor simbólico — “as batinas dos jesuítas para abafarem-lhe a espontaneidade” (C.G.S., 93) —.construída, portanto, no plano da literariedade. A nudez do índio representa a liberdade do homem desvinculado dos valores cristãos, representados, por sua vez, pelas batinas dos jesuítas, vestes longas e escuras, que chegam ao Brasil para cobrir e abafar o corpo, aprisionando os nativos dentro dos preceitos cristãos. Mais uma vez, podemos verificar que a escolha das palavras e expressões obedece ao procedimento criterioso de formar sentidos que ultrapassem o próprio texto, construindo, assim, imagens alegóricas que só podem estar no terreno da literatura, porque só são possíveis através da linguagem figurada.

Embora o autor negue alguns estereótipos românticos construídos em séculos anteriores, mas fortemente enraizados, não podemos descartar algumas imagens ainda românticas da índia produzidas em sua obra. O ensaio confere características líricas aos nativos e às suas relações com os outros e com a natureza — contradições de uma obra em processo, que procura olhar o objeto sob vários pontos de vista, sem abandonar o olhar do branco aristocrata. Por outro lado, o índio de *Casa-grande & Senzala* não é um índio “puramente literário”, romantizado, tampouco é o índio dos livros conceituais. O que procuramos demonstrar é que Freyre parece romper com a lógica tradicional dos conceitos — o discurso científico — ao utilizar em seu ensaio estratégias literárias para ampliar o campo de significações. A sua interpretação não está apenas na transcrição dos fenômenos em si, mas também na “espessura de sua linguagem” (Lima, 2006:349-350), aspecto que, no entanto, não o classifica como texto literário.

Não podemos perder de vista que a principal proposta do segundo capítulo de *Casa-grande & Senzala* caminha em sintonia com os demais capítulos e visa encontrar na cultura indígena elementos importantes para a formação da cultura brasileira. Com eficiência, Gilberto Freyre os aponta e faz imediatamente a associação com o presente,

aludindo a nossos hábitos e costumes. Assim, não podemos condenar o ensaio por não abordar com maior ênfase e “clareza” as relações de poder que oprimiram os índios e negros, porque a obra não se propõe a fazer historiografia ou relatos, mas a averiguar as relações e representações culturais do índio, do português e do negro, que participaram do processo de construção da nossa cultura.

Da cultura moral dos primitivos habitantes do Brasil, interessa-nos principalmente, dentro dos limites que nos impusemos neste ensaio: as relações sexuais e de família; a magia e a mítica. São traços que se comunicaram à cultura e à vida do colonizador português — a princípio com grande vivacidade de cor; e que embora empalidecidos depois pela maior influência africana, subsistem no fundo primitivo da nossa organização social, moral e religiosa, quebrando-lhe ou pelo menos comprometendo-lhe seriamente a suposta uniformidade do padrão católico ou europeu. (C.G.S., 99)

Nesse processo que combina conhecimento *stricto sensu* com imaginação e sensibilidade, Gilberto Freyre faz uma valorização de nosso passado e, ao mesmo tempo, projeta-o para o presente, na medida em que idealiza uma imagem do Brasil e influencia a maneira como o brasileiro de hoje vê o seu passado. O ensaio procura olhar para trás a fim de justificar o presente, como no exemplo a seguir:

No traje popular do brasileiro rural e suburbano — a gente pobre moradora de mocambo ou de tejupar — como na sua dieta, na vida íntima, na arte doméstica, na atitude para com as doenças, os mortos, as crianças recém-nascidas, as plantas, os animais, os minerais, os astros etc., subsiste muita influência do fetichismo, do totemismo, da astrologia em começo e dos tabus ameríndios. Às vezes influência quase pura; em muitos casos reforçada e noutros contrariada pela africana; quase sempre empalidecida pela sutil influência católica. (C.G.S.,104)

Nessa busca de olhar o passado, o autor utiliza boa parte do capítulo para construir a imagem do índio, buscando se aproximar ao máximo da voz indígena, já que, insistimos, há um diálogo constante do autor com os vários representantes da cultura brasileira.

Enfaticamente, o texto constrói a imagem dos costumes indígenas sendo aniquilados pelos costumes cristãos — “Sob a pressão moral e técnica da cultura adiantada, **esparrama-se** a do povo atrasado...” [grifo nosso] (C.G.S., 108) — criando a imagem do índio que se espalha até a dispersão. Segundo o autor, a Igreja será a principal segregadora dos indígenas, aquela que irá sufocar a espontaneidade nativa, a favor de uma moral puritana. Se, logo no início da colonização houve um ambiente “amoral” de contato com a raça indígena, a reduzida minoria colonizadora, através da Companhia de Jesus, tratou de reverter essa situação, o que Gilberto Freyre chama de “colapso da moral católica”. As canções indígenas foram substituídas por cantos de louvor a Deus e a Nossa Senhora e as diversas línguas regionais foram reduzidas a uma só através da catequese, principal instrumento do imperialismo colonizador, usado no princípio da colonização. Embora algumas formas de representação cultural indígena tenham sido absorvidas e incorporadas à cultura brasileira, a sua capacidade de desenvolvimento é impedida pela moral cristã.

Considerando neste ensaio o choque das duas culturas, a européia e a ameríndia, do ponto de vista da formação social da família brasileira — em que predominaria a moral européia e católica — não nos esqueçamos, entretanto, de atentar no que foi para o indígena, e do ponto de vista de sua cultura, o contato com o europeu. Contato dissolvente. Entre as populações nativas da América, dominada pelo colono ou pelo missionário, a degradação moral foi completa, como sempre acontece ao juntar-se uma cultura, já adiantada, com outra atrasada. (...)

A história do contato das raças chamadas superiores com as consideradas inferiores é sempre a mesma. Extermínio ou degradação. Principalmente porque o vencedor entende de impor ao povo submetido a sua cultura moral inteira, maciça, sem transigência que suavize a imposição. O missionário tem sido o grande destruidor de culturas não européias, do século XVI ao atual; sua ação mais dissolvente que a do leigo. (...)

Ainda mais: procuraram destruir, ou pelo menos castrar, tudo o que fosse expressão viril de cultura artística ou religiosa em desacordo com a moral católica e com as convenções européias. (C.G.S., 108-109)

Através do inventário dos costumes indígenas, o ensaio procura, então, detectar suas heranças na cultura brasileira, preocupação central em toda a obra, quando trata do índio, do português ou do negro. No caso dos índios, Gilberto Freyre identifica a culinária

e algumas superstições de caráter místico-religioso como os espólios mais relevantes para o entendimento da família brasileira e suas formas de vida. O capítulo é excessivo em detalhes, querendo dar conta de todas as formas de representações possíveis do indígena no Brasil. No que diz respeito à culinária, parece que o autor não esqueceu nada, preocupando-se, até mesmo, com as variações de um mesmo alimento (prato) de acordo com a região do país, onde houve europeização, africanização ou abasileiramento do prato.

*Casa-grande & Senzala* quer mostrar que para tudo há uma explicação no passado, que o presente é parte de um todo contínuo e, portanto, o homem moderno, “futurista”, do início do século XX, perdia muito sua capacidade de visão de mundo ao negar a sua memória e sua experiência e contemplar apenas a capacidade do novo, do progresso e do desenvolvimento. O ensaio procura articular o brasileiro às suas vivências para melhor compreendê-lo. A partir desse método investigativo, é possível captar muitos conflitos, complementaridades e inter-relações que escapavam, até então, de tantas disciplinas que procuravam explicar o Brasil.

E eram trabalhos de suas próprias mãos os utensílios de que se servia para fazer a comida, para guardá-la, para pisar o milho ou o peixe, moquear a carne, espremer as raízes, peneirar as farinhas; os alguidares, as urupemas, as cuias, as cabaças de beber água, os balaies. **Utensílios muitos desses que se incorporaram ao trem da cozinha colonial. Ainda hoje o vasilhame de qualquer casa brasileira do norte ou do centro do Brasil contém numerosas peças de origem ou feitiço puramente indígena. A nenhuma cozinha que se preze de verdadeiramente brasileira, falta a urupema ou o pilão, o alguidar ou o pote de água. [grifo nosso] (C.G.S., 120)**

Foi completa a vitória do complexo indígena da mandioca sobre o trigo: tornou-se a base do regime alimentar do colonizador (...) Ainda hoje a mandioca é o alimento fundamental do brasileiro e a técnica do seu fabrico permanece, entre grande parte da população, quase que a mesma dos indígenas. (...)

Variado era o uso da mandioca na culinária indígena; e muitos dos produtos preparados outrora pelas mãos avermelhadas da cunhã, preparam-no hoje as mãos brancas, pardas, pretas e morenas da brasileira de todas as origens e de todos os sangues. (C.G.S., 121)

Se na utilização, aproveitamento ou adaptação de todo esse material de cultura indígena entrou, na maior parte das vezes, a inteligência ou a técnica do europeu com função quase criadora, ou pelo menos transmutadora, noutros casos o que se deu foi a pura transmissão dos valores ou conhecimento de uma cultura à outra — da nativa à adventícia.(C.G.S., 127)

A descrição da culinária e dos hábitos alimentares do nativo será um “prato cheio” para dar cor e vida às suas paisagens e também para construir uma imagem do índio carregada de lirismo. Os temperos e sabores se confundirão com a própria história da formação da família brasileira. Mais uma vez, o autor se apropria de saídas literárias para conferir sentimentalismo ao processo de miscigenação no Brasil.

(...) a Amazônia é a área de cultura brasileira mais impregnada de influência cabocla: **o que aí se come tem ainda gosto de mato**; (...) Quitutes e nomes de quitutes indígenas **desmancham-se** familiarmente na boca do brasileiro: um gosto de conhecidos velhos desfaz a primeira impressão de exóticos. [**grifo nosso**] (C.G.S., 122)

Como se o leitor sentisse o cheiro e a sensação do alimento desmanchando-se na boca, o processo sinestésico, típico do discurso literário, exerce sobre o leitor um efeito sedutor, tornando-se simpático a toda a “magia” da cultura nativa. A sua abordagem metodológica e seu raciocínio científico estão embebidos de sentimento e emoção; o autor se identifica com a figura indígena, tentando penetrar nele e vivenciá-lo. Essa empatia gera a força criadora da obra e determina muito de sua sedução e poder comunicativo. Interessantes, ainda, são os momentos em que Gilberto Freyre fala do contato do índio com as demais culturas, isto é, dos cruzamentos sexual e cultural. As imagens criadas, somadas à sugestão de cheiros e paladares, associam as idéias de “miscigenação” e “bom paladar”, isto é, o cruzamento é algo “delicioso”, “gostoso”, na miscigenação “comemos” e experimentamos boas sensações. O erotismo e a associação de comida e sexo são acentuados, sobretudo, quando aparece a influência africana na culinária, dando a sensação de que é o tempero africano/negra que alicia.

Na tapioca de coco, chamada molhada, estendida em folha de bananeira o amálgama verdadeiramente brasileiro de tradições culinárias: a mandioca indígena, o coco asiático, o sal europeu, **confraternizando-se num só e delicioso quitute sobre a mesma cama africana da folha de bananeira. [grifo nosso]** (C.G.S., 123)

Há entretanto um processo indígena de preparar peixe que se generalizou no Brasil: o da *pokeka*, “de que se fez corruptela, moqueca”, (...) Na Bahia e em Pernambuco, a *pokeka* se africanizou, ou antes, se abrigou, **deliciosamente**, em moqueca, nas cozinhas das casas-grandes. **[grifo nosso]** (C.G.S., 125)

Dos traços principais que constituem a figura do índio em *Casa-grande & Senzala* devemos destacar a “cunhã”, apontada como a base física da família brasileira. Há também a marca do menino índio, o “culumim”, que, ao contrário do que imaginado pelos românticos, não foi um símbolo de liberdade. Segundo Freyre, para fortalecer a ordem nas aldeias, muitos medos e superstições eram incutidos na cabeça dos culumim e estes ainda sobrevivem na infância do menino brasileiro.

A valorização do indígena e da sobrevivência da sua cultura encontra apoio em Gilberto Freyre, mas não com a mesma intensidade se compararmos à valorização feita do português e do negro. Tal aspecto só acentua o seu projeto de diferenciar raça e cultura e estabelecer suas hereditariedades, ou seja, à medida que determinada cultura influencia mais ou menos nossa sociedade, a obra a enfatiza na mesma proporção. Assim, suas reflexões sobre o índio se referem sobretudo à divisão tribal, vestuário e ornamentos, religião, mitologia, história do grupo e suas atividades de subsistência. Sempre têm o fim de mostrar a responsabilidade desse grupo, junto com o negro e o português, em produzir no Brasil os mais diversos tipos humanos (mulato, mameluco, crioulo, cafuzo, cabra, caboclo, pardo) que representam os elementos básicos na construção da sociedade brasileira, uma sociedade com características próprias e bem definidas.

## 6.2 – O PORTUGUÊS.

O terceiro capítulo de *Casa-grande & Senzala* procura definir os contornos do colonizador português. Ao construir a imagem do lusitano, muito mais que diferenciá-lo dos índios e negros, o ensaio procura estabelecer as características que o fazem superior aos demais colonizadores europeus, basicamente o espanhol e o inglês.

Figura vaga [a do colonizador], falta-lhe o contorno ou a cor que a individualize entre os imperialistas modernos. Assemelha-se nuns pontos à do inglês; noutros à do espanhol. Um espanhol sem a flama guerreira nem a ortodoxia dramática do conquistador do México e do Peru; um inglês sem as duras linhas puritanas. O tipo do contemporizador. Nem ideais absolutos, nem preconceitos inflexíveis. (C.G.S., 189)

É através da imagem do colonizador “contemporizador” e flexível que Gilberto Freyre ratificará a democracia racial no Brasil. A imagem imprecisa do português nos retira a incapacidade de defini-lo com objetividade e clareza, o que poderia ser um problema para o escritor, mas, ao contrário, é encarado como um ponto positivo no português. Se a sociedade brasileira é híbrida devido à fusão dos três grupos étnicos, o próprio colonizador já vinha também de uma origem híbrida. Essa característica tornou o português mais flexível frente as diferenças culturais e religiosas dos nativos e dos escravos africanos.

Num movimento pendular, Gilberto Freyre procura equilibrar a balança caminhando sempre de um lado para o outro — ora mostrando o português como um genial colonizador, ora apresentando o seu lado truculento nas relações de poder com os escravos. Entretanto, o ponto de vista do autor fala mais alto e acabam se fortalecendo os aspectos positivos do português.

O escravocrata terrível que só faltou transportar da África para a América, em navios imundos, que de longe se adivinhavam pela inhaca, a população inteira de negros, foi por outro lado o colonizador europeu que melhor confraternizou com as raças chamadas inferiores. O menos cruel nas relações com os

escravos. É verdade que, em grande parte, pela impossibilidade de constituir-se em aristocracia européia nos trópicos: escasseava-lhe para tanto o capital, senão em homens, em mulheres brancas. Mas independente da falta ou escassez de mulher branca o português sempre pendeu para o contato voluptuoso com a mulher exótica. Para o cruzamento e miscigenação. Tendência que parece resultar da plasticidade social, maior no português que em qualquer outro colonizador europeu. (C.G.S., 189)

A maleabilidade do português favoreceu a deformação e a caricatura de sua imagem no sentido de vulgarizá-la à medida que foi se miscigenando com os negros e índios. Em estilo literário, o autor mostra que o nosso colonizador é visto de forma achatada — a imagem do bufão, do gordo e do guloso por quitutes e negras. Para Gilberto Freyre, tal deformação seria um preconceito com o fundador da “maior civilização moderna nos trópicos”. Portanto, a tentativa de torná-lo herói aparece como um contraponto ao estereótipo do português como figura engraçada e quixotesca difundida pelo resto da Europa e, de certa forma, admitida pelos brasileiros após a proclamação da República.

A deformação do português tem sido sempre em sentido horizontal. O achatamento. O arredondamento. O exagero da carne em enxúndia. Seu realismo econômico arredondado em mercantilismo, somiticaria, materialização bruta de todos os valores da vida. Seu culto da Vênus fosca, de formação tão romântica como o das virgens louras, desfigurado em erotismo rasteiro: furor de don-juan das senzalas desadorado atrás de negras e mulecas. (C.G.S.,190)

Mesmo tendo uma posição que enaltece o colonizador, Gilberto Freyre nos oferece uma imagem múltipla e rica de tudo o que vê, porque mostra os antagonismos das pessoas, de suas relações e da própria história.

Um outro aspecto importante é a distinção do colonizador e do português da metrópole. A obra aponta que, na colônia, o poder da Igreja foi substituído pelo poder da casa-grande de engenho, fato que será determinante na nossa organização social, bem como nos nossos costumes e cultura. Os jesuítas tinham como inimigos os senhores de engenho, já os demais padres, “gordos e moles”, acomodavam-se à casa-grande — muitas

vezes morando nela — como pessoas da família, como aliados do sistema patriarcal. É muito importante essa caracterização freyreana do português colono, porque nos dá suporte para compreendermos as estruturas políticas e sociais da nossa sociedade, que bebem até hoje na fonte do patriarcalismo, nas relações de senhor e escravo.

Para representar a imagem do colonizador, o autor se utiliza dos mesmos recursos do resto da obra; dentre eles, conta histórias, “causos” de que ouviu falar, para dar mais veracidade a sua tese, deixando-nos a sensação de estarmos lendo algo íntimo, um segredo, aquilo que é informal, como a passagem abaixo.

Narra Coreal que dizendo um dia a um santista já ter servido entre ingleses flibusteiros o homem imediatamente arrepiou. Perguntou-lhe mais de trinta vezes se Coreal não era herege. E apesar de todas as suas afirmativas em contrário não resistiu ao desejo de espargir com água benta o aposento em que estavam. (C.G.S., 199)

A proposta de Gilberto Freyre é apresentar o português como o homem cosmopolita, capaz de se relacionar com várias etnias e de formar o brasileiro, homem híbrido, indefinido, amálgama de várias origens. O ensaio nos mostra que o colonizador foi capaz de se misturar não apenas com o índio e o negro, mas com europeus das mais variadas procedências que aqui chegavam. Livres da suspeita de heresia, todos eram recebidos fraternalmente. Essa liberalidade com as demais etnias é resultado da própria composição cosmopolita e heterogênea do povo lusitano, “formando um todo social plástico”. O autor vai até o português histórico para demonstrar sua tese. Ao apresentá-lo como um indivíduo híbrido já nas suas origens, o ensaio procura, na verdade, saudar o português colocando-o como herói na história da colonização brasileira, porque seria o verdadeiro responsável pela maior riqueza da nossa nação — a diversidade cultural e uma “etnia” formada a partir da mistura.

Sabemos que tudo isso só aconteceu por causa da capacidade contemporizadora do lusitano. Contudo, esse caráter “plástico e macio” do português vem da herança africana

que suavizou a inflexibilidade européia. Gilberto Freyre marca enfaticamente essa diferença que existe entre a Península Ibérica, sobretudo em Portugal, e o resto da Europa — o quente e macio peninsular em oposição ao frio e rígido anglo-saxão. Quando afirma que Portugal foi uma região de fácil trânsito “para onde primeiro e com mais vigor transbordaram as ondas de exuberância africana” (C.G.S., 208), Freyre não estabelece um confronto entre o exotismo africano e a rigidez cristã portuguesa. Ao contrário, sugere uma fusão no sentido de transformar a cultura lusitana em algo mais suave e, agora sim, cordial.

“De modo que ao invadirem a Península, árabe, mouros, berberes, mulçumanos foram-se assenhoreando de região já amaciada pelo sangue e pela sua cultura; e talvez mais sua que da Europa” (C.G.S., 208).

A tentativa de exaltação do povo lusitano percorre toda a obra, mas, sem dúvida, será mais recorrente no capítulo III, que tratará especificamente do colonizador. Chega mesmo a ponto de confrontar a bondade cristã portuguesa com a frieza e crueldade dos judeus que habitavam em Portugal. A criação do Tribunal do Santo Ofício seria uma forma de “conter os ódios que se levantaram quentes, fervendo, contra a minoria israelita”.

Os judeus haviam se tornado antipáticos menos pela sua abominação religiosa do que pela falta completa de delicadeza de sentimentos, tratando-se de questões de dinheiro com os cristãos. Suas fortunas acumularam-se principalmente pela usura, proibida pela Igreja aos cristãos, ou pelo exercício, na administração pública, nas grandes casas fidalgas (...). (C.G.S., 208)

Dessa forma, o português, mais uma vez, é transformado em herói. Contudo, não se pode associá-lo diretamente ao modelo de herói cristão produzido pela literatura romântica do século XIX, que é valorizado pelo fato de ser branco, europeu e, sobretudo, cristão. O português de *Casa-grande & Senzala* é heroificado, porque possui a superioridade da cultura européia e a alma do continente africano, já é, portanto, híbrido, vindo de uma sociedade “móvel e flutuante”, que se desenvolvia através de intensa circulação horizontal

e vertical entre vários povos. Um povo “cujo passado étnico e social não acusa predomínio exclusivo ou absoluto de nenhum elemento, mas contemporizações e interpenetrações sucessivas.” (C.G.S., 217) Configura-se, portanto, uma tese baseada tipicamente na concepção dialógica.

Já contemplado em vários estudos, o português se afirmaria pela sua transição entre o Oriente e o Ocidente e, mais tarde, pela presença na América. No Brasil, será a partir dos estudos de Gilberto Freyre que teremos dados, referências e informações baseadas em profunda pesquisa para entender melhor a especificidade do português, pois o autor afirmará a nossa pluralidade a partir da verificação do “não-europeísmo” do colonizador lusitano. Através da comprovação do caráter híbrido do português, apresentará e justificará sua tese sobre a formação nacional brasileira a partir da miscigenação de raças e cultura e, portanto, a partir de dialogismos étnicos e culturais. A experiência portuguesa do bicontinentalismo começa em sua pré-história e é retomada com a colonização do Brasil. É a partir daí que se justifica a tese da democracia racial: a capacidade do português de existir a partir dos contrastes, do plural, das diferenças, e que mais tarde é transferida à sociedade brasileira, torna-o capaz de conviver com o outro em harmonia e de se adaptar a outros espaços. Assim, a própria relação senhor e escravo permite que o africano (escravo) assuma também o papel civilizador na sociedade patriarcal. Da mesma forma, elementos que em muitos países são motivos de lutas e separações, no Brasil acabam por se harmonizar.

Será a partir dos ensinamentos de seu maior mestre, Franz Boas, e da observação de uma cultura mestiça no Brasil que Gilberto Freyre perceberá a diferença entre os conceitos de raça e de cultura. A idéia de uma raça híbrida estaria associada a uma noção de não-raça, isto é, o cruzamento impossibilitaria a existência de uma raça. Essa inexistência ou “a-racialidade” (McNee, 2006) seria a base não só do português, mas, sobretudo, do tipo

brasileiro, porque “vira uma racialidade hiperbólica. A singularidade da nação se apóia precisamente no seu confronto com a raça” (McNee, 2006). Esse tipo novo é concretizado no espaço da escrita e da poeticidade, formando, dessa forma, uma verdade poética cheia de ambivalências e de interações de idéias, espaço de fascínio e de repulsa.

Quando Freyre inova a partir de seu pioneirismo nos estudos culturais e na micro-história, apresenta uma proposta de texto extremamente inclusiva, na medida em que dá voz a pequenos representantes da história e também a escritas não-hegemônicas, isto é, que não eram tratadas como “disciplinas”. O grande liame da questão, que deu espaço a críticas marxistas posteriores, é que as pequenas vozes que conversam em *Casa-grande & Senzala* acabam, muitas vezes, cantando a música lusitana, no sentido de abrandar as imagens truculentas produzidas no sistema colonial. Quando Freyre aponta para o caráter plástico do português (o europeu com alma africana) através da hibridez cultural, ele não só suaviza aquele que está no poder como o próprio colonialismo, construindo um Brasil “cronicamente viável”. Portanto, ao acenarmos, nos capítulos anteriores, para algumas características da tradição carnavalesca no ensaio freyreano, estamos tratando apenas dos espaços da construção discursiva e da cultura brasileira, jamais do espaço ideológico. O próprio autor entende que português foi o colonizador capaz de estabelecer “o sistema econômico que nos dividiu, como um deus poderoso, entre senhores e escravos.” (C.G.S., 379)

Ao criticar o conceito de raça, Gilberto Freyre acaba tomando também um pensamento a partir das bases econômicas, porque direciona a análise para o modo de produção colonial, no qual a “casa-grande” e a “senzala” dariam conta de explicar a singularidade brasileira. O autor afirma também que a dualidade cultural e de caráter dos portugueses, promovida pelo enlace com os povos árabes e africanos, foi fortalecida pelo sistema de escravidão, que estreitava as relações entre culturas e etnias diferentes. Após a

afirmação cristã em Portugal, os mouros tornaram-se escravos, favorecendo assim a influência dessa etnia (leia-se escravo) sobre o povo português (leia-se senhor). Diz o autor de *Casa-grande & Senzala*: “influência que predispõe como nenhuma outra para a colonização agrária, escravocrata e polígama — patriarcal, enfim — da América tropical” (C.G.S., 208).

Quando se afirma que o autor é romântico, é preciso entender que se trata do caráter idealizado e subjetivo do autor, não podemos associá-lo à ideologia romântica da época. Seu nacionalismo está muito mais em sintonia com a postura modernista, no sentido de querer refletir e responder o que é o Brasil, através da combinação de culturas.

Essa sintonia, porém, merece algumas ressalvas significativas: se pensarmos sobre a relação entre cultura e raça na obra de Gilberto Freyre, verificaremos sua diferença com muitos contemporâneos modernistas, embora todos tenham o mesmo objetivo. *Casa-grande & Senzala* dialoga, sobretudo, com os modernistas de 1920, no sentido de apresentar outra tese que difere da deles. Se a 1ª geração entendia a mestiçagem como mistura e cruzamento das três etnias e culturas para formar um quarto produto — o brasileiro — que não seria nenhum dos três, mas algo formado a partir deles, Gilberto Freyre apresenta outra perspectiva. Para ele o brasileiro seria tudo ao mesmo tempo, isto é, sua idéia de miscigenação seria o caráter plural do indivíduo, a capacidade de ser múltiplo, vários ao mesmo tempo. Não seria mais a mistura oswaldiana, formando um outro, mas a presença de todos ao mesmo tempo, uma formação tipicamente polifônica. Para comprovar tal tese, o autor decompõe o brasileiro contemporâneo até chegar a seus mínimos denominadores — o índio, o negro e o português — fazendo um grande inventário de cada manifestação brasileira e de suas origens. A tese é fortalecida ainda mais quando ele mostra a multiplicidade ao decompor a figura do português — o colonizador formado a

partir da união do ocidente com o oriente — e, logo em seguida, ao transpor essa imagem híbrida para o povo americano.

Nesse momento da pesquisa em que apresentamos a imagem do português construída em *Casa-grande & Senzala*, é bem-vinda a reflexão sobre o conceito de mestiçagem para Gilberto Freyre, porque se trata de uma idéia do povo brasileiro/povo mestiço, a partir da noção do povo lusitano, também povo mestiço. Esclarecendo melhor, a presença das várias culturas no processo civilizatório do Brasil se daria pela capacidade do colonizador de conviver com as demais culturas, dentro do espaço da casa-grande. Essa capacidade se explicaria na própria origem da cultura portuguesa — formada pela presença de várias outras, através do convívio entre senhor e escravo.

Há, portanto, nessa abordagem, uma transposição para os trópicos desse mecanismo de hibridização ocorrido na Península Ibérica, que só é possível, segundo Freyre, no sistema patriarcal de escravidão. Nesse sentido, Freyre prova que a família patriarcal é a base da formação não só da sociedade como da esfera pública. Através da convivência, na casa-grande, entre as três culturas, formar-se-ão os mecanismos de relação das instituições públicas e a cultura brasileira, fundamentadas, principalmente, na confusão entre o público e o privado. É evidente que Gilberto Freyre inaugura uma nova posição que daria conta dessa sensação de indefinição no momento de se definir o brasileiro.

distinguindo raça de cultura e por isto valorizando em pé de igualdade as contribuições do negro, do português e — em menor escala — do índio, nosso autor [Gilberto Freyre] ganha forças não só para superar o racismo que vinha ordenando significativamente a produção intelectual brasileira mas também para tentar construir uma outra versão da identidade nacional, em que a obsessão com o progresso e com a razão, com a integração do país na marcha da civilização, fosse até certo ponto substituída por uma interpretação que desse alguma atenção à híbrida e singular articulação de tradições que aqui se verificou. (Araújo, 2005:28)

A heterogeneidade do português-colonizador, bem como a sua integração com diversos grupos sociais, caracteriza a nossa colonização e a formação da sociedade brasileira. Nesse sentido, a obra construirá a imagem de um português rabelaisiano, cheio de contrastes, porque foi habituado a viver no espaço da cultura oficial e da popular ao mesmo tempo. Ricardo Benzaquen de Araújo (2005) já aponta para a forte relação do estudo de Mikhail Bakhtin em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* e de Gilberto Freyre em *Casa-grande & Senzala*, porque ambos preocupam-se com o universo de uma civilização baseada em contrastes entre a “cultura oficial, baseada na seriedade, na hierarquia e em aristocráticas separações, e uma popular, preocupada com a promoção da familiaridade, da liberdade e do humor.” (Araújo, 2005:66)

Embora acabe volatilizando o problema da divisão de classes entre pobres e ricos com sua idéia de miscigenação, Freyre inova quando retrata poeticamente a vida privada das pessoas comuns e quando destrói a hierarquização das raças e inventa um Brasil desejado na imaginação utópica.

### **6.3 – O NEGRO.**

Reiteramos que Gilberto Freyre aponta para o papel civilizador do escravo na formação da sociedade brasileira e na formação do próprio português, quando averigua sua relação com os mouros. Em *Casa-grande & Senzala*, o autor escreve dois capítulos — o capítulo IV e o capítulo V — para dar conta da influência africana na composição do brasileiro. Logo no primeiro parágrafo do quarto capítulo, o autor afirma sua principal tese, que sustentará e comprovará até as últimas páginas do livro: a de que todo brasileiro traria consigo a herança étnica e cultural africana.

Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo — há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil — a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro. (...) A influência direta, ou remota e vaga, do africano. (C.G.S., 283)

Sobretudo nesses dois capítulos, Gilberto Freyre justifica a cordialidade do brasileiro, através da influência *amaciante* do africano. Nesse sentido, o ensaio acaba apontando para uma dupla orientalização na formação da sociedade brasileira. Se num primeiro momento verificamos que o colonizador de *Casa-grande & Senzala* é caracterizado pela sua “não-europeização”, ou melhor, pelo seu ponto indefinido entre Europa e África, num segundo momento essa indefinição é ratificada na América através da presença do escravo negro no Brasil. Por isso, o brasileiro seria ainda mais maleável, plástico, flexível e alegre que o colonizador.

Fica evidente o encantamento do autor pelo africano, sobretudo pela escrava negra. Sua relação mística e lúdica com a cultura africana justifica o enfoque romântico e idealizador fortemente marcado através da poeticidade de sua narrativa. Sem dúvida, os trechos em que há mais a utilização de uma linguagem literária são os momentos em que ele trata da negra e sua relação com o colonizador. Se o ensaio mostra que a sensualidade, o colorido das roupas, o falar macio, a ardência na culinária, a alegria dos festejos sacros e profanos são heranças africanas, não haveria maneira melhor de narrar isso tudo senão através de uma linguagem que estivesse em sintonia com o seu objeto de estudo. É o momento ideal para Gilberto Freyre desatar seu estilo livre, doce e sedutor, sem deixar de ser científico; é o espaço ideal para a “poetização”.

Inevitavelmente, a imagem do negro-escravo no Brasil sempre esteve associada à idéia de opressão, sofrimento e maus-tratos. Até a publicação de *Casa-grande & Senzala*, essa imagem se justificava pela fundamentação da raça inferior, que não poderia servir para outra coisa senão para a servidão. Portanto, a miscigenação era vista como algo

negativo, responsável por grande parte das mazelas de nossa sociedade. O sangue europeu misturava-se com o sangue da mais baixa classe da esfera hierárquica, um sangue, portanto, sujo, inferior, submisso. Para muitos, esse fato impedia a emancipação da nação. Mas surge, então, Freyre com uma contrapartida cheia de poesia e positividade.

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera da vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação de homem. Do muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo. (C.G.S., 283)

A passagem acima exemplifica dois eixos importantes da obra: “Em tudo que é expressão sincera da vida, trazemos quase todos a marca da influência negra”. Observemos que ele aponta para algo inovador, que marcará o início das Ciências Sociais no Brasil, que é o olhar para a vida privada, para a intimidade, para o não-oficial, e que, portanto, retrataria a essência de um povo. O autor separa dois capítulos para tratar do papel da cultura negra na formação da nossa sociedade, diferenciando do restante da obra, na qual há um capítulo para cada representante social (o índio e o português). Portanto, parte-se de baixo para cima na sua interpretação cultural do Brasil. Isso é, nossa base cultural está no baixo (escravo) que conviveu com o senhor no espaço mais alto, a casa-grande. É o informal, o servo, o popular que penetra nos palácios, na casa-grande, transformando a cultura oficial. Todavia, essa “penetração” no espaço do senhor é dada através de uma autorização de cima para baixo. Não é o colonizador português que desce até as esferas mais baixas, mas o negro que transita nas esferas mais altas com a devida autorização complacente do senhor. Isso tudo acontece no seio da família patriarcal.

*Casa-grande & Senzala* mostra que a família colonial é a célula formadora das bases das estruturais da sociedade e da política brasileiras; uma família que absorve o seu servo para dentro do seio familiar. Segundo Gilberto Freyre, é através do sistema patriarcal, dessa mistura entre o estado e a família, a cidade e a casa, o público e o privado, que o escravo encontrará espaço para se relacionar com o seu senhor familiarmente. Esse olhar omisso do autor é na verdade uma visão utópica, porque nos passa a imagem de uma escravidão acolhida suavemente pela miscigenação e pela plasticidade do português; uma idéia de escravidão que Ricardo Benzaquen de Araújo chama de “escravidão não-despótica” (Araújo, 2005:45), ou seja, a idéia de que no sistema escravocrata existe uma aproximação do senhor e do escravo, permitindo uma troca cultural enriquecedora.

Ressalta-se, entretanto, que o autor pensa no escravo a partir da sua introdução ao espaço senhorial — a casa-grande. Trata-se, portanto, do negro doméstico e sua relação com o senhor nesta casa-grande.

Para ele [Freyre], o que importa é o estabelecimento de uma ampla troca de experiências, na qual, aliás, a participação da senzala é tão ou mais ativa quanto a da casa-grande, não só espalhando-se pela comida, pela língua, pelo folclore, pela higiene, pelo sexo e por inúmeras outras práticas e instituições, como também dando origem a uma experiência social marcadamente aberta, capaz de aproximar antagônicas influências culturais se, contudo, procurar fundi-las em uma síntese mais totalizante. (Araújo, 2005:53)

Seria essa relação patriarcal, na qual a família se estenderia através da inclusão do escravo no seio familiar (senhores, senhoras, escravas, nnonhõ e o moleque) que daria a idéia de uma sociedade híbrida, cheia de antagonismos. Esse conceito de *híbrido* em Gilberto Freyre é definidor, porque orienta toda a obra metodológica, estrutural e ideologicamente, como já vimos nos capítulos anteriores. A casa-grande freyreana é na verdade uma metonímia da família patriarcal, seio constitutivo da sociedade brasileira. A obra procura apontar que a própria relação entre o senhor e o escravo é ambígua, norteadas pelo antagonismo da violência, da opressão e da intimidade, da confraternização. É um

olhar nostálgico e positivo das relações entre o público e o privado, justamente num momento, os anos 1930, em que o Estado Novo procurava delimitar essas esferas, enfraquecendo as forças oligárquicas. O patriarcalismo exaltado por Gilberto Freyre como o fator que propiciou a miscigenação e a singularidade do povo brasileiro, será visto, três anos mais tarde, como o grande problema do país por Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, mas já fora visto, anos antes por Oliveira Viana, em *Evolução do povo brasileiro* (1923), como um fator que impediria nossa emancipação.

Para a comprovação de sua tese, o autor de *Casa-grande & Senzala* segue, num primeiro momento, numa perspectiva mais própria da narrativa, quando ele está mais comprometido com questões da historiografia. A obra mostra a superioridade cultural de alguns grupos de negros vindos para a América portuguesa, colocando-os na frente dos índios, e, em alguns momentos, na frente do português. Relata, por exemplo, a habilidade de muitos negros com os números, que muitas vezes ajudavam os senhores nas contas da casa-grande. Depois, a obra segue para um momento mais ensaístico, em que as Ciências Sociais contribuem para a elucidação do tema. Nesse momento, o autor procura demonstrar a fragilidade das teorias que pregavam a superioridade ou inferioridade de raças. Essas teorias são negadas em *Casa-grande & Senzala* através de estudos de biólogos e antropólogos renomados da época que, por sua vez, mostravam a impossibilidade de ser provar cientificamente que uma raça poderia ser superior a outra. Dessa argumentação, o ensaio conclui que as diferenças entre grupos humanos se explicariam mais do ponto de vista da história cultural e do ambiente do que pelo caráter hereditário. Apresentada e demonstrada essa hipótese, Gilberto Freyre vai, então, explicar o brasileiro também por esse viés da História Cultural — por exemplo, como é o negro que surge para “amolecer” e colorir o ambiente. O ensaio começará a deixar o estilo científico apresentado no início do capítulo IV em direção a um texto mais macio e colorido também, no qual discurso

científico, ensaio e narrativa caminharão juntos, fundindo-se e alternando-se harmoniosamente.

O negro será um elemento que ratificará a idéia de pluralidade cultural e étnica do brasileiro não só porque ele se miscigenará com o branco e com o índio, mas também porque não poderá ser avaliado como um elemento único. Especialmente através dos estudos realizados pelo pesquisador Nina Rodrigues, Gilberto Freyre nos relata que a contribuição africana também é plural, na medida em que o Brasil não recebeu escravos provindos de uma única região da África, mas de várias, cada uma com sua língua, cultura, religião e características físicas.

Através do diálogo entre História, Ciências Sociais e Literatura, o autor mostra sempre o negro como o tipo extrovertido, adaptável ao clima tropical, o homem fácil, plástico e alegre. Traz como exemplo o caso da Bahia, onde há forte influência africana: “Na Bahia tem-se a impressão de que todo dia é dia de festa. Festa de igreja brasileira com folha de canela, bolo, foguete, namoro.” (C.G.S., 289) Desse modo, o escravo-negro é o elemento que servirá de ponte entre o sagrado, o oficial, o sério e o profano, o oficioso, o informal. Ele não fará a união cultural, mas promoverá uma ação coordenativa, no sentido de estabelecer um diálogo constante entre todas as formas de representação, propiciando a formação não de uma unidade nacional, mas de um país plural ou híbrido.

Sua obra é densa, contraditória e complexa, sim. Como disse João Ribeiro, “é um livro de nunca acabar”, mas graças a isso temos um inventário sobre a cultura e a sabedoria populares como nunca havia sido feito até então. Da boca dos simples, dos provérbios, das cantigas, das lendas, Gilberto Freyre buscou novas aferições para interpretar o Brasil e influenciou poderosamente o destino do Pensamento Social Brasileiro. Para nós, o que há de mais inovador nele é a capacidade de estar profundamente ligado às fontes populares, marca que determinará o conjunto das imagens construídas em sua obra. É justamente o

caráter popular do ensaio que explica a não-aceitação da obra por muitos da época. O rompimento com o “oficial” no uso de palavras “inadequadas”, na descrição e na análise de fatos da intimidade dá-lhe o título de “pornógrafo de Recife”, com direito, inclusive, a livros queimados em praça pública. As obras de interpretação do Brasil que havia até aquele momento excluía grande parte da cultura da “praça pública” e toda a riqueza de suas manifestações, haja vista que não era um objeto digno de estudo.

Será justamente nos dois últimos capítulos de *Casa-grande & Senzala* que o autor dará sua grande contribuição no sentido de revelar a diversidade, as formas e as manifestações que constituem a nossa cultura popular (festas, ritos, cultos, vocabulários). Para essa tarefa, o autor apresenta a cultura do dominado (escravo) fazendo-se presente no espaço da casa-grande, de forma que a colônia parecia ter construído

ao lado do mundo oficial, um segundo mundo e uma segunda vida aos quais os homens (...) [da colônia] pertenciam em maior ou menor proporção, e nos quais eles viviam em ocasiões determinadas. Isso criava uma espécie de dualidade de mundo. (Bakhtin, 1999:5).

O concubinato, por exemplo, um dos meios pelos quais a família brasileira se constituiu, é relatado por Gilberto Freyre como uma medida que desafiou e, de certa forma, “amoleceu” os padrões do Estado e da Igreja no Brasil do século XVIII. Diz Freyre, em seu ensaio que

Os homens “não gostavam de casar para toda a vida”, mas de unir-se ou de amasiar-se; as leis portuguesas e brasileiras, facilitando o perfilhamento dos filhos ilegítimos, só faziam favorecer essa tendência para o concubinato e para as ligações efêmeras. (C.G.S., 307)

Esses casamentos irregulares eram feitos, freqüentemente, entre colonos e negras, que exerciam o papel de dona-de-casa, e teve um papel fundamental, na medida em que a cultura negra entra na rotina da família. Essas uniões descaracterizadas dos preceitos cristãos serão, sem dúvida, o principal formador da sociedade híbrida no Brasil.

No que diz respeito à religiosidade do brasileiro, podemos dizer que o sincretismo no Brasil se justifica pela facilidade de convívio que tiveram as diversas manifestações.

A frequência da feitiçaria e da magia sexual entre nós é outro traço que passa por ser de origem exclusivamente africana. Entretanto o primeiro volume de documentos relativos às atividades do Santo Ofício no Brasil registra vários casos de bruxas portuguesas. Suas práticas podem ter recebido influência africana: em essência, porém, foram expressões do satanismo europeu que ainda hoje se encontra entre nós, misturado à feitiçaria africana ou indígena. (C.G.S., 323)

Mas o grosso das crenças e práticas da magia sexual que se desenvolveram no Brasil foram coloridas pelo intenso misticismo do negro; algumas trazidas por ele da África, outras africanas apenas na técnica, servindo-se de bichos e ervas indígenas. Nenhuma mais característica que a feitiçaria do sapo para apressar a realização de casamentos demorados. O sapo tornou-se também, na magia sexual afro-brasileira, o protetor da mulher infiel que, para enganar o marido, basta tomar uma agulha enfiada em retrós verde, fazer com ela uma cruz no rosto do indivíduo adormecido e coser depois os olhos do sapo.(...) (C.G.S., 325)

A duplicidade de mundos — “a corte” e “a praça pública” — estão muito bem definidas na religiosidade do colono em tempo de forte Inquisição, pois ele participava igualmente de duas culturas: a oficial (séria) e a popular (carnavalesca). Entretanto, apesar da coexistência, elas possuíam barreiras sociais, não se misturavam sem o consentimento do dominador. Além do mais, a cultura do dominado só pôde se fortalecer e receber o seu devido valor quando penetrou na cultura oficial, no sentido de formar um objeto híbrido. O que desejamos mostrar é que a cultura popular, reconhecida e valorizada até os dias de hoje, é aquela que tem como sustentáculo a cultura européia. Nesse sentido, não podemos deixar de fazer, mais uma vez, uma rápida, mas relevante, aproximação entre *Casa-grande & Senzala* e *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, de Mikhail Bakhtin (1999:83-84). O teórico russo observou que já na Idade Média as formas de cultura cômica restringiam-se à alegria utópica das festas populares, dos banquetes, das recreações ou da língua falada:

(...) eram incapazes de crescer e desenvolver-se. Para chegar a isso, tinham que penetrar obrigatoriamente na grande literatura. (...) Formas inferiores começam cada vez mais a infiltrar-se nos domínios superiores da literatura. O riso popular penetra na epopéia, aumentam as suas proporções nos mistérios. Gêneros como as moralidades, *soties*, farsas começam a desenvolver-se.

Numa perspectiva muito similar, Gilberto Freyre procura mostrar que no espaço a casa-grande a informalidade encontrou sua expressão suprema, devido à inserção do negro no seio da família colonial. É um ponto de vista muito importante para termos em mente, pois demonstra mais claramente o porquê de o autor não mostrar o escravo de trabalho agrário, o escravo da senzala e sua rotina desumana. Nesse espaço, não há “confraternização”, mas opressão e fronteiras hierárquicas bem definidas. Portanto, a nossa composição híbrida é construída através da maleabilidade (leia-se permissão) temporária do colonizador com o dominado no espaço da casa-grande, porque jamais houve a inserção do português no espaço da senzala.

O autor de *Casa-grande & Senzala* faz um grande levantamento da influência da cultura do negro-escravo na formação da família patriarcal da colônia. É importante, por exemplo, notar como o ensaio apresenta o “amaciamento” da língua portuguesa pela boca do escravo e as alterações do imaginário popular. Por sua vez, o próprio ensaio aproxima objeto e obra através da sinestesia muito bem empregada, construindo também uma composição híbrida, um ensaio que absorve diversas manifestações, como na passagem a seguir:

A linguagem infantil também aqui se amoleceu ao contato da criança com a ama negra. Algumas palavras ainda hoje duras ou acres quando pronunciadas pelos portugueses, se amaciaram no Brasil por influência da boca africana. (C.G.S., 331)

Com uma escrita também mole e dengosa, Freyre coloca a boca da negra como aquela que fala e que mastiga o alimento para o menino branco. Através dessa imagem, linguagem e comida se confundem, ambas mastigadas e amolecidas pela escrava negra. E,

assim, a fala séria e solene sofreu no Brasil, segundo Freyre, “amolecimento de resultados às vezes deliciosos para o ouvido” a partir do contato do senhor com o escravo. Na passagem a seguir, o autor se utiliza de um recurso literário — a sinestesia — e assim extrai uma imagem poética da formação do falar brasileiro.

A ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles. Daí esse português de menino que no norte do Brasil, principalmente, é uma das falas mais doces deste mundo. Sem rr nem ss; as sílabas finais moles; palavras que só faltam desmanchar-se na boca da gente. (C.G.S., 332)

Ponto importante sobre a língua falada no Brasil é o fato de que nossas escolhas lingüísticas revelam uma imagem subserviente do brasileiro. O autor observa que colocação pronominal, por exemplo, varia conforme a necessidade de mando ou de cerimônia: do senhor português, mais “duro e imperativo” (*faça-me, diga-me, espere-me*) e a forma mais dengosa, “bom, doce, de pedido” do escravo, da mulher, da criança e da mucama (*me dê, me diga, me faça, me espere*). É claro que o modo brasileiro de colocar os pronomes pode ser atribuído em grande parte aos escravos, foi essa a “maneira filial, e meio dengosa” que constituiu a base e o sentimento do nosso falar.

Também as canções de berço portuguesas, modificou-as a boca da ama negra, alterando nelas palavras; adaptando-as às condições regionais; ligando-as às crenças dos índios e às suas. Assim a velha canção “escuta, escuta, menino” aqui amoleceu-se em “durma, durma, meu filhinho”, passando Belém de “fonte” portuguesa, a “riacho” brasileiro. Riacho de engenho. Riacho com mãe-d’água dentro, em vez de moura-encantada. (...)

Deixou-se de ninar o menino cantando como em Portugal: “Vai-te, Côca, vai-te, Côca,/ Para cima do telhado:/ Deixa dormir o menino/ Um soninho descansado.” Para se cantar de preferência: “Olha o negro velho/ em cima do telhado./ Ele está dizendo/ quer o menino assado.” (C.G.S., 327)

Durante a riquíssima apresentação de informações, o autor relata que as negras foram entre nós as grandes contadoras de histórias, característica marcante dos africanos. E

refere-se ao *akpalô*, fazedor de *alô* ou conto, e ainda ao *arokin*, que na África é o narrador das crônicas do passado. Para entender a forte marca do popular, Freyre nos atenta para a presença marcante da oralidade, relatando-nos que o *akpalô* foi uma instituição que floresceu também no Brasil, por meio das negras velhas que andavam de engenho a engenho contando histórias às outras negras, amas dos meninos brancos, que por sua vez inseriam as histórias na casa-grande.

Não seria exagero apontar Gilberto Freyre como um verdadeiro *arokin* e/ou *akpalô*. Dessa forma, o próprio texto se transforma numa composição híbrida, porque absorve diversos tipos de representação. Por exemplo, para contar como surgiu a canção do negro velho surrão (“o homem do saco”), Gilberto retoma tempos remotos, buscando a lenda que originou a canção e o medo dessa figura no imaginário infantil. Assim, o autor se torna para nós, leitores, o próprio contador de história, o narrador das crônicas do passado.

## 7 – CONCLUSÃO.

*Em compensação, através das receitas — algumas delas, segredos de família —, é uma arte que resiste a seu modo, a seu tempo, repetindo-se ou recriando-se, com a constância das suas excelências e até das suas sutilezas de sabor; afirmando-se, por essa repetição ou por essa recriação. Numa velha receita de doce ou de bolo há uma vida, uma constância, uma capacidade de vir vencendo o tempo sem vir transigindo com as modas (...)*  
(Gilberto Freyre, Açúcar)

Fazer uma conclusão sobre a leitura de *Casa-grande & Senzala* é algo extremamente contraditório, na medida em que a própria obra não conclui, isto é, não constrói um sistema fechado. A obra é uma tese, com suas hipóteses e comprovações, mas comprovações extremamente vivas e abertas e, por isso, não comunga com os discursos acadêmicos tradicionais. Ela permite múltiplas interpretações e um debate infinito, pois, sendo sua grande questão *o que é ser brasileiro*, trata de algo que está sempre em construção, uma vez que, enquanto o brasileiro existir, estaremos sempre refletindo e ao mesmo tempo construindo a nossa brasilidade.

Dessa forma, pesquisar o que nos faz brasileiros não se trata de pensar em algo que foi, mas de alguma coisa que é e sempre será. Essa perspectiva envolve a questão do tempo e da história em processo, em que o passado, o presente e o futuro não devem existir de forma isolada. O conceito de tempo trípico, formulado por Gilberto Freyre, e que nesta pesquisa, como pequena provocação, aproximamos ao conceito de “grande tempo” de Bakhtin, é um dos pontos principais para se entender a tese contida em *Casa-grande & Senzala*. Entender o que é ser brasileiro na visão de Gilberto Freyre é analisar a partir de uma concepção de história, cultural e de tempo contínuos, isto é, passado, presente e futuro estão conjugados para sempre. O nosso presente é a continuidade de um processo histórico, portanto, um tempo em formação, vivo, que se renova num processo cíclico, o grande tempo bakhtiniano, no qual a história é eterna e infinita.

*Casa-grande & Senzala* deixa muito claro que a história do Brasil não tem fim e deve ser vista a partir de várias vertentes. Gilberto Freyre, para explicar o brasileiro, vai até o português histórico para entender o nosso colonizador nas raízes. Da mesma forma, procurou entender quem eram os habitantes que já aqui viviam (os índios) e, por fim, quem foram as pessoas que formavam a força motriz da nossa cultura e da nossa economia (os escravos africanos). Para se tentar construir uma imagem do brasileiro, o autor segue um método indutivo de raciocínio, ou seja, a reflexão parte de um dado particular para o geral. No caso, através da indução, partimos de observações isoladas sobre o índio, o negro e o português, seus hábitos, suas origens e suas culturas para, então, examinarmos e chegarmos a um dado geral — a sociedade brasileira. Portanto, o autor pressupõe que a cultura brasileira é algo vivo, fruto de um constante diálogo com culturas que se cruzam. Nesse sentido, Gilberto Freyre demonstra como culturas anteriores a nossa foram reinterpretadas e absorvidas pela sociedade atual e como aspectos do passado possuem vida na cultura brasileira. O tempo tríplice freyreano tem a mesma visão do grande tempo bakhtiniano, ambos entendem que existe um diálogo entre culturas distintas no tempo e no espaço, capaz de deixá-las vivas além do seu tempo, herdadas, relidas e reformuladas por culturas posteriores. A proposta fundamental de *Casa-Grande & Senzala* está ligada diretamente à idéia do grande tempo. Trata-se de avaliar a capacidade que a cultura portuguesa, a indígena e a africana tiveram de se manter vivas na cultura brasileira, ganhando novos sentidos, através de um grande diálogo entre si no grande tempo.

Essa leitura é muito clara na medida em que Gilberto Freyre em nenhum momento faz análise de fatos isolados, ao contrário, os fatos para ele estão sempre relacionados. E talvez seja essa uma questão importante para tentar compreender a sua visão em relação ao sistema escravocrata. Só é possível compreender sua posição se levarmos em conta que seu

olhar sobre o escravo está sempre relacionado com outros grupos da civilização. Em artigo para o *Diário de Notícias*<sup>34</sup>, o autor afirma

Quando se diz, por exemplo, que o escravo, de modo geral, foi bem tratado no Brasil, não se faz uma afirmativa absoluta mas relacionada com outros fatos. Relacionada com a vida vivida por outros grupos da sociedade brasileira, livres porém abandonados à sua sorte pelo então vago paternalismo do governo. Relacionada com a vida vivida por outros grupos de escravos em outras sociedades escravocratas da América. Relacionada com a vida vivida por outros grupos escravocratas em outras sociedades escravocratas ou quase-escravocratas da Ásia, da África, da própria Europa. Relacionada com a vida vivida por outros grupos de operários, aparentemente livres, da Europa, nos primeiros decênios que se seguiram à Revolução Industrial: período em que o sistema escravocrata esteve entre nós em pleno vigor. Relacionada com a vida vivida pelos próprios senhores brasileiros da época: pela maioria e não apenas pelos mais opulentos ou fartos.

Sem dúvida, o artigo foi uma resposta às críticas que o acusavam de fazer apologia ao sistema escravocrata e um esclarecimento de que não se trata de ser a favor ou não da escravidão no Brasil, mas de fazer uma análise a partir de um contexto histórico e geográfico. Assim, a primeira conclusão a que chegamos é que a leitura de *Casa-grande & Senzala* deve ser feita a partir das concepções de tempo tríplice e de fatos relacionados, isto é, não podemos fazer análise dos fatos isolados no seu tempo e no seu espaço. Tal postura de observação mostra-se como uma questão capital, quando se deseja fazer uma leitura crítica da obra.

Gilberto Freyre coloca os dois lados da moeda do sistema escravocrata, sem deixar, porém, de eleger um lado como ponto de vista – o lado da aristocracia. A obra faz um movimento pendular — para mostrar que a nossa miscigenação é marcada por antagonismos — mas não é uniforme. Valoriza-se muito o sistema e o colonizador, e em alguns momentos mostram-se as suas mazelas e fatos hediondos cometidos com os nativos e com os escravos. Como se fosse uma estratégia metodológica de persuasão, o autor vai de um ponto ao outro, mostrando as contradições e os antagonismos da história, mas sem

---

<sup>34</sup> “Fatos isolados e fatos relacionados”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 23/04/1950. (Disponível na Biblioteca virtual Gilberto Freyre – <http://bvgf.org.br>)

deixar de colocar mais peso no lado benéfico da colonização portuguesa. Percebe-se que é um ponto da obra em que o autor se coloca “em xeque”, na medida em que acentua a nossa cultura formada a partir da relação do mais alto (o senhor) com o mais baixo (o escravo), numa perspectiva muito festiva e utópica. Talvez devamos considerar que o autor tenha “errado na mão”, ao desenvolver, a partir dessa relação, sua tese de sociedade híbrida, pois, quando apresenta essa tese, acaba amenizando as relações de poder e a hierarquia entre o senhor e o escravo, gerando, assim, toda a polêmica em torno da idéia de democracia racial.

Por outro lado, se o olhar predominante na obra é o do português-colonizador, não podemos deixar de notar que, curiosamente, *Casa-grande & Senzala* termina com o olhar do dominado — a voz do escravo — mostrando que o dia-a-dia do negro não foi só de alegria, que muitos escravos se suicidaram comendo terra, enforcando-se ou se envenenando, por causa dos maus tratos ou do “banzo”, saudades da África. Aponta para as doenças de brancos que os negros domésticos adquiriram e as que se apoderaram deles devido à má higiene no transporte da África para América.

As contradições são infinitas na própria história relatada e na forma de se relatar. Sua conclusão se dá repentinamente e não representa o apanhado da obra, isto é, não resume o viés que ele vai eleger como ponto fundamental: o lado que diz que o Brasil só foi possível devido à capacidade de contemporização e a maleabilidade do colonizador português.

Analisando a estrutura da obra, podemos notar também que o último parágrafo termina subitamente, não seguindo o estilo tradicional de um parágrafo conclusivo. O autor termina com uma citação de outro estudioso, dando-nos a sensação de que o texto teria prosseguimento. A sensação de algo inacabado é justificada porque, em primeiro lugar, *Casa-grande & Senzala* é a primeira parte de uma trilogia, que segue com *Sobrados e*

*Mocambos e Ordem e Progresso*; em segundo lugar, porque o autor entende que a história não tem fim, ou seja, uma obra não deve ser conclusiva, já que os fatos possuem continuidade, renovam-se. É como se a história da colonização do Brasil não tivesse terminado, mas se renovado, estivesse em processo, readaptando-se e transformando-se à luz dos novos costumes e da nova mentalidade da sociedade.

A escolha dessa conclusão é realizada muito mais pelo escritor do que pelo cientista, para poder seduzir o leitor. Assim, elimina-se qualquer possibilidade de rejeição da obra por causa de uma ideologia ou olhar único. Nas várias, porém pequenas pinceladas em que ele mostra o grito da senzala e, sobretudo, também na finalização do livro, o autor procura anteparar-se para uma crítica que o acusaria de unilateralismo. Portanto, se o ensaio é a imagem da intimidade da casa-grande, contraditória e inesperadamente, o último *flash* é o da senzala.

Consideramos importante a observação fazemos agora para ratificar um ponto que analisamos nesta tese e que assinalamos como a nossa segunda conclusão: as estratégias discursivas da obra são elementos fundamentais na construção do sentido. O estilo literário, a linguagem escolhida, a estrutura da obra e o uso da língua devem ser levados em consideração para o bom entendimento da obra freyreana. Não estamos diante apenas de um escritor “que fala bonito”, mas diante de uma obra cujo sentido é produzido pela soma das pesquisas e dos dados colhidos pelo autor, mais as imagens construídas pela linguagem — o plano literário. Ler *Casa-grande & Senzala* é perceber que estamos concomitantemente diante de conteúdos científicos e de estruturas literárias. Nesse sentido, é muito importante que o leitor saiba diferenciá-los, identificando o que é realidade e o que é ficção para a construção do Pensamento Social Brasileiro.

Entender a obra como um texto inacabado, híbrido e contraditório não significa falta de caráter analítico; ao contrário, a ausência de uma conclusão fechada amplia a

tensão argumentativa, tornando possíveis revisões e releituras contínuas, haja vista a imensa variedade de análises da obra. Ricardo Benzaquen de Araújo, por exemplo, diz que o emprego da oralidade em *Casa-Grande & Senzala* facilita o caráter inacabado da obra. Portanto, mais uma vez, constatamos que a metodologia discursiva é tão importante quanto os dados e conceitos presentes no texto. A oralidade, o falar popular, é o instrumento que melhor ilustra as raízes da nossa tradição popular — linguagem e objeto de estudo estão sempre em sintonia na obra. Esse estilo permite que o autor transfira para o interior da obra a ambigüidade, o excesso e a instabilidade próprios das relações sociais da casa-grande. O tom de conversa, de bate-papo que a obra propicia termina por subverter o pensamento científico estilizado e, ainda, permite com que haja um raciocínio paradoxal, uma espécie de reflexão dicotômica, na qual a cada avaliação positiva possa se suceder uma crítica ou vice-versa. Logo, se a oralidade é um ponto negativo dentro da ciência tradicional da época, nas análises freyreanas será um elemento impulsionador da cadeia reflexiva. A sua argumentação será enriquecedora justamente porque estabelece contradições entre princípios coerentes, que, em vez de se anularem, caminham de forma justaposta.

Portanto, é possível concluir que o discurso de *Casa-grande & Senzala* está sempre em sintonia com seu objeto, como foi demonstrado na tese, sobretudo no capítulo 3. Ao demonstrar que a sociedade brasileira se formou a partir do cruzamento, das trocas, de uma miscigenação cheia de contradições, Gilberto Freyre constrói um texto híbrido, formado também a partir da pluralidade, da miscigenação de várias formas de representação da cultura brasileira e, também, a partir do equilíbrio de antagonismo, como se o texto, o próprio discurso, fosse um monumento que representasse o caráter e a cultura brasileira, isto é, como se o verbo se transformasse no objeto. Os antagonismos que se equilibram são a principal marca da cultura brasileira e do próprio ensaio freyreano. O vai-e-vem, o ziguezague discursivo e o caráter inacabado também acentuam isso na obra. Assim, não se

trata de um processo dialético, em que a reflexão é marcada por progressivas idéias que se opõem e se negam, mas sim de uma análise dicotômica, na qual os conceitos se dividem em partes contrárias que se complementam.

Por último, é importante concluir, ou talvez esclarecer, que a tensão intelectual entre o Gilberto Freyre e a escola paulista (num primeiro momento, os modernistas dos anos 1920 e, depois, o grupo da USP dos anos 1950 e 1960) ocasionou algumas leituras equivocadas de *Casa-grande & Senzala*. Explicando melhor, ficamos com a sensação de que ou devemos abraçar a corrente marxista dos paulistas ou a corrente mais liberal do grupo pernambucano, representado por Gilberto Freyre e José Lins do Rego. Tal obscurantismo chegou ao limite de extinguir os estudos freyreanos nos cursos de Ciências Sociais durante os anos 1970 e 1980, já que o período da ditadura militar obrigava-nos a fazer escolhas políticas e ideológicas. Infelizmente, algumas escolhas (inevitáveis e necessárias!) conduziram-nos à desaceleração e ao empobrecimento do pensamento intelectual brasileiro. A análise dessa questão, no capítulo 2, não desejou estabelecer as diferenças conceituais entre ambos os grupos, o objetivo foi mostrar que não se trata de escolher uma corrente, negando cegamente a outra, nem muito menos desejar um equilíbrio harmonioso das duas. O importante é que os estudiosos aproveitem essa tensão intelectual positiva e, infelizmente, tão rara em nosso país para promover conhecimento. Em vez de evitar um possível “mal-estar” acadêmico, são necessários a reflexão e o embate contínuo para a evolução do Pensamento Social Brasileiro. Por isso, são corretas as palavras de João Cezar de Castro Rocha (2004:249) sobre tensão no sistema intelectual brasileiro, quando reflete sobre a cisão entre paulistas e Gilberto Freyre:

Ler com olhos menos comprometidos a tradição do pensamento social brasileiro talvez estimule a escrita de relatos que, em lugar de trincheiras, estabeleça pontes para compreensão mais fecunda, quer dizer, mais complexa, especialmente de pensadores cuja orientação não coincida com a nossa.

Nesse sentido, devemos reconhecer que Gilberto Freyre, sobretudo em *Casa-grande & Senzala*, teve um papel fundamental, senão revolucionário e inovador, nas Ciências Sociais e na Historiografia do Brasil. A preocupação com o singular, com a micro-história, com a experiência individual e com a sociologia na vida cotidiana passou a ter, no Brasil, valor fundamental na investigação de uma sociedade e de sua cultura. Essa metodologia inovadora já dava seus primeiros indícios não só no Brasil, através de Freyre, mas também nos EUA, com a *New History*, na U.R.S.S., nos estudos de Mikhail Bakhtin, e na França, através da Escola da Annales. Portanto, o sociólogo brasileiro passa a ser uma espécie de ponte intelectual entre os trópicos e o mundo. Reconhecendo a importância de sua obra nos estudos sobre o Brasil e a América Latina, Gilberto Freyre foi convidado a fazer parte de várias comissões de revistas e de centros de estudos dos mais renomados do mundo. Em 1942, reiteramos, o autor foi convidado por Georges Gurvitch para ser membro do comitê do *Journal of legal and political sociology* e, também em 1945, Fernand Braudel o convida para ser membro, representando o Brasil, da *Revista da Annales (Annales d'histoire économique et sociale)*.<sup>35</sup>

Na 2ª edição de *Casa-grande & Senzala*, já podemos verificar a necessidade do autor em dialogar e acentuar suas posições e diferenças com demais críticos e estudiosos. Examinando também os sucessivos prefácios de Freyre a *Casa-grande & Senzala*, vemos ratificada sua posição positiva no que diz respeito às divergências para a evolução do pensamento intelectual. Nos prefácios, que vão desde a 1ª edição (1933) até a 20ª edição (1980), encontramos reavaliações de considerações passadas do próprio autor, e, ao mesmo tempo, uma relação de diálogo com o leitor e com a crítica presente. Nem sempre nomeando, mas recorrendo muitas vezes ao “dizem que eu...”, “dizem que minha obra...”, Gilberto Freyre procura dialogar com as reflexões que se opunham aos deles. Também nas

---

<sup>35</sup> As cartas encontram-se nos arquivos do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre

notas de rodapé, constantemente ampliadas e alteradas, o autor aproveita para corroborar ou negar comentários sobre a obra de algum crítico da época. Com isso, deduz-se que era intenção do ensaísta manter atualizadas a reflexão e a avaliação sobre a sua obra. Estamos, portanto, diante de um pensador que valoriza o debate e o confronto de idéias. Como um verdadeiro produtor de conhecimento, não tem medo das críticas, nem do mal-estar, não se fecha arrogantemente em seu gabinete com livros “comparsas”. Ao contrário, possui uma visão de quem prima pelo crescimento intelectual, ultrapassando o círculo de pessoas que comungam com seu pensamento, para dialogar com as mais diversas expressões.

Inserindo Gilberto Freyre no contexto modernista daquela época, podemos dizer que, embora tenha traçado uma caminhada diferente do percurso dos intelectuais paulistas, ambos tinham a preocupação de pensar o país a partir de suas características específicas, próprias, peculiares, sugerindo que a definição do brasileiro é resultado da composição das produções culturais e sociais dos diversos grupos existentes no país.

Em contrapartida, é importante percebermos que há duas propostas de brasileiro. Se Mário de Andrade, por exemplo, pensa em uma unidade formada a partir da mistura (uma espécie de café-com-leite), Gilberto Freyre pensa em um Brasil plural, formado a partir de somas de antagonismos, em que um complementa o outro. Numa alegoria, a idéia freyreana de antagonismos em equilíbrio pode ser traduzida na figura do mestiço como um arco-íris, em que não há a mistura de cores, mas várias justapostas. Para comprovação dessa tese, o sociólogo vai às origens de cada grupo (o índio, o negro e o português) e mostra como as suas características sobrevivem, lado a lado, em nós, em nossa sociedade e em nossa cultura. Para quase todas as manifestações culturais do brasileiro, Gilberto Freyre traz uma justificativa a partir de nossos antepassados.

A pluralidade brasileira aventada em *Casa-grande & Senzala* é colocada a partir de um sentido estético somado às acepções científicas. Quando tratamos de sentido estético,

nos referimos às conceituações feitas através das imagens construídas, do jogo de palavra e da poeticidade do texto. Nessa perspectiva, é curioso notar que o que ficou mais solidificado da leitura dessa obra em nossa sociedade foi o sentido estético da obra, ou melhor, o sentido produzido pela criação verbal, aquilo que transcende o fato acontecido, e que se coloca no plano da verossimilhança. É nesse espaço do poético, das metáforas, das sinestésias que sairá a idéia do brasileiro “doce” e alegre, com o falar “mole”, da mulher “gostosa” e, por fim, da democracia racial. Portanto, trata-se de uma noção de brasilidade constituída a partir da imaginação literária e que está enraizada, como ideologia, até os dias de hoje no Brasil.

A escolha pelas construções “literárias” na definição da identidade nacional não é algo que deva nos surpreender, já que nos acompanha desde os românticos. Se pensarmos na construção da identidade nacional no século XIX, não conseguiremos dissociá-la da Literatura. Talvez essa tendência se justifique quando constatamos que não é possível analisar nosso processo de colonização sem olhar a colônia como o espaço das paixões, para a exploração das riquezas, para a orgia sexual, enfim, para o proveito e o gozo, para a cobiça e a luxúria, como disse Paulo Prado em *Retrato do Brasil* (1928). Por isso, surge a necessidade de se definir o Brasil através dos sentimentos. Para este autor, trata-se de um ponto negativo na formação do brasileiro, pois os excessos e as paixões desgastam o homem de tal forma, que o resultado disso é uma tristeza profunda. Podemos pensar, por exemplo, na epígrafe de *Retrato do Brasil*, que é uma passagem também literária de Capistrano de Abreu<sup>36</sup>, na qual ele define o jaburu como a ave que simbolizaria o Brasil: uma ave triste, sorumbática e gorda, que caracterizaria justamente o resultado do excesso de cobiça e luxúria registrado por Paulo Prado. Para ele, essa experiência apaixonada da colonização seria responsável pela completa desorganização e instabilidade do país.

---

<sup>36</sup> [O jaburu...] a ave que para mim simboliza nossa terra. Tem estatura avantajada, pernas grossas, asas fornidas, e passa os dias com uma perna cruzada na outra, triste, triste, daquela austera, apagada e vil tristeza.

A categoria das paixões e do sentimentalismo apresentada por Paulo Prado é retomada por Gilberto Freyre em *Casa-grande & senzala*, mas por um outro viés, com outro sentido e de forma bastante positiva. Na verdade, o ensaio freyreano foca muito mais a luxúria, através do tema da sexualidade, da comilança, dos festejos, do que a cobiça. A idéia do excesso é marcada de forma peculiar através da noção de trópico. Segundo o autor, o trópico seria o espaço natural da abundância dos recursos naturais, da temperatura alta, do solo fértil e, portanto, espaço para os excessos (paixões) humanos. Contudo, a luxúria é relativizada por Gilberto Freyre, ao mostrar que nem sempre ela se dava de forma natural, isto é, não se tratava apenas de uma satisfação sexual. Quando pensamos no descomedimento sexual, por exemplo, é preciso lembrar que faltavam mulheres brancas na colônia. Nesse contexto, o excesso sexual entre colonizadores e índias era positivo para o povoamento da região. Da mesma forma, havia a necessidade de multiplicar os escravos negros; nesse sentido, o exagero sexual, a luxúria para Paulo Prado, também desempenhava um papel racionalmente importante para aumentar a força de trabalho dentro do sistema escravocrata.

Como a obra é baseada nos antagonismos da nossa colonização, Gilberto Freyre coloca também os problemas desse sentimentalismo, das paixões, como, por exemplo, a ampla ocorrência da sífilis, o que será abordado inúmeras vezes em *Casa-grande & Senzala*. A obra mostra que o clima de orgia sexual acarretará a sifilização da sociedade brasileira, causando mortes de várias pessoas, sobretudo dos índios. Assim a obra segue e termina, sempre mostrando os dois lados da moeda, embora haja nitidamente a escolha de um lado, com mais ênfase.

Ao contrário de Paulo Prado, Gilberto Freyre elege o lado positivo desse sentimentalismo na colonização brasileira. Além de ter produzido uma sociedade original na sua composição física, nos seus costumes e na sua cultura, questão abordada inúmeras

vezes nessa tese, as paixões foram o elemento capaz de promover a integração entre senhor e escravo, possibilitando a troca de experiências.

É importante observarmos que o descomedimento dos sentimentos, as paixões de forma desregrada eram algo ligado às classes baixas — aos camponeses, na Europa — portanto pertencem ao espaço do popular. A aristocracia deveria ser provida de razão suficiente para saber dosar os excessos, e, nesse sentido, o catolicismo europeu contribuía no controle e aferimento dos abusos e da luxúria. A manutenção dessa fundamental diferença entre nobres e plebeus garantia o distanciamento hierárquico entre as classes. A perspectiva positiva na colonização portuguesa, apontada em *Casa-grande & Senzala*, é de que a ênfase da emoção e das paixões tem como consequência a aproximação entre senhor e escravo. Não se trata de superação das diferenças, mas de uma diminuição da distância entre colonizador, negros e índios, propiciando a troca cultural e física (miscigenação). Para Freyre, o regime aristocrático português é marcado pela proximidade e não pela distância. Essa proximidade permitiu que se formasse uma das culturais mais ricas e mais diversificadas do mundo ocidental.

Tal característica, como já vimos, será solidificada em nossa sociedade. Como toda questão freyreana, trata-se de uma ideologia que traz consequências antagônicas. Por um lado é uma visão benéfica, porque permitiu maior aceitação da cultura africana como parte fundamental da nossa composição, em um período do século XX em que se dava ênfase às idéias arianas, à pureza racial em todo o mundo. No Brasil ainda se condenavam muitas manifestações “não-européias” — os terreiros de candomblés, por exemplo, eram proibidos em muitos lugares e perseguidos pela polícia. Não só os terreiros de candomblés e macumba, mas também as músicas provindas dos atabaques e tantas outras manifestações africanas, tão bem representadas em *Casa-grande & Senzala* devido à sua importância para a preservação da memória, eram proibidas e reprimidas pela polícia. Os

terreiros eram fechados e os pais e mães-de-santo presos. Em 1905, por exemplo, o toque de atabaques foi proibido no Carnaval de Salvador, para que a festividade não passasse a imagem de cultura negra. Até a década de 1930, frequentar terreiros de candomblé ou vadiar nas rodas de capoeira eram crimes punidos por lei. Nesse sentido, a obra de Gilberto Freyre propõe uma reavaliação do tema da miscigenação brasileira e consegue inflamar um novo sentimento de nacionalidade. Poucos anos mais tarde, o Governo Vargas se apropria dessa ideologia para fortalecer as bases do Estado-Nação, chegando, até mesmo, a legalizar a capoeira em 1937 e a considerá-la manifestação que representava genuinamente o brasileiro.

A forma da escrita também foi um ponto benéfico de *Casa-grande & Senzala*, na medida em que revolucionou os parâmetros da época, acostumado ao uso do português “bem” escrito, da norma culta, do vocabulário difícil e bacharelesco. Gilberto Freyre utilizou um português muito bem escrito, mas num tom de conversa, que remete à forma pela qual ele descreve a formação do nosso falar, na qual os escravos mastigavam as palavras européias, assim como as escravas faziam com a comida na hora de alimentar as crianças, filhas dos senhores de engenho. A comida era mastigada, formando uma espécie de “papinha” própria para a mastigação do bebê. O autor exemplifica muito bem essa questão quando aborda o uso dos pronomes no falar do Brasil: o aristocrático “dê-me isso, por favor” é mastigado no popular “me dê isso aqui”. Nesse sentido, *Casa-grande & Senzala* chega revolucionando os conceitos científicos e a tradição moral da época, funcionando mesmo como uma metáfora da casa-grande, na qual os valores aristocráticos e populares convivem em proximidade no próprio texto sem, entretanto, confundir-se.

É também uma obra positiva porque recupera o nosso passado como um elemento de explicação do presente, de seus traços e impasses. O ensaio assume uma posição política quando é utilizado pelo autor como proposição para alterar a nossa realidade. A

relação entre presente, passado e futuro é a chave principal do seu pensamento e se une com a sua visão sobre o intra-histórico na constituição da sociedade. Portanto, é um ensaio que toma como núcleo da sua reflexão sobre a história os agentes populares, em vez dos acontecimentos oficiais.

A obra está inserida em um quadro histórico de alterações políticas no Brasil de 1930, momento no qual o debate sobre a formação nacional fez parte do cenário político que acabava por alterar o poder e o lugar de grupos regionais e governamentais. Portanto, foi um momento de reorganização administrativa do Estado, e, dessa forma, é possível distinguirmos o caráter político da explicação de Gilberto Freyre, na medida em que procura compreender os caminhos e os entraves que terão essas alterações político-sociais.

Criando um elo para promover a união com o outro lado antagônico da idéia de democracia racial, podemos entender a casa-grande freyreana como um espaço onde as relações de poder são muito bem definidas, o espaço de proteção do colonizador e, ao mesmo tempo, o lugar da confraternização/aproximação, um lugar onde o senhor pode tirar proveito de tudo o que é preciso sem correr riscos, sem se deixar vencer. Em um de seus cadernos de rascunho<sup>37</sup>, o autor escreveu que “A senzala faz as vezes de ponte entre este mundo estranho e formidável e o isolamento da casa-grande, que representa a tentativa de vida e hábitos em meio agrestemente tropical.”.

A partir desse ponto, podemos passar exatamente para o outro lado da moeda, no qual a idéia de democracia racial acaba fortalecendo as diferenças entre classes. Ou seja, a sensação de miscigenação cultural e étnica mascara a luta de classes. É importante percebermos que, muito mais que ideologia, estamos diante de um mito que intensifica a idéia de unidade nacional (do brasileiro híbrido, a mistura de todos) e, conseqüentemente, a sensação de que a nação brasileira é contemporizadora e, portanto, não-violenta. A nação

---

<sup>37</sup> Apontamentos, caderno de notas (s/nº). Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre.

fica preservada em sua integridade, a partir da noção de que a sociedade brasileira é fruto de uma união democrática entre índios, negros e brancos. Se fomos capazes de tal façanha, devemos estar associados à imagem de pacificadores, e nunca ligados ao autoritarismo e à tirania. No entender desta pesquisa, esse é o nó que Gilberto Freyre não foi capaz de desfazer.

Não obstante, gostaríamos de finalizar retornando à primeira perspectiva desse jogo que é *Casa-grande & Senzala*, lembrando que, pela primeira vez, um intelectual branco e brasileiro, amplamente reconhecido, nos traz elementos de valorização da cultura negra numa época em que a sua valorização era condenada pelos governos e pela sociedade. Enquanto o mundo pregava a pureza racial, Gilberto Freyre enaltecia a cultura brasileira afirmando, afirmando que o grande diferencial do brasileiro, aquilo que o torna mais rico culturalmente dos demais povos é justamente a sua composição híbrida, que o faz um indivíduo plural e maleável. Para tal comprovação o autor desobedece às linhas do pensamento e do discurso científico da época, criando uma escrita híbrida, com estrutura e estilo que retratam o próprio objeto de estudo – o brasileiro.

Esperamos, por fim, que esta tese tenha contribuído para a reflexão de nossos dilemas presentes à luz de *Casa-grande & Senzala*, quando buscou recuperar elementos importantes na constituição de sentido da obra.

## 8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

*50 anos de CASA-GRANDE & SENZALA; exposição itinerante.* Catálogo organizado por Mário Chagas e Carlos Antônio Reis. Recife: Ed. Massangana/ FJN, 1983.

ADORNO, Theodor W. “O ensaio como forma” in. *Notas de Literatura I* (trad. Jorge de Almeida), (coleção Espírito Crítico), São Paulo: Duas Cidades; 34. ed., 2003.

ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. *Gilberto Freyre e a invenção do Brasil.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

ANDRADE, Manuel Correia de. (org.) *Gilberto Freyre: pensamento e ação.* Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Ed. Massangana, 1995.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquén de. “Deuses em miniatura: notas sobre genialidade e melancolia em Gilberto Freyre.” in. *Navegar é preciso, viver: escritos para Silviano Santiago.* Organizado por Eneida Maria de Souza e Wander Melo Miranda. Belo Horizonte: Editora UFMG; Salvador: EDUFBA; Niterói EDUFF, 1997.

\_\_\_\_\_. *Guerra e Paz: Casa-grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*, 2ª ed., São Paulo: Editora 34, 2005.

ARISTÓTELES, *A poética clássica* (tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruma), 7ª ed., São Paulo: Cultrix:1997.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.* (trad. Yara Frateschi), 4.ed. São Paulo: Hucitec/ Brasília: EDUNB, 1999.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski.* (trad. Paulo Bezerra), 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal.* (trad. Paulo Bezerra), 4.ed. (coleção biblioteca universal). São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- \_\_\_\_\_. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. (trad. Aurora Bernardini *et al.*) 3.ed.. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.
- BERNARDO, Gustavo. “O conceito de Literatura”. *in*. JOBIM, José Luís. *Introdução aos termos literários*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.
- BEZERRA, Paulo. “Polifonia” *in* BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRAUDEL, Fernand. Prefácio. *in*. FREYRE, Gilberto. *Padroni e schiavi: la formazione della famiglia brasiliana in regime di economia patriarcale*. Torino: G.Einaudi, 1965.
- BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. (trad. Francisco Paiva Boléo). Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929 – 1989): a Revolução Francesa da historiografia*. (trad. Nilo Odalia.) São Paulo: Ed. UNESP, 1997.
- BURKE, Peter. “Gilberto Freyre e a nova história”. *in*. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, USP, São Paulo, 9 (2), 1-12, outubro de 1997.
- CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol e outros. *A personagem de Ficção*. 3.ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.
- CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A Educação pela Noite*. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARDOSO, Fernando Henrique. “Um livro perene” (apresentação) *in* FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala*. 49.ed. São Paulo: Global, 2004.
- Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro*. (seleção e organização de Sylvio Rabello). Brasília: MEC/Imprensa Nacional, 1978.

- CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rêgo: Modernismo e Regionalismo*. (coleção Visão do Brasil) São Paulo: Edart, 1961.
- CASTRO, Silvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L & PM, 1996.
- CAVALCANTI, Saida Maria Costa. “Os verdes anos de Gilberto Freyre: germinações”. *in* Revista *Ciência & Trópico*, Recife, v. 18, nº 2, p.141-172, jul/dez., 1990.
- CHACON, Vamireh. *Gilberto Freyre: uma biografia intelectual*. Brasiliana v.387, Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana; São Paulo: Ed. Nacional, 1993.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.
- COUTINHO, Edilberto. *A imaginação do real: uma leitura da ficção de Gilberto Freyre*, Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1983.
- Cult – Revista Brasileira de Literatura*. (comemoração do centenário de Gilberto Freyre), Nº 32, São Paulo: Lemos Editorial, março de 2000.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- DAMATTA, Roberto. “Basta recordar os pés das chinesas: notas sobre Gilberto Freyre e o carnaval do Brasil. *in*. Anais do Seminário Internacional Novo Mundo nos Trópicos: Recife, 21 a 24 de março de 2000/ Fundação Gilberto Freyre; org. Fátimas Quintas. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2001, p. 55-64.
- Diário de Pernambuco*. (Entrevista com Gilberto Freyre, concedida a Arnon de Mello.), Recife, 12 jan. 1942. *in*. <http://bvfgf.org.br>
- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Obra Aberta*. 9.ed., São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.
- Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre* (org. Ângela de Castro Gomes). Campinas: Mercado de Letras, 2005.

*Expressão literária em Gilberto Freyre.* (Vários autores) Recife: Conselho Estadual de Cultura, 1981.

FALCÃO, Joaquim e ARAÚJO, Rosa Maria Barboza (orgs.) *O imperador das idéias: Gilberto Freyre em questão.* Rio de Janeiro: Colégio do Brasil/ UniverCidade/ Fundação Roberto Marinho/ Topbooks, 2001.

FALCÃO, Vânia L.S. de Barros. *Casa-grande & senzala: um espaço textual de tramas e confluências.* (tese de doutorado), inédito, Porto Alegre: UFRGS, 2003.

FEBVRE, Lucien. “Préface”. In. FREYRE, Gilberto. *Maitres et Esclaves.* (trad. Roger Bastide), Paris: Gallimard, 1952.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

FONSECA, Edson Nery da. *Um livro completa meio século.* Recife: Editora Massangana, 1983.

\_\_\_\_\_ (org.) *Casa-Grande & Senzala e a crítica de 1933 a 1944.* Recife: Comp. Ed. de Pernambuco, 1985.

\_\_\_\_\_ (org.). “Sessenta anos de ensaísmo literário, científico e artístico: colaboração de Gilberto Freyre em revistas nacionais e estrangeiras” in. *Ciência e Trópico*, Recife, 13 (2): 297-345, jul./dez., 1985.

\_\_\_\_\_ (org.) *Novas perspectivas em Casa-grande & Senzala.* Recife: Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1985.

\_\_\_\_\_. *Viagem em torno de Gilberto Freyre.* (CD-ROM 1) in. CD-Rom dos *Anais Seminário Internacional Novo Mundo nos Trópicos.* 2 volumes, Recife: FGF, 2000 – Textos também disponíveis na Biblioteca Virtual Gilberto Freyre (<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br>)

- \_\_\_\_\_. *Gilberto Freyre de A a Z: referências essenciais à sua vida e obra*. Rio de Janeiro: Zé Mário Ed. / Fundação Biblioteca Nacional, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. 8.ed. (trad. Salma Tannuns Muchail), São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOWLER, Alastair. *Kinds of Literature: Introduction to the Theory of Genres and modes*. London: Oxford University Press, 1982.
- FREYRE, Fernando de Mello. “Gilberto Freyre além do seu tempo.” in. *Anais Seminário Internacional Além do apenas moderno: Brasil séculos XIX e XX*. (vários organizadores). Brasília: CNPQ; Recife: FJN, Editora Massangana, 2001, p. 315-330.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 1.ed. Rio de Janeiro: Ed. Maia & Schmidt Ltda, 1933 e 36.ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O mundo que o Português criou*. (coleção documentos brasileiros), v. 28, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1940.
- \_\_\_\_\_. *Perfil de Euclides e outros perfis*. (coleção documentos brasileiros), v.41, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944.
- \_\_\_\_\_. *Ordem e progresso*. 2 vols. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959.
- \_\_\_\_\_. *Como e porque sou escritor*. João Pessoa: Universidade da Paraíba, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Manifesto Regionalista*. 4.ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Universidade de Brasília, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Além do apenas moderno: sugestões em torno de possíveis futuros do homem, em geral, e do homem brasileiro, em particular*. 2.ed. Rio de Janeiro: Topbooks/UniverCidade Editora, 1973.

- \_\_\_\_\_. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade – 1915-1930*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Alhos e bugalhos: ensaios sobre temas contraditórios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Seleção para jovens*. 3.ed. Recife: Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes/ Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Pessoas, coisas e animais*. 2.ed., Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Vida, forma e cor*. 2.ed., Rio de Janeiro: Record, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Três histórias mais ou menos inventadas*. Brasília: Editora Unb; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Palavras repatriadas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil*. 5.ed. São Paulo: Global, 2007.
- Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte: ensaios sobre o autor de Casa-grande & Senzala e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação desse seu livro*. (vários autores) Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1962.
- Gilberto Freyre na UNB*. (coleção Itinerários). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
- Gilberto Freyre entre nós: testemunhos de companheiros da Fundação Joaquim Nabuco*. Apresentação de Clóvis Cavalcante – Recife: FUNDAL, Editora Massangana, 1988.
- Gilberto Freyre em prosa e verso*. (CD áudio). Recife: Fundação Gilberto Freyre.

- GIUCCI, Guillermo e LARRETA, Enrique Rodríguez. “*Casa-grande & Senzala*. História da recepção”. in. FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. (Edição Crítica organizada por Guillermo Giucci e Enrique Rodríguez Larreta, UNESCO, 2000.
- HAMBURGER, Käte. *A lógica da criação literária*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986, coleção estudos.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2000.
- LE GOFF, Jacques, *História e Memória*. 5.ed. – Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LEENHARDT, Jacques. e PESAVENTO, Sandra Jatahy. (orgs.) *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. (trad. Maria Clara Cescato) – São Paulo: Edusp, 1996, (Ponta 13).
- LIMA, Luiz Costa. *A Aguarrás do Tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- \_\_\_\_\_. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LUKÁCS, Georg. “On the Nature and Form of the Essay”. in. *Soul and Form*. London: Merlin Press, 1974.
- LINS, Alvaro. “Regionalismo e universalismo”. in. *Jornal de Crítica*, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943.
- KOMINSKY, Ethel Volfzon; LÉPINE, Claude e PEIXOTO, Fernanda Aêas (orgs.). *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru: Edusc, 2003.

- MACHADO, Irene A. *O Romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Fapesp, 1995.
- MACHADO, Manoel Cabral. “Gilberto Freyre e a Sociologia no Brasil”, in *Revista Ciência & Trópico*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 13 (2): 217-232, jul./dez., 1985.
- MCNEE, Malcolm K. “O sublime e o monstruoso: a poética nacional-nomenal de Gilberto Freyre e Francisco de Oliveira” [Comunicação para ABRALIC, Simpósio: Leituras, multidisciplinares sobre o *topos* e seus sentidos na contemporaneidade, Rio de Janeiro/UERJ: Abralic, 4 de agosto 2006.]
- MELMAN, Charles. “*Casa-Grande & Senzala*”. (trad. Marcus do Tio Teixeira), in. *Um inconsciente pós-colonial, se é que ele existe*. Associatino Freudienne Internationale. – Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.
- MATOS, Potiguar. *Gilberto Freyre: presença definitiva*. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 1988.
- MELO NETO, João Cabral de. *Museu de tudo*, 1975, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MENESES, Diogo de Mello. *Gilberto Freyre*, 2.ed., Recife: Fundaj/ Editora Massangana, 1991.
- Métodos críticos para a análise literária* (vários autores) – (trad. Olinda Maria Rodrigues Prata) São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MOISÉS, Massaud. *Pequeno Dicionário de Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1981.
- MOTA, Carlos Guilherme. “Cristalização de uma ideologia: a ‘Cultura Brasileira’”. in. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974) – Ensaio 30* – São Paulo: Ática, 1977.
- MOTA, Carlos Guilherme. “Revisitando o *Mundo que o Português Criou*”. in. Anais do Seminário Internacional Novo Mundo nos Trópicos: Recife, 21 a 24 de março de

2000/ Fundação Gilberto Freyre; org. Fátimas Quintas – Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2001, p. 248-254.

MORAES, Marcos Antonio de. (org., introdução e notas). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, USP, 2000.

OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista: o ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2006.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. “Gilberto Freyre e a Inglaterra”. in. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, USP, São Paulo, 9 (2), 13-38, outubro de 1997.

\_\_\_\_\_. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Leituras Cruzadas: diálogos da História com a Literatura*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2000.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. 9.ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

QUINTAS, Fátima (org.). *O cotidiano em Gilberto Freyre*. Recife/Brasília: Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana/ CNPQ, 1992.

\_\_\_\_\_. (org.) *A obra em tempos vários*. Recife: Editora Massangana/ FJN; Embaixada da Espanha – Centro Cultural Brasil–Espanha de Recife/AECI - Agnecia Española de Cooperación Internacional; Prefeitura de Recife, 1999.

\_\_\_\_\_. (seleção) *As melhores frases de Casa-grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. (org.) *Evocações e interpretações de Gilberto Freyre*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2003.

- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. 7.ed.. Coimbra: Ed. Almedina, 2002.
- RESENDE, Beatriz. “Da *Bagaceira* ao Manguê Beat – um panorama” (Dossiê) in. Revista *EntreLivros*, nº 03, Ano I, ISSN 1808-1010 São Paulo: Duetto Editorial, 2006.
- Revista *EntreLivros*. “Dossiê – Gilberto Freyre”, nº 08, Ano I, ISSN 1808-1010 São Paulo: Duetto Editoria, 2006.
- Revista *Ciência & Trópico*, Recife: v.11, nº 2 (*Casa-grande & Senzala* meio século depois), p. 183-282, jul./dez, 1983.
- Revista *Ciência & Trópico*, Recife: v.15, nº 2 (edição especial Gilberto Freyre), p. 141-302, jul./dez, 1987.
- Revista *Ciência & Trópico*, Recife: v.28, nº 1 (“Gilberto Freyre: cem anos de nascimento”), p.1-150, jan./jun., 2000.
- Revista *Estudos Avançados*. (entrevista com Octavio Ianni. “O preconceito racial no Brasil), 12 (50), 2004, p. 6-20.
- RIBEIRO, Darcy. “Prólogo”. in. *Casa-grande y Senzala - Formación de la familia brasileña bajo el régimen de la economía patriarcal*. Caracas: Biblioteca Aycucho, 1977.
- RIBEIRO, João. “*Casa Grande e Senzala*” in. *Obras Completas de João Ribeiro – Crítica – os modernos*, v. IX, Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1952.
- RIEDEL, Dirce Côrtes. (org.) *Narrativa: ficção & história*. Rio de Janeiro: Imago editora, 1988.
- ROJAS, Carlos Antonio Aguirres Rojas. *Braudel, o mundo e o Brasil*. São Paulo: Cortez, 2003.
- ROCHA, João Cezar de Castro. “Gilberto Freyre e a escola paulista” in. *O exílio do homem cordial*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2004.

- SARAIVA, F.R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino Português*. 10.ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1993.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. “Gilberto Freyre e Portugal”. *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. nº 12, Curitiba, 1997.
- SILVA, Silvia Cortez. “Gilberto Freyre, *O Pornógrafo de Recife*” in. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.) *Minorias silenciadas*. São Paulo: Edusp/ Imprensa Oficial do Estado/ Fapesp, 2002.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1988.
- SOUZA, Roberto Acízelo. “Gêneros Literários” in. JOBIM, José Luís (org.) *Introdução aos termos literários*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.
- VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *O xará de Apipucos: um ensaio sobre Gilberto Freyre*. São Paulo: Casa Amarela, 2000.
- VELHO, Gilberto. “O significado da obra de Gilberto Freyre para a Antropologia Contemporânea”. in. Anais do Seminário Internacional Novo Mundo nos Trópicos: Recife, 21 a 24 de março de 2000/ Fundação Gilberto Freyre; org. Fátimas Quintas – Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2001, p. 115-116.
- VELOSO, Mariza e MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras: itinerários no Pensamento Social e na Literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- VENTURA, Roberto. *Casa-Grande & Senzala*, São Paulo: Publifolha, 2000 (Folha explica).
- VILA NOVA, Sebastião. “Cultura e sociedade em Gilberto Freyre” in. *Revista Ciência & Trópico*, Recife, v.19, n.2, p.311-326, jul./dez., 1991.
- WELLEK, René e WARREN, Austin. *Teoria da Literatura e metodologia dos estudos literários*. (trad. Luís Carlos Borges) São Paulo: Martins Fontes, 2003.

**Consultas a fontes primárias:**

- 01 – Prefácio à primeira edição de *Casa-Grande & Senzala* datilografado. Acervo da Fundação Gilberto Freyre.
- 02 – Correspondências de Francis B. Simkins a Gilberto Freyre. Acervo da Fundação Gilberto Freyre.
- 03 – Correspondências de Cícero Dias a Gilberto Freyre. Acervo da Fundação Gilberto Freyre.
- 04 – Correspondências de Carlos Drummond de Andrade a Gilberto Freyre. Acervo da Fundação Gilberto Freyre.
- 05 – Correspondências de Carlos Lacerda a Gilberto Freyre. Acervo da Fundação Gilberto Freyre.
- 06 – Correspondências de Florestan Fernandes a Gilberto Freyre. Acervo da Fundação Gilberto Freyre.
- 07 – Correspondências de Roger Bastide a Gilberto Freyre. Acervo da Fundação Gilberto Freyre.
- 08 – Correspondências de Fernand Braudel a Gilberto Freyre. Acervo da Fundação Gilberto Freyre.
- 09 – Correspondências de Georges Gurvitch a Gilberto Freyre. Acervos da Fundação Gilberto Freyre.
- 10 – Correspondências de Lucien Febvre a Gilberto Freyre. Acervos da Fundação Gilberto Freyre.
- 11 – Correspondências de H.B. Mencken a Gilberto Freyre. Acervos da Fundação Gilberto Freyre.

- 12 – Correspondências de José Lins do Rego a Gilberto Freyre. Acervos da Fundação Gilberto Freyre.
- 13 – Acréscimos às notas de *Casa-grande & Senzala* à mão livre. Acervo da Fundação Gilberto Freyre.
- 14 – Cadernos de notas com apontamentos à mão livre. Acervo da Fundação Gilberto Freyre.

9 - ANEXO.



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)